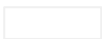


ANA MARIA DE SOUZA

**A LEI 10.639/2003 E A LITERATURA LUSO-AFRICANA
E AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA**

PORTO ALEGRE

2013



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LITERATURA
ESPECIALIDADE: LITERATURAS PORTUGUESA E LUSO-
AFRICANAS
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, IMAGINÁRIO E HISTÓRIA**

**A LEI 10.639/2003 E A LITERATURA LUSO-AFRICANA
E AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA**

ANA MARIA DE SOUZA

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MARIA DA GLÓRIA BORDINI

Dissertação de Mestrado em Letras
Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas,
apresentada como requisito para a
obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

**PORTO ALEGRE
ABR, 2013**



Dedico este trabalho a todos os que conseguem romper barreiras.

A minha família, pelo apoio sempre.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Maria da Glória Bordini (Orientadora)

Prof^a. Dra. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

Prof^o. Dr. Ernani Mügge

Prof^a. Dra. Regina da Costa da Silveira

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por tudo em minha vida e a minha mãe, que só estudou até ao 5º ano ginasial, mas que sempre me contou histórias e incentivou-me a estudar. Sua sabedoria não caberia em tão pouco espaço. A ela, o meu sempre obrigado. A minha família: meu marido pela ajuda de sempre, minha filha e genro pelo incentivo. À neta Ana Clara que veio para nos fazer ainda mais felizes.

Em segundo lugar, a todos os meus professores do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, da Escola de 1º e 2º Graus Danilo Corrêa, em Boca do Acre (AM), principalmente aqueles que me alfabetizaram. Aos professores de Literatura do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará, onde comecei minha graduação em Letras e aos professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial, aos meus professores de Literatura do curso de Mestrado desta instituição.

A professora Ana Lúcia Tettamanzy pelo companheirismo e por sua sabedoria que atravessa os muros da academia.

A professora Jane Tutikian pelo carinho e atenção sempre, desde os tempos da graduação.

Ao amigo Ernani Mügge e aos colegas professores, do município de Dois Irmãos, que de forma direta e indireta muito me ajudaram neste projeto, para que eu pudesse ter as coleções a serem analisadas.

Aos funcionários dessa universidade sempre prontos a nos ajudar nas grandes e pequenas coisas.

Aos colegas de curso que sempre nos acompanham nos cafezinhos, e que também nos ensinam durante todo nosso período de estudo, discussões e pesquisas. Em especial, minha amiga Cristina Mielczarski pelo seu apoio nas horas difíceis, e foram muitas, mas também nas alegrias. Rimos, conversamos, lemos e aprendemos bastante. Por ser minha primeira leitora, depois de minha orientadora. À Ana E. Mautone Gomes pelo apoio e incentivo, por acreditar em mim.

Meu agradecimento à minha Professora e Orientadora **Maria da Glória Bordini**, por ter se interessado pelo meu projeto e aceitado me orientar, privilegiando-me um pouco com sua enorme experiência e sabedoria como professora, e pesquisadora. Agradeço, também, pela amiga que por vezes se sobressai à orientadora, mostrando-me minhas limitações e os caminhos através

dos quais eu poderia superá-los. Não esquecerei suas aulas, seus ensinamentos. Agradeço a todos que fizeram e fazem parte de mais este momento de aprendizado.

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.

(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho se propõe analisar como tem repercutido no ensino fundamental II a lei nº 10.639/2003, alterada pela Lei nº 11.645/2008, que incluiu na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira no currículo escolar. Determinou também o ensino da cultura africana no Brasil como discussão sobre a prática do racismo, da discriminação e da desigualdade. No entanto, a promulgação da lei, embora represente um avanço no sentido da promoção da igualdade racial, infelizmente não garante sua realização. A análise é de natureza descritiva e verifica nas coleções de livros didáticos de Ensino Fundamental II como as disposições da Lei aparecem nessas coleções, propondo alternativas em Língua Portuguesa, focadas no aproveitamento das literaturas luso-africanas e afro-brasileiras. Conclui-se que, após dez anos de implementação da Lei, nos livros de língua portuguesa do Ensino Fundamental II ainda é preciso que se efetuem transformações quanto à quantidade de textos de autores afro-brasileiros e luso-africanos, e principalmente, quanto à concepção de ensino voltada para a desmistificação do continente africano em sua apresentação didática.

Palavras-chave: Lei 10.639/2003, Leitura literária, Discriminação racial, Livro didático.

ABSTRACT

This study aims to analyze how the Elementary School II has observed the Law No.10.639/2003, amended by Law No. 11.645/2008, which included in the Law of Guidelines and Bases of Education (LDB) the mandatory teaching of African History and Culture in Brazilian schools' curriculum. This law also determined the teaching of African culture in Brazil in order to discuss the practices of racism, discrimination and inequality. However, the enactment of the law, although it represents a step forward towards the promotion of racial equality, unfortunately cannot guarantee its achievement. The analysis is descriptive in nature and checks the collections of Elementary School II textbooks to verify how the provisions of the Law appear in them, proposing alternatives in Portuguese, teaching focused on the use of Luso-African-Brazilian literatures. We conclude that after ten years of implementation of the Law in the books of Portuguese Language of the Elementary School II still are needed transformations as to the amount of texts of Luso-Brazilian and Luso-African authors, and mainly as to the concept of an education aimed at demystifying the African continent in its didactic presentation.

Keywords: Law 10.639/2003, literary reading, racial prejudice, textbooks.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A LEI 10.639/2003.....	16
3. ESTUDOS AFRICANOS NA ESCOLA.....	22
4. LITERATURA E EMANCIPAÇÃO.....	34
5. O LIVRO DIDÁTICO E OS ESTUDOS AFRICANOS.....	40
5.1 As coleções didáticas.....	40
5.2 Os estudos africanos no livro didático.....	47
6. HISTÓRIA DE UMA PESQUISA DAS ATUAIS COLEÇÕES.....	50
7. AS COLEÇÕES DIDÁTICAS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE.....	54
8. ACHADOS DA PESQUISA.....	87
9. SUGESTÕES PARA OS ESTUDOS AFRICANOS NA ÁREA DE LITERATURA.....	92
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102
ANEXOS.....	107
ANEXO I Coleções analisadas.....	108
ANEXOII. Tabelas descritivas das coleções dos livros didáticos.....	110
ANEXO III Sugestões de livros infantis e juvenis de temática africana.....	227

INTRODUÇÃO

Esse trabalho se propõe à análise da repercussão da Lei 10.639/2003 nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, que compreende do 6º ao 9º ano, aprovados pelo Ministério da Educação (MEC), para serem usados nas escolas públicas e privadas, de 2011 até 2014. A pesquisa consiste em verificar, nos textos literários presentes nessas coleções, de que forma eles representam promoção da emancipação e a igualdade racial. Daí a pertinência de uma pesquisa voltada para tal tema, já que se discute no cotidiano da sociedade sobre o racismo como fonte de preconceito, reforçado pelos livros didáticos utilizados nas escolas.

Como assinala Kabengele Munanga,

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito inculcado na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. O que explica o coeficiente de repetência e evasão escolar altamente elevado do alunado negro, comparativamente ao do alunado branco. (MUNANGA, 2008, p.12).

A Lei nº 10.639/2003, alterada pela de número 11.645/2008, incluiu na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira no currículo escolar e determinou também o ensino da cultura africana no Brasil como discussão sobre a prática do racismo, da discriminação e da desigualdade.

Ainda de acordo com Kabengele Munanga (2006), o racismo pode assim ser caracterizado:

O racismo¹ é definido como um comportamento, uma ação que é resultado da aversão, algumas vezes ódio, para com as pessoas que tem uma pertença racial que é possível observar, por meio de traços como cor da pele, tipo de cabelo, forma dos olhos, entre outras, resulta da crença da existência de raças ou tipos humanos superiores e inferiores, na tentativa de se impor como única ou verdadeira (MUNANGA; GOMES, 2006).

¹ Para conhecer outros conceitos de racismo, cf. MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Nesse contexto, entende-se o racismo como uma ideologia, ou um processo pelo qual um grupo de pessoas, com base em características biológicas e/ou culturais, é estigmatizado como uma raça ou grupo étnico inerentemente inferior, em virtude de sua diferença. Tal diferença é usada como fundamento lógico para a exclusão dos membros desses grupos, do acesso a recursos aos mais diversos, materiais e não materiais, como, por exemplo, o direito ao trabalho e à educação. Na situação educacional, esses pseudoargumentos são empregados em comparação com os estudantes brancos.

Diante disso, a ideia deste trabalho é que o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, efetuado com compromisso e responsabilidade por parte dos professores, pode contribuir para valorizar a identidade negra e para que os alunos negros se fortaleçam, permaneçam estudando e aumentem seu percentual de escolaridade, até agora baixo. Conforme as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a escola deveria mobilizar-se para que princípios constitucionais de igualdade fossem viabilizados, mediante ações em que se trabalharia com questões da diversidade cultural e étnico-racial.

A Proposta do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10.639/2003, de 2008, diz que:

A educação, ao ser entendida como direito humano fundamental, implica que os estados têm a obrigação de garanti-la mediante sua promoção, proteção e respeito à diversidade de experiências e culturas, assegurando à população a igualdade de oportunidades para o acesso e a apropriação do conhecimento. Tais elementos orientam os princípios de uma educação de qualidade para todas as pessoas, ou seja, equidade, pertinência, relevância, eficácia e eficiência (UNESCO/OREALC, 2007). (MEC, 2008, p.10).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) sugerem que esses conteúdos deveriam ser estudados em todo o currículo escolar, desde os anos iniciais até a saída do aluno da escola, e que fossem contemplados mais especificamente nas disciplinas de Literatura, Educação Artística e História, indicando a necessidade de se conhecer e considerar a cultura dos diversos grupos étnicos que compõem a população brasileira.

Dessa forma, este estudo tem como intenção colaborar para a implementação da Lei 10.639/2003 na vida prática do ensino-aprendizagem, na área da leitura e literatura, pois, mesmo após 10 anos da implementação da Lei, ainda há professores em exercício, no Ensino Básico, que precisam de orientação, de material didático, além de cursos de formação continuada, para fazerem alguma diferença quanto aos propósitos dessa lei.

Tomando como *corpus* de análise as 16 coleções de livros didáticos para Ensino Fundamental II, recomendados pelo MEC, pode-se observar como os textos sobre negros são nelas incluídos e abordados, pois é consenso nessa área que o negro, africano ou afrodescendente em geral é representado, nesses livros, de forma negativa, contribuindo para a perpetuação de conceitos discriminatórios para com esses, que, ironicamente, no Brasil são a maior parcela da população, de acordo com o censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, divulgado em julho de 2011.

Se, na área de Letras, a história e a cultura africana aparecem através das literaturas, buscar-se-á verificar até que ponto esse referencial literário atuaria para que a escola e, portanto, a sociedade produzam novos conceitos sobre o ser negro.

O interesse por esta pesquisa surgiu durante a escolha do novo livro didático para o ano de 2011, de Língua Portuguesa, do 6º ao 9º ano, no município de Dois Irmãos, RS, época em que trabalhava numa escola daquele município. Naquele momento, depois de uma breve análise de algumas coleções enviadas para os professores e aprovadas pelo MEC, percebi que apenas uma tinha uma unidade inteira referente à África e as demais apenas continham textos informativos ou entrevistas de revistas a ela relacionadas. Na ocasião, tornou-se evidente que a escassez do material sobre a questão do negro e da cultura africana existente nos livros didáticos, instrumento usado por muitos professores no Brasil, principalmente em regiões mais distantes, onde não há bibliotecas, torna questionável a implementação e, portanto, o cumprimento da nova lei.

Diante de tal constatação, de que é através do livro didático que muitos alunos têm seu primeiro contato com a leitura e, portanto, com a literatura, é que essa pesquisa se justifica, pois a literatura tem a potencialidade de alterar pré-concepções e de permitir uma maior reflexão sobre a cidadania em seu conteúdo político e social, contribuindo para a formação intelectual e cultural.

À literatura, podem ser dirigidas as mais diferentes perguntas: as históricas, filosóficas, estéticas, políticas e outras; como tais aspectos pertencem aos seus momentos constitutivos, ela responderá a todas elas de modo às vezes mais, às vezes menos claro, sendo que, evidentemente, as premissas inerentes às respectivas perguntas sempre conduzem as respostas. (cf. ZILBERMAN, 1988).

Se a literatura tem a potencialidade de nos tornar melhores e de permitir um maior entendimento sobre cidadania, contribuindo para a formação e emancipação do sujeito, graças a seu valor estético, cabe a professores e alunos conhecê-la melhor.

O conceito de literatura varia de acordo com época em que é pensada, mas não podemos esquecer que nossa herança teórica vem dos filósofos gregos mais antigos e sua longa trajetória acumula muitos conceitos.

De modo geral, ela é compreendida como exercício artístico da linguagem. No entanto ela é usada na sala de aula, nos livros didáticos, como uma disciplina do currículo escolar com determinados objetivos pedagógicos. Vale lembrar que a literatura não deve ser vista apenas, como um texto utilitário, mas também como parte da formação do homem, como aponta Antonio Candido:

A literatura pode formar; mas não segundo a norma oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, - o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras. [...]. Dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. (CANDIDO, 1972, p.805).

Mas é a função social, assim denominada por Candido, aquela que diz respeito à identificação do leitor e de seu universo vivencial com o representado na obra literária, que lhe atribui diferentes finalidades. A partir do diálogo que estabelece com os leitores ela está diretamente relacionada à sua compreensão do mundo.

Por outro lado, se a literatura pode ser vista como conjunto de textos verbais que conquista o leitor, como num jogo, para que este aceite o status da sociedade, é também um lugar onde ideologias são desmascaradas, dependendo de como o leitor a interprete:

A literatura é um instrumento ideológico: um conjunto de histórias que seduzem os leitores para que aceitem os arranjos hierárquicos da sociedade? [...] Ou a literatura é o lugar onde a ideologia é exposta, revelada como algo que pode ser questionado? [...] Ambas as asserções são completamente plausíveis: que a literatura é o veículo de ideologia e que a literatura é um instrumento para sua anulação. (CULLER, 1999, p.45)

Partindo desses conceitos, a literatura teria a capacidade de fazer o leitor refletir ludicamente sobre seus problemas, pois o texto literário seria capaz de sugerir uma realidade mais profunda do que a realidade imediata. Se a literatura é capaz de proporcionar a vivência de situações impensáveis ou impossíveis, mesmo assim ela oferece ao leitor a possibilidade de encontrar, no mundo ficcional, por fantástico que seja, reflexos de suas próprias angústias, paixões, alegrias e desencantos.

Ao mesmo tempo, como ressalta Antonio Candido, a literatura expressa uma necessidade universal e um direito dos indivíduos em qualquer sociedade. Ela é fundamental ao processo de humanização que confirme

No homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1986, p.117).

Ainda sob essa mesma perspectiva, Marisa Lajolo enfatiza a importância da literatura estar presente no currículo escolar:

A leitura literária também é fundamental. É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. (LAJOLO, 2001, p.106).

Seus argumentos encontram eco no pensamento de Antonio Candido, em seu ensaio “O direito à literatura”, em que o teórico enfoca a relação da literatura com os direitos humanos:

Primeiro verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. A organização da sociedade pode restringir ou ampliar a fruição deste bem humanizador. O que há de grave numa sociedade como a brasileira é que ela mantém com a maior dureza a estratificação das possibilidades, tratando como se fossem compressíveis muitos bens materiais e espirituais que são incompressíveis. (CANDIDO, 2004, p.186).

A discussão em torno do tema proposto torna urgente esta pesquisa no meio acadêmico, tanto no que diz respeito à necessidade de se fazer cumprir a Lei e suas prescrições, como pela importância da participação da leitura literária na construção das identidades na escola, princípio que encontra eco nos teóricos que pensam a formação do professor e do aluno e que diz respeito diretamente dos direitos negados a população afro-brasileira (cf. Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga, Ana Célia Silva).

2. A LEI 10.639/2003

A Lei 10.639, promulgada em 9 de janeiro de 2003, tem sua motivação mais remota no período colonial, tempo em que os primeiros africanos foram trazidos para o Brasil, como alternativa à falta de mão de obra para o colonizador, Portugal.

Trazidos da África nos porões dos navios negreiros e em péssimas condições, muitos morriam durante a viagem. Desembarcados no Brasil eram vendidos como mercadorias para senhores donos de fazendas, principalmente engenhos, onde eram tratados com crueldade e violência física e moral.

Durante anos a escravidão foi tida como normal, sendo aceitável para uns, mas havia os que eram contra, que, por serem minoria, não tinham influência política para mudar a situação, prolongando-se a mesma por mais de trezentos anos. Um dos principais motivos para que isso continuasse era a economia, que dependia do trabalho escravo.

Somente na metade do século XIX começou a surgir o movimento abolicionista, que defendeu a extinção da escravidão no Brasil, tendo entre seus principais líderes Joaquim Nabuco e José do Patrocínio. Todavia é preciso lembrar que a luta empreendida pelos negros iniciava bem antes da abolição, através das fugas em massa, que deram origem aos quilombos.

No ano de 1850, os fatos principiaram a mudar com o decreto do fim do tráfico de escravos no Brasil. A libertação dos escravos foi ocorrendo na região sul do Brasil, com os fazendeiros empregando trabalhadores brasileiros e imigrantes estrangeiros (italianos e alemães) que recebiam salários. No Nordeste do Brasil, aos poucos, as usinas de açúcar foram substituindo os engenhos, o que reduziu o número de escravos. (COTRIN, 2010, p.45).

Somente em setembro de 1871 foi promulgada a chamada Lei do Ventre-Livre, uma das primeiras leis abolicionistas, que tornava livres os filhos de escravos, a partir daquela data, mas sob tutela dos seus senhores até os 21 anos. E em 1885 a Lei dos Sexagenários beneficiava os escravos com mais de 65 anos de idade, fatos que encaminharam à libertação dos escravos no Brasil.

A grande mudança se deu em 13 de maio de 1888. Através da Lei Áurea, a liberdade foi alcançada pelos negros brasileiros. Esta lei foi assinada pela Princesa Isabel (filha de D. Pedro II), abolindo a escravidão no país.

Veio à abolição, mas não o fim das dificuldades. As reformas agrária e educacional, pregadas pelos abolicionistas, nunca se efetivaram, tornando quase impossível a integração dos negros na sociedade, já que agora tinham que competir no mercado de trabalho com imigrantes aqui chegados.

A partir da década de 1930 surgem os primeiros estudos sobre a influência africana no Brasil. Essa discussão toma corpo a partir do momento em que se busca criar uma identidade nacional, formada por três componentes, o negro, o branco e o índio. Dentre os teóricos da questão podem-se citar Nina Rodrigues, Silvio Romero, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes. A preocupação desses autores era saber até que ponto a população brasileira fora influenciada pela cultura africana. Apesar das divergências entre esses autores, há elementos comuns entre eles, como, por exemplo, a ideia da inferioridade cultural do africano perante a cultura europeia, que fundamentava a noção de que o Brasil seria um país atrasado em função da miscigenação. A partir desses conceitos, o apagamento e desqualificação da influência africana foram sendo construídos.

Raymundo Nina Rodrigues, nascido em quatro de dezembro de 1862, na cidade de Vargem Grande, na então Província do Maranhão, era médico e defendia a tese de que havia uma hierarquia entre as raças. Quanto ao processo de miscigenação, formador do mulato brasileiro, diz ele o seguinte:

Em torno deste fulcro – mestiçamento –, gravita o desenvolvimento da nossa capacidade cultural e no sangue negro havemos de buscar, como e fonte matriz, com algumas das nossas virtudes, muitos dos nossos defeitos. (RODRIGUES, 1977, p.37).

Acreditava que a existência de civilizações entre os africanos era algo questionável e afirmava que dificilmente eles conseguiriam construir ou copiar padrões civilizacionais europeus com toda sua complexidade, além de sustentar que se sujeitavam ao domínio “branco-europeu” sem nenhuma resistência.

Segundo Nina Rodrigues,

A raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que revelem os generosos dos seus turiferários, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo. (RODRIGUES, 1977, p.7).

Já Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, nascido em Lagarto, Sergipe, em 21 de abril de 1851, formou-se em Direito, tornando-se um importante intelectual brasileiro do final do século XIX. Conhecido no meio acadêmico por Silvio Romero, não acreditava que os tipos miscigenados fossem os mais inferiores, chegando mesmo a argumentar, no primeiro tomo de sua *História da Literatura Brasileira*, que o cruzamento entre raças no Brasil seria o indicativo da constituição de um novo tipo racial.

Um dos mais conhecidos teóricos brasileiros, o sociólogo e antropólogo Gilberto de Mello Freyre nasceu em Recife, em 15 de março de 1900. Autor de, entre outros, *Casa-grande e senzala* (1933), livro que até hoje causa grande polêmica entre intelectuais brasileiros, ele valoriza a mestiçagem de origem africana. Apresenta o “mestiço” como um homem moderno, adaptado aos trópicos.

Conforme Alberto Luiz Schneider (2012) em *Iberismo e luso-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre*:

Além de fomentar a aceitação interna da tese, o pensamento gilbertiano serviu como um contraponto ao racismo predominante em países como Estados Unidos e África do Sul, levando os brasileiros a acreditarem na condição não racista do país, muito em função da “natureza” miscigenadora da colonização portuguesa. (SCHNEIDER, 2012, p.90).

Em função deste pensamento, comenta Antonio Candido:

Esse Gilberto Freyre da nossa mocidade, cujo grande livro sacudiu uma geração inteira, provocando nela um deslumbramento como deve ter havido poucos na história mental do Brasil [...] misturando à linhagem aristocrática uma grande simpatia pelo povo, que o levava a combater as ditaduras e acreditar nas virtudes da mestiçagem como fator democrático, que deveria produzir nestes trópicos uma civilização ao mesmo tempo requintada e popular, herdeira da Europa e criadora de um nobre timbre próprio. [...] Depois disso, no correr dos anos mudou bastante. Mudou demais. (CANDIDO, 1993, p.82).

Em pleno século XX, Florestan Fernandes, em *A integração do negro na sociedade de classes*, sua tese em Sociologia, reconstrói o drama que o negro vivera na difícil adaptação a uma sociedade de trabalho livre (nos anos que sucederam a Abolição), fruto de um passado sofrido e degradante social, cultural e moralmente.

Segundo ele, com a queda do modo de produção escravocrata, os senhores de algumas localidades, que já viviam a decadência econômica, começaram a se livrar de parte da mão de obra escrava, mesmo antes da Abolição, que só ocorreria em 13 de maio de 1888. Naquela época, houve uma migração considerável de negros e mulatos para as áreas urbanas à procura de progresso em suas vidas.

Para o autor, o déficit negro, a incapacidade dos negros (deformados psicologicamente pela opressão escravista) de se adaptarem às exigências de uma sociedade capitalista em transformação, dificultava sua integração à sociedade de classes nas primeiras décadas do século XX.

Fica subentendida no texto de Florestan a superioridade moral e cultural do branco sobre o negro, já que este só teria condições de superar sua condição de marginalizado com sua reeducação dentro dos padrões capitalistas sustentados pelos brancos.

A tese de Fernandes, analisada por Daniel Antonio Coelho Silva e Danilo Nunes de Carvalho, teve o mérito de exercer:

[...] um papel fundamental para a sociedade brasileira, pois desmistificou o caráter harmonioso da escravidão no Brasil. Comprovou que, mesmo após o fim do modo de produção escravista, os negros continuaram marginalizados e sem condições objetivas de ascender socialmente na sociedade de classes que então se constituía no país. (SILVA E CARVALHO, 2010, p.17).

Todavia, segundo esses críticos, em *A integração do negro na sociedade de classes: a resistência negra sob a perspectiva marxista*,

De acordo com os argumentos teóricos de Florestan a abolição da escravidão se deu muito mais por causa da incompatibilidade do modo de produção escravista com o desenvolvimento do mercado capitalista do que necessariamente pela luta dos escravizados contra a ordem econômica e social tradicional. E com isso este pensamento acaba por reforçar a visão de passividade e incapacidade do negro de organizar um protesto capaz de abalar a ordem senhorial, assim como também minimiza as fugas dos escravos, o assassinato de feitores e senhores e a formação de quilombos por quase todos os estados do Brasil. (SILVA E CARVALHO, 2010, p.17).

É importante perceber que muitas das considerações feitas por Florestan Fernandes a respeito das condições de possibilidade de superação das desigualdades raciais continuam a guiar o pensamento de uma grande parte da

intelectualidade acadêmica, sobretudo naqueles indivíduos hoje contrários às políticas afirmativas.

Esses estudos atuais permitem afirmar que o fim da escravidão no Brasil não significou um reconhecimento da contribuição cultural, social e histórica das populações de origem africana. Bem pelo contrário, perpetuou um sistema de segregação racial.

Ivan Costa Lima em *As propostas pedagógicas do movimento negro no Brasil: pedagogia interétnica, uma ação de combate ao racismo*, procura descortinar com seus argumentos que o:

“mito da democracia racial” oculta as diferenças raciais e culturais na sociedade brasileira, e que procura ser um espaço legitimador da ideologia do embranquecimento que norteia a política educacional há muito tempo. Política que caracteriza o racismo no Brasil se alimenta das ideologias, das teorias e dos estereótipos de inferioridade-superioridade raciais que se conjugam com a política de imigração europeia, para “apurar a raça brasileira” e com a não legitimação, pelo Estado, dos processos civilizatórios indígenas e africanos, constituintes da identidade cultural da nação. (LIMA, 2004, p.2).

Impelida pelos movimentos negros desde a década de 1960, a busca da igualdade determinou a necessidade de uma legislação inclusiva, a Lei 10.639/2003, que nasceu como política para assinalar as diferenças sociais advindas do processo de escravização do negro no Brasil e também para reconhecer a participação da população afrodescendente na construção histórica do país. Surgiu como elemento para a construção de uma identidade positiva do negro, não só para a sociedade, mas para ele próprio, que foi obrigado a viver em terras estrangeiras, mas sua origem também pode ser buscada nas leis educacionais passadas que citaram a questão racial (Lippold, 2008, p.73), como por exemplo, a Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961, a qual dizia:

TÍTULO I

Art. 1º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:

- a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
- b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
- c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
- d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
- e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;

- f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
- g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça.

Desta forma a Lei 10.639/2003 nasce juntamente com os movimentos populares emancipatórios, mas esse anseio só veio a ser atendido em 09 de janeiro de 2003, com a promulgação feita pelo então presidente da república Luís Inácio Lula da Silva, da lei oriunda do Projeto de Lei nº 259, apresentado em 11 de março de 1999, pela ex- deputada Esther Grossi (RS) e pelo ex-deputado Ben-Hur Ferreira (MS). Essa Lei é uma das estratégias para recuperar a história e a cultura africana e afro-brasileira, ampliando a autoestima e o reconhecimento da importância dessa cultura no contexto do país que somos hoje. E justifica-se por todo passado histórico de modelo excludente que impediu milhões de brasileiros de terem acesso à escola e principalmente de serem incentivado a nela permanecerem. É isso que comprova, por exemplo, o Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, no seu Artigo 69, parágrafo 3º: “Não serão admittidos² a matrícula, nem poderão frequentar as escolas: §3.º Os escravos”. Além disso, segundo tal decreto, a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. Já o Decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, no seu artigo §5º, estabelecia que os negros acima de 14 anos só podiam estudar no período noturno.

Em “A natureza do preconceito”, Bobbio afirma: “Apenas posso dizer que os preconceitos nascem na cabeça dos homens. Por isso, é preciso combatê-los na cabeça dos homens, isto é, com o desenvolvimento das consciências e, portanto, com a educação, mediante a luta incessante contra toda forma de sectarismo” e complementa “Não há outro caminho para combater o preconceito racial senão uma educação orientada por valores universais”. (BOBBIO, 2002, p.130).

Torna-se evidente que, ante esse panorama socioeducativo, uma das mais importantes ferramentas para romper com a estrutura eurocêntrica que desvaloriza o negro e que até hoje caracteriza a formação escolar brasileira é apresentar a História da África aos alunos, nas suas relações com o Brasil, a partir dos ditames da Lei 10.639/2003, modificados pela lei 11.645/2008, a fim de que brancos e negros compreendam e aceitem suas diferenças.

² Grafia conforme a época em que a Lei foi promulgada.

3. ESTUDOS AFRICANOS NA ESCOLA

Com a chegada dos portugueses no Brasil instituiu-se a história da educação brasileira. Desde então se evidenciou a imposição de uma pedagogia europeia em nosso país, ignorando-se as práticas educacionais das populações indígenas e, posteriormente, as dos africanos que foram trazidos, como escravos, para o Brasil.

Ao longo dos anos, inúmeras foram as mobilizações por parte de representações dos movimentos negros e demais segmentos da sociedade empenhada em atingir de fato a igualdade de direitos para todos no país. Na *Conferência Internacional A Reparação e Descolonização do Conhecimento*, Otto Vinícius Figueiredo, em Salvador, nos lembra de que:

Durante o século XX intensificam-se as reivindicações e as demandas por educação pelos afro-brasileiros, através de suas organizações e representações políticas, intelectuais e culturais. Um dos grandes apelos à educação dos negros no Brasil veio da Frente Negra Brasileira³, a mais importante entidade negra da época, por sua duração, ações concretas realizadas e pela presença em diferentes estados brasileiros. (FIGUEIREDO, 2007, p.117).

Em janeiro de 2003, ocorreu o que muitos chamaram de grande avanço da política educacional brasileira. O então presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei 10.639/03, que altera o texto da LDB, Lei 9.394/96 de *Diretrizes e Bases da Educação*, e estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos estabelecimentos oficiais e particulares da educação básica, ensino fundamental e médio. O texto da lei em seu parágrafo primeiro, artigo 26 A, diz que:

§ 1 O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

³ “A Frente Negra foi um movimento social que ajudou muito nas lutas pelas posições do negro em São Paulo. Existiam diversas entidades negras. Todas essas entidades cuidavam da parte recreativa e social, mas a Frente veio com um programa de luta para conquistar posições para o negro em todos os setores da vida brasileira. A Frente Negra Brasileira foi fundada em 16 de setembro de 1931 e durou até 1937, tornando-se partido político em 1936. Foi a mais importante entidade de afrodescendentes na primeira metade do século, no campo sociopolítico”. (cf. FIGUEIREDO, 2007, p.117)

A Lei refere-se a diversas temáticas a serem estudadas nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira, dentre outras. Segundo Edmilson de Almeida Pereira (2008, p.8), “a inclusão dos valores culturais afro-brasileiros nos currículos escolares representa o reconhecimento de uma dívida da sociedade para com os africanos e seus descendentes”.

É importante perceber que não se pretende com a Lei dar resposta a todas as injunções de uma sociedade excludente, mas trata-se de admitir a potencialidade que a promulgação da Lei apresenta, na medida em que, pela primeira vez na legislação educacional brasileira, reconhece-se o desconhecimento sobre a cultura e a história da África e mesmo do nosso país e, nessa medida, aponta-se para os silêncios plenos de significação de nossa História.

Diante disto, surge a necessidade de se desfazerem os equívocos que deturpam as culturas de origem africana, principalmente aqui no Brasil, onde se desenvolveram relações de trabalho escravo. Desde a década de 1950 há pesquisas nessa área, como é o caso de Ana Célia Silva, que estudou a presença do negro em livros didáticos. A autora constatou que neles, na maioria das vezes, o negro aparece de forma pejorativa.

O primeiro desses trabalhos analisou seis livros didáticos, investigando o ideal de realidade que autores pretendem inculcar nos seus leitores. Nesses livros, Esmeralda V. Negrão identificou a representação do negro em situação social inferior a do branco, personagens negros são tratados com desprezo, bem como a representação da raça branca como sendo a mais bela e a mais inteligente. (SILVA, 2004, p.25).

Mas como ensinar o que não se conhece? A Lei 10.639/2003 revela algo a que os especialistas em História da África vêm alertando há certo tempo: “esquecemos” de estudar o continente africano (OLIVA, 2007). Já é tempo de voltar os olhares para a África, pela sua relevância incontestável como palco das ações humanas e pelas profundas relações que o Brasil guarda com aquele continente por meio do Atlântico.

Anderson Ribeiro Oliva (2003) observa em sua pesquisa sobre *A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática*, que:

Quantos de nós estudamos a África quando transitávamos pelos bancos das escolas? Quantos tiveram a disciplina História da África nos cursos de História? Quantos livros, ou textos leu sobre a questão? Tirando as breves incursões pelos programas do National Geographic ou Discovery Channel, ou ainda pelas imagens chocantes de um mundo africano em agonia, da AIDS que se alastra, da fome que esmaga, das etnias que se enfrentam com grande violência ou dos safáris e animais exóticos, o que sabemos sobre a África? Paremos por aqui. Ou melhor, iniciemos tudo aqui. (OLIVA, 2003, p.423).

No livro *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*, Munanga (1999) denuncia como alguns autores europeus considerados clássicos em nossos currículos de graduação e pós-graduação defendem teorias racistas,

Na vasta reflexão dos filósofos das luzes sobre a diferença racial e sobre o alheio, o mestiço é sempre tratado como um ser ambivalente visto ora como o “mesmo”, ora como o “outro”. Além do mais, a mestiçagem vai servir de pretexto para a discussão sobre a unidade da espécie humana. Para Voltaire, é uma anomalia, fruto da união escandalosa entre duas raças de homens totalmente distintas. A irreduzibilidade das raças humanas não está apenas na aparência exterior: “não podemos duvidar que a estrutura interna de um negro não seja diferente da de um branco, porque a rede mucosa é branca entre uns e preta entre outros”. Os mulatos são uma raça bastarda oriunda de um negro e uma branca ou de um branco e uma negra. (MUNANGA, 1999, pág.23).

Portanto, para conhecer a África, é preciso abandonar velhos estereótipos e ideias preconcebidas e buscar, para além da percepção do seu conjunto como bloco homogêneo e uniforme, as singularidades dos seus grupos sociais que durante séculos foram sufocados pela sujeição política, econômica e social. Assim é possível perceber que não existe uma África, mas várias, o que redundará em uma atenção muito maior à diversidade de etnias e culturas. Desse modo, a obrigatoriedade da inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica não é uma decisão limitada apenas à área dos currículos, resultando em mais um conteúdo na grade escolar.

Primeiramente trata-se de uma decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores e na autoestima dos negros, que, nesse conhecimento de alteridades, ver-se-iam representados de outra forma. A observância da Lei poderia reparar danos que discursos e imagens negativas, presentes nos livros didáticos de Português e História, entre outros, determinaram ao longo do tempo.

Seria ingênuo pensar que a Lei 10.639/2003 vem resolver todos os problemas da educação ou mesmo do racismo. É evidente que ainda existem lacunas a serem preenchidas. No entanto, ela permite discutir o problema, sendo um dos caminhos para se debaterem questões como, por exemplo, as cotas para as minorias nas universidades públicas, entre outros temas.

Sendo o livro didático ainda uma ferramenta muito usada pelos professores e, em geral, pelos atuantes na Educação Básica (série iniciais e séries finais), há a tendência a sacralizar esse instrumento pedagógico, por vezes, sem o cuidado necessário, pois em muitos casos ele se constitui como parte significativa da construção da identidade infantil, podendo desencadear na criança negra uma autonegação e baixa autoestima, tendo como séria consequência a evasão escolar ou ainda a desistência da escola.

Por outro lado, a criança branca percebe que é diferente na escola e na sociedade, e poderá também reproduzir comportamentos de superioridade. A criança negra que recebe na escola esse ensinamento conservador acaba fixando a ideia de que ela representa a miséria, a feiura e a preguiça. E mais: que só serve para profissões consideradas de menor importância, com baixos salários, e que só pode aspirar ao sucesso social assumindo papéis como os de lutadores, atores, cantores ou ainda jogadores de futebol (essas poucas representações positivas perceptíveis na sociedade). Dessa forma, a escola tende a reforçar as discriminações ainda presentes nas comunidades.

Mas em se tratando da prática docente, como o professor aborda a temática? E que materiais e recursos utiliza para tanto? Alguns professores não tratam da temática africana em sala de aula porque não se consideram capacitados para tal, outros porque a capacitação não lhes foi oferecida, ou porque não são graduados, ou porque não faz parte do plano pedagógico da escola trabalhar com essa temática, ou pior, porque na escola em que trabalham não há público negro. Vários são, pois, os motivos para a implementação da lei não acontecer.

Assim a História da África nas escolas continua uma questão não respondida; e talvez demore mais algum tempo para que possamos — professores e alunos — atendê-la com desenvoltura. Apresentar a cultura africana, mesmo não sendo uma tarefa simples, é algo necessário e urgente. Mas as limitações são muitas, ao mesmo tempo em que se relacionam. Os preconceitos existentes na sociedade

brasileira se refletem, de certo modo, no desinteresse das áreas de graduação, principalmente nas de Letras e Pedagogia, no despreparo de professores e na desatenção de editoras em relação ao tema.

Retomando o pensamento de Oliva (2003), ele constata que:

É óbvio que muito se tem feito pela mudança desse quadro. Nesse sentido [mencione-se] a ação de alguns núcleos de estudo e pesquisa em História da África montados no Brasil, como o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), da Universidade Federal da Bahia, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos e o Centro de Estudos Afro-Brasileiros, da Universidade Cândido Mendes (UCAM), e o Centro de Estudos Africanos, da USP. Enalteça-se a iniciativa legal do governo, do movimento negro e de alguns historiadores atentos à questão. Ressalte-se a ação de algumas instituições e professores que têm promovido palestras, cursos de extensão e oferecidos ou propostos cursos de pós-graduação em História da África, como na UCAM e na Universidade de Brasília (UNB) lacunas e silêncios. A obrigatoriedade de se estudar África nas graduações, a abertura do mercado editorial — traduções e publicações — para a temática, até a maior cobrança de História da África nos vestibulares são medidas que tendem a aumentar o interesse pela História do Continente que o Atlântico nos liga. Talvez assim, em um esforço coletivo, as coisas tendam a mudar. (OLIVA, 2003, p.455).

Nos dias de hoje, países africanos ainda são representados como lugares atrasados, primitivos, inóspitos. Sua cultura é desconhecida também por muitos educadores. As universidades não preparam os professores para esse conteúdo exclusivo. Isso só mudará, de fato, se professores (negros e brancos) assumirem a tarefa de forçar as instituições de ensino universitário a incluírem a disciplina de Estudos Africanos como obrigatória.

Fazendo uma avaliação interna sobre a maneira pela qual os próprios africanos estariam reagindo no que tange particularmente à sua diversidade étnica, cultural, linguística e religiosa, o escritor moçambicano Mia Couto acredita que:

Estamos prisioneiros de uma imagem de África que, afinal, foi criada fora de África. Falamos do nosso continente com demasiada facilidade. Dizemos “África” como se houvesse uma única realidade homogênea e monolítica. Quantas Áfricas existem em África? Em nome da reivindicação de uma identidade podemos adoptar visões redutoras e simplistas da nossa verdadeira e complexa identidade. (COUTO, 1998, p.110).

Se assim acontece em Moçambique, pode-se inferir que a ausência da história da África é uma das graves lacunas no sistema educacional brasileiro, o que impossibilita aos afrodescendentes construir uma identidade positiva sobre as suas origens. Foram anos a fio sem se admitir a importância de conhecer essa história.

Ao mesmo tempo, a lacuna abre espaço para hipóteses sem fundamentação científica, geradoras de preconceito sobre as origens dos afrodescendentes, permitindo a reprodução e difusão de concepções racistas sobre a população negra.

A indústria cultural também contribuiu para que se criasse um imaginário social sobre a África. Mas esqueceu de mostrar os grandes reinos africanos que levantaram cidades, universidades, riquezas simbólicas e materiais. Uma coisa é falar dos vários processos de exploração, dominação e partilha da África, outra é tratar seus habitantes de forma folclórica como acontece na maioria das vezes, por exemplo, com os livros didáticos pesquisados por Ana Célia Silva (1995).

Daí a importância da introdução, nas aulas de Língua Portuguesa, de obras literárias e autores africanos e afro-brasileiros, inaugurando o conhecimento de novos textos e contextos e, dessa forma fomentar o respeito às manifestações artísticas do continente africano. Remeter a outras vozes, com narrativas que buscam o diálogo com o outro, significa constituir um espaço de debate, de comparação (semelhanças e diferenças), além de permitir que se quebre a hegemonia dos códigos dominantes no cânone estabelecido.

A inserção da literatura luso-africana e afro-brasileira nos currículos pode ajudar a construir um novo indivíduo que seja capaz de compreender a diversidade e a discriminação racial e, dessa maneira, a escola passaria a trabalhar no sentido de promover a emancipação e a valorização da diferença e da diversidade, afirmando positivamente a pluralidade e a singularidade de cada um, a diferença cultural e a não aceitação das desigualdades. Como afirma Benjamin Abdala Júnior (2003):

Nas configurações históricas, entre a redução dominante e seu polo diferente, de abertura ao diverso, forma-se um horizonte macrocontextual. Lá estão os de expectativas dos autores e dos leitores e a matéria discursiva dos múltiplos campos sêmicos do trabalho humano. Entre um polo e outro há uma matéria viva de que a história da literatura precisa dar conta, a partir dos próprios textos, verificando a historicidade de suas formas, ou, como mostram os procedimentos críticos de Antonio Candido, verificando como os fatores externos interiorizam-se no texto literário. Os múltiplos discursos da vida sociocultural transformam-se em textos que serão literários na medida em que romperem, em termos da teoria da comunicação, com as da redundância em função de informações novas. (ABDALA JR., 2003, p.37).

Isto não quer dizer que a literatura seja simplesmente um reflexo mimético da sociedade e, portanto, das condições socioculturais, mas ela pode exercer a função de construção do conhecimento, de criação de mundo e representação dessa

realidade a qual configura e à qual dá sentido. Além disso, a recepção das diversas obras das literaturas africanas leva não só à percepção da existência de um rico universo linguístico-cultural, como também à compreensão de que existe um cânone em construção dessa produção.

As literaturas de língua portuguesa em África devem ser introduzidas ao aluno, que poderá interpretar o presente, conhecendo o passado. Através da comparação, efetivada pela leitura de universos simbólicos múltiplos e plurais, estarão dadas as condições para que se estabeleça um diálogo entre a memória e o tempo presente, possibilitando a construção de uma cidadania sem preconceito.

Faz-se necessário tratar de temas que envolvam a vida dos negros sem estar sempre reforçando a imagem estereotipada que se formou ao longo dos séculos em que foram escravizados. Os textos em geral favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente.

A partir de 1990 tem-se percebido no âmbito universitário um maior interesse na literatura africana de língua portuguesa, isto é, a de Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, apesar de ainda ser difícil encontrar esses livros no Brasil.

Diante disto, ou seja, reconhecendo-se, a importância dessas literaturas, não há como não apresentar autores como Luandino Vieira, António Cardoso, José Eduardo Agualusa, Pepetela, Alda Lara, Ana Paula Tavares, João de Melo, Manuel Rui (Angola); Alda do Espírito Santo, Francisco José Tenreiro, Francisco da Costa Alegre (São Tomé e Príncipe); Mia Couto, Noémia de Souza, Paulina Chiziane, Luís Bernardo Honwana, Ungulani Ba Kakhosa (Moçambique); Germano Almeida, Ovídio Martins (Cabo Verde), para não falar de tantos outros ainda desconhecidos do público brasileiro. Cabe proporcionar ao aluno a possibilidade de trabalhar com textos que dialogam em muitos momentos com a situação do brasileiro, como por exemplo, o conto “Fronteira de asfalto”, de José Luandino Vieira (2007, p.37-44), representando a voz dos marginalizados, dos oprimidos, dos periféricos.

Com a implementação da lei 10.639/2003 tem-se falado mais sobre o continente africano, e a literatura talvez seja a forma mais ampla para transmitir ao público a essência desse continente que sempre gerou curiosidade e fantasia em crianças e adultos. Embora o termo literaturas africanas lusófonas englobar a produção dos cinco países africanos que têm como língua oficial o português e

apesar de o contexto de suas produções estéticas terem sido gerados de maneira semelhante, é preciso atentar para as particularidades da produção de cada país, o que permitirá uma análise não redutora de suas obras. Deve-se entender os movimentos estéticos surgidos em cada um dos cinco países: Moçambique, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau para que se compreendam suas densas literaturas, ressaltando que, mesmo guardando suas naturais especificidades, os países africanos de língua portuguesa vivenciaram a luta pela libertação colonial.

Estas literaturas tiveram, segundo Manuel Ferreira (1987, p.13-14), pelo menos duas fases: uma colonial, antes da independência e outra depois da independência política. Na primeira, é marcada pelo louvor ao homem europeu e, na segunda, esse europeu torna-se aquele que explora as terras africanas. Os africanos desses países conviviam de um lado com a sociedade colonial e do outro com a africana. Dessa forma, a literatura passou a ser um instrumento de divulgação e reivindicação. Isso pode ser comprovado, por exemplo, na literatura de Luandino Vieira em *Nosso musseque* (2003), de Pepetela em *A geração da utopia* (1992). Mesmo assim, dentro de cada país há diferenças e não há como fazer generalizações para não se correr o risco de cometer equívocos. A África são muitas em uma só.

Com a Revolução dos Cravos, em Portugal, em 1974 a independência política dessas colônias começa ganhar força desvencilhando-se por fim da tutela portuguesa. Conforme Jane Tutikian, “isso porque o velho ditador insiste em se manter alheio ao curso da História, fazendo com que Portugal assuma consigo a condição de ‘orgulhosamente só’, pelo isolamento internacional a que é submetido, e um discurso épico sacralizador da terra, insistindo num império ‘uno e indivisível’ do Minho ao Timor” (TUTIKIAN, 2006, p.17).

Em 1975 Moçambique torna-se independente de Portugal. Sua história literária, construída ao longo dos anos de colonização e da guerra pela qual passou, inclui importantes nomes como José Craveirinha, Noémia dos Santos, Paulina Chiziane, Luis Bernardo Honwana e talvez o mais conhecido Mia Couto, entre tantos ainda não divulgados no Brasil.

Já em Angola, independente desde 10 de novembro de 1975, a literatura sofreu grande influência da tradição da oralidade, dos aspectos sociais e estéticos.

Foi em Angola que se deu o importante movimento de estudantes e intelectuais que lançaram o manifesto “Vamos descobrir Angola”. Lá, grandes nomes construíram a literatura angolana, tais como: Luandino Vieira, Manuel Rui, Pepetela, João Melo, etc.

Em Cabo Verde, a colonização se deu de forma diferenciada. Os primeiros autores daquela terra não falavam da nação nem de seu povo, e sim sobre o amor, o sofrimento pessoal e exaltavam a natureza. Sua produção sofreu influências da literatura brasileira. Foi lá que surgiu uma das mais importantes revistas para seu desenvolvimento literário autônomo, a *Claridade* (1936), que deu origem a duas novas revistas: *Certeza* (1944) e *Suplemento Cultural* (1958). Vêm de lá autores como Germano Almeida, Orlanda Amarílis, Manuel Ferreira e Manuel Lopes.

Em São Tomé e Príncipe, a representatividade literária é menor, em relação às demais literaturas africanas de língua portuguesa, tendo sua força nos autores Francisco José Tenreiro, Francisco da Costa Alegre e Alda do Espírito Santo. Lá os habitantes, ainda mantêm o costume de se reunir para contar histórias.

A literatura de Guiné Bissau ultimamente é escrita por guineenses sem forte influência estrangeira, retratando o trajeto de emancipação e as inquietações do povo quanto ao rumo político do país. Entre os autores, destacam-se Odete Semedo, Domingas Samy e Abdulai Silas.

Na produção literária do período das lutas pela independência é possível perceber algumas singularidades dos países africanos de língua portuguesa. Isso permite verificar que a leitura das literaturas africanas de língua portuguesa contribui para que se perca a noção equivocada de que em África tudo é igual ou ainda de que o africano não demonstrou resistência formal ao processo de colonização.

Dessa forma se dará visibilidade a um fazer estético e ideológico que se realiza através da literatura, o que para muitos é uma novidade, pois ainda há quem acredite que o africano não escreve ou não tem produção intelectual, desconhecendo a formação de cânones nos diversos países lusófonos. De outra parte, esses textos revelam a direta relação entre os intelectuais das ex-colônias portuguesas, o que comprova e promove o intercâmbio de valores e ideias dos africanos de língua portuguesa com os brasileiros.

É função social da literatura estimular o leitor para uma percepção do mundo em que vive e que o rodeia. Sendo ela a arte da linguagem verbal, a mais natural

dentre todas as demais linguagens, capaz inclusive de conter em si as outras formas culturais, suas dimensões são capazes de dar ao homem condições para seu desenvolvimento humano. Sua força de representação, como diz Barthes, afeta os saberes e as concepções de realidade:

O saber que a literatura mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. [...] Porque ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático. [...] A Literatura tem a força da representação e ela é categoricamente realista, na medida em que ela sempre tem o real como objeto de desejo. (BARTHES, 2004, p.19-23).

De acordo com esse pensamento, justifica-se a importância de estudar a literatura luso-africana, para conhecer a si mesmo e ao outro. Nesse sentido, a literatura luso-africana e afro-brasileira em sala de aula tem muito a acrescentar. Além de ajudar a desenvolver uma compreensão sobre questões universais, especialmente com relação a diferentes povos e culturas, também proporciona ao estudante a oportunidade de desenvolver uma sensibilidade às diferenças e uma consciência crítica acerca dos temas abordados.

Como observou o escritor angolano Fernando Costa Andrade:

Entre a nossa literatura e a vossa, amigos brasileiros, os elos são muito fortes. Experiências semelhantes e influências simultâneas se verificam. É fácil ao observador corrente encontrar Jorge Amado e os seus *Capitães de Areia* nos nossos escritores. Drummond de Andrade, Graciliano, Jorge de Lima, Cruz e Souza, Mário de Andrade, Solano Trindade e Guimarães Rosa têm uma presença grata e amiga, uma presença de mestres das jovens gerações de escritores angolanos. (ANDRADE, 1982, p.26).

Portanto, a inclusão de textos de autores africanos, em especial, os de língua portuguesa, no currículo escolar, pode permitir uma leitura mais ampla do fenômeno literário, seja no que tange à relação entre oralidade/escrita, entre história/ficção, seja na revisão da história literária, de maneira que se conheça o diálogo que se estabeleceu entre os autores brasileiros e africanos.

Um dos autores angolanos mais estudados nas universidades brasileiras, João Melo escreveu no suplemento de Minas Gerais:

Pessoalmente, não tenho dúvidas de que as literaturas dos países africanos de língua portuguesa (e não só) têm tudo a ver com o público brasileiro, por duas razões: em primeiro lugar, o nosso passado histórico comum criou uma realidade antropológica e cultural muito semelhante entre o Brasil e a África; em segundo lugar, a situação atual dos nossos países tem numerosas coincidências “estruturais”, ao lado, evidentemente, de grandes e profundas diferenças. (MELO, 2012, p.5).

Essa relação sempre existiu e deve ser incentivada, porque tanto os países africanos de língua portuguesa quanto o Brasil têm uma história bastante semelhante, seja na cultura, na economia, ou no mundo social. Somos ex-colônias de Portugal, nossa independência não se fez sem revoltas e guerras, e nossas literaturas deram expressão aos problemas e injustiças persistentes em nossos países, mesmo depois de obtermos nossa autonomia:

A literatura africana de língua portuguesa tem menos de cento e quarenta anos e abrange cinco países: Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. Em geral, essa Literatura Africana caracterizou-se por uma forte denúncia da exploração, da opressão e da repressão do sistema colonial, exortando o colonizado à revolta e à revolução. Após 1979, crescem na Literatura Africana de Expressão Portuguesa, temas como o do contrato (trabalho forçado), prostituição, seca e fome, injustiça, clandestinidade, aculturação, alimentação, revolta, repressão, messianismo, organização política, resistência e choque de culturas, entre outros. Nas décadas de 60 e 70 os movimentos de descolonização portuguesa são mais fortes e constantes, as obras deste período são claramente marcadas pelo desejo de libertação, e seus temas versam quase sempre sobre as guerrilhas e conflitos gerados por esse anseio do povo africano. (História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, CADERNOS TEMÁTICOS, 2006. p.26).

Foi através da literatura luso-africana que o desejo de libertação dos povos luso-africanos pôde ser expresso em termos vida, de luta e de esperança por dias melhores. Foi a literatura a bandeira que flamulou contra o colonizador. A palavra passou a ser arma, como forma de combate anticolonial de uma geração que não ansiava apenas pela libertação, mas que também buscava a conscientização coletiva para obter novamente uma identidade cultural, dispersa pela colonização de Portugal.

Se a escola busca a aproximação África-Brasil, um dos requisitos é conhecer um pouco da história desses países, hoje ex-colônias portuguesas, o processo de independência e a atual situação. Pois, para se estudar literatura, um dos fatores de suma importância é o contexto histórico (passado e presente) em que se produzem as obras, para o entendimento do futuro, pois foi através da literatura que, como diz (TUTIKIAN, 2006), os povos luso-africanos resgataram suas identidades locais ou as

fortaleceram. Além disso, é necessário o conhecer os autores de língua portuguesa dos diferentes países, saber quão diferentes são entre si, além da diversidade étnica que os constitui.

Por essas razões, a introdução da literatura luso-africana se torna um componente necessário dos estudos de língua e de literatura, lado a lado com a literatura afro-brasileira, se o que se deseja é dar corpo significativo às determinações da Lei 10.639/2003, na educação nacional, tornando a História da África uma experiência não só de cognição, mas de fruição, como só a arte pode propiciar.

4. LITERATURA E EMANCIPAÇÃO

A literatura é capaz de formar não só leitores, mas cidadãos conscientes de seu lugar no mundo bem como emancipá-los como sujeitos diante da sociedade. Já dizia Horácio que a literatura tem uma função nobre: deleitar, nos ensinando a sermos melhores, mais sábios, mais cultos. Este pensamento, de tempos tão remotos, vem dialogar com o de Antonio Candido, que vê a literatura como um direito e uma necessidade, e um direito de caráter humanizador:

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004. p.180).

Desde a antiguidade, o homem se interessava por compreender a arte por ele produzida, em termos de sua função e, dentre suas modalidades a da literatura. As respostas encontradas ao longo do tempo são muitas e, entre si, controversas. Nas diversas épocas, é atribuída à literatura função distinta, de acordo com a realidade social e cultural de cada lugar.

Muitos são os autores que abordam a literatura sob o enfoque da recepção: Roman Ingarden, com *A obra de arte literária* (1931); Roland Barthes, com *O prazer do texto* (1937); Hans Robert Jauss, com *História da literatura como desafio à teoria literária* (1967); Umberto Eco, com *Leitura do texto literário* (1979); Wolfgang Iser, com *O ato da leitura uma teoria do efeito estético* (1976), entre outros.

A Teoria da Recepção, encabeçada pelo alemão Hans Robert Jauss (1921-1997), surgiu a partir de uma aula inaugural, em 1967, na Universidade de Constança, com o título de *O que é e com que fim se estuda a história da literatura?* (A conferência de Jauss foi publicada, em 1969, com o título de *A história da literatura como provocação à teoria literária.*). Ela privilegia o leitor, preocupando-se em verificar como este recebe o texto literário e como o interpreta, pois, até então, o texto literário e a obra de arte ou eram vistos em si, só permitindo que a análise fosse feita através de sua estrutura e funções, ou de sua referência ao contexto social, ou ainda através da pré-determinação da intenção do autor. Mas, segundo

Terry Eagleton, “a intenção de um autor é, em si mesma, um ‘texto complexo’, que pode ser debatido, traduzido e interpretado de várias maneiras, como qualquer outro” (EAGLETON, 2003, p.96).

Dessa forma, essa escola teórica não só se posicionava contra os estudos meramente textualistas, mas também não aceitava que a literatura fosse vista apenas como reflexo da sociedade. Contudo, Jauss mantém alguns elementos da teoria marxista e formalista por entender que elas alcançaram algum resultado. Por exemplo, da escola marxista, ele retém a definição de literatura enquanto elemento constitutivo da sociedade: a literatura manifesta um tipo de conhecimento a respeito da sociedade na qual nasce e à qual se dirige. Da escola formalista, aceita a perspectiva de que a arte literária se mede pelo grau de estranhamento provocado no receptor.

Regina Zilberman observa que, mesmo que

Jauss pague sua dívida para com o formalismo, autor da doutrina do estranhamento, [ele] revela a índole humanista da Estética da Recepção, que procura recuperar a historicidade da literatura para resgatar pelo mesmo processo sua capacidade de atuação sobre a sociedade. (ZILBERMAN, 1993, p.91).

Jauss reformulou as concepções vigentes da história da literatura e propôs sete teses. Em *Estética da recepção e história da Literatura*, de Regina Zilberman, a autora apresenta as quatro primeiras como premissas do “projeto de reformulação da história da literatura” (ZILBERMAN, 1989, p.33), as quais são fundamentais para a compreensão dos propósitos desse teórico.

A primeira premissa diz respeito à atualização da obra como resultado da recepção da leitura. Segundo Jauss, a “historicidade coincide com atualização, e esta aponta para o indivíduo capaz de efetivá-la: o leitor”. A segunda premissa é apreendida pelas regras do jogo que a obra oferece e pelos horizontes de expectativas, aí entendidos como os parâmetros objetivos que medem a recepção. Dessa forma, “cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social”. (ZILBERMAN, 1989, p.34). Nessa premissa reside a importância da hermenêutica, que configura um método de interpretação através do diálogo entre texto e leitor, considerando os horizontes de ambos. A terceira premissa implica a reconstrução do horizonte, no sentido de observar a obra a partir de sua natureza artística. A quarta indica a necessidade de realizar a interpretação de um texto

tomando como base a análise de suas relações com a época de seu aparecimento, pois cada obra traz consigo a visão de mundo daquele contexto social, temporal, etc. Com esse contexto o leitor atual pode ou não concordar. E a partir daí amplia-se um novo horizonte de expectativas, podendo emancipar esse leitor como sujeito capaz de refletir sobre seu mundo e transformar sua realidade.

A inovação da Estética da Recepção se dá pela revalorização da experiência humana no mundo e a comunicação como condição da compreensão do sentido. Jauss também critica o marxismo por submeter à arte à infraestrutura econômica e não perceber o caráter inovador e formador da Literatura, uma vez que é o leitor quem atribui sentido à leitura, através de sua experiência de vida e de outras leituras. Ela confere ao leitor um papel ativo, já que toda obra tem como destinatário o leitor em potencial.

Para Jauss a arte não existe para confirmar o conhecido, e sim para contrariar expectativas. Desta forma a literatura pode levar o leitor a uma nova percepção de mundo, em que a renovação da história da literatura está intimamente relacionada com a renovação do leitor e da obra. Atualizado por diferentes leitores em diferentes circunstâncias de leitura, o texto literário se mantém vivo em novos momentos da História, como afirma a seguir:

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador, em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual. (JAUSS, 1994, p.25).

Ainda dentro dessa perspectiva, as autoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993), no livro *A formação do leitor: alternativas metodológicas*, discutindo o ensino de literatura, apresentam cinco métodos para trabalharmos com o texto, mas é o Método Receptional, por elas elaborado, que melhor se aplica a esse caso. Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993) entendem que:

A literatura não se esgota no texto. Complementa-se no ato da leitura e o pressupõe, prefigurando-o em si, através de indícios do comportamento a ser assumido pelo leitor. Esse, porém, pode submeter-se ou não a tais pistas de leitura, entrando em diálogo com o texto e fazendo-o corresponder a seu arsenal de conhecimentos e de interesses. O processo de recepção textual, portanto, implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra. Diferentes tipos de textos e de leitores interagem de modos imensamente variados. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.86).

No entanto, pode-se afirmar que essa metodologia recepcional, nas escolas brasileiras, ainda encontra resistência, pois, como se sabe, a escola brasileira não forma leitores autônomos e críticos, tornando difícil a aplicação do método. As autoras reconhecem que:

O método recepcional é estranho à escola brasileira, na qual a preocupação com o ponto de vista do leitor não é tradição. Via de regra, os estudos literários nela tem se dedicado à exploração de textos e de sua contextualização espaço-temporal, num eixo positivista. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.81).

Nesse sentido, optar por pela Estética da Recepção significa apreender que a leitura só se concretiza quando passa a ser significativa para o leitor.

Segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), o Brasil precisa melhorar a alfabetização, e a leitura entre outros fatores. O que falta são iniciativas para formação de leitores críticos, dado que as políticas de incentivo à leitura estão postas pelo MEC e pelo MINC (Ministério da Cultura), com investimentos tão altos a ponto de ser o Brasil o décimo produtor de livros e o MEC o terceiro maior comprador de livros do mundo, segundo informações do próprio ministério.

Não basta, porém, oferecer livros. Se não forem lidos – e trabalhados na escola, como advogam Rafael Munhoz e Eliane Santos Raupp (cf. 2009), por professores competentes, sua função social se perde. É nesse sentido que se dá a importância de ler literatura, pois ela, sem a leitura, tem emudecidas suas características de simbolizar as coisas do mundo através da palavra. E é pela arte da palavra que se traz à tona o que há de mais humano no ser e o que o desperta para o mundo social no qual está inserido. Se a língua é o meio mais natural de socialização, o que implica convencionalidade, a literatura, que utiliza a palavra no seu máximo potencial, é necessariamente instrumento de conscientização social, de

percepção e adoção ou rejeição de padrões de gosto e juízos, facilitando o trânsito em sociedade.

Uma das grandes causas de não se ter alunos leitores é a forma como alguns professores abordam o texto literário, na sala de aula, em geral, como exemplo de atividades de gramática. A interpretação do aluno é na maioria das vezes deixada de lado como se ele não fosse capaz de dar sentido àquele texto. A escola esquece ou não percebe que a Literatura contribui muito para o desenvolvimento das capacidades leitoras do aluno, se apresentando como mediadora entre a criança ou o jovem e o mundo, ao mesmo tempo em que lhes amplia os horizontes linguísticos, culturais e pessoais, conforme Antonio Candido (1986).

Há⁴ também aqueles professores que não adotam nenhuma teoria ou método de ensino e se desorientam ao lidar com a leitura e a interpretação, o que de novo nos leva a pensar a questão da formação docente, da necessidade de conscientizar o professor da importância da formação continuada. Com isto, não se quer dizer que o professor precise ficar engessado em uma metodologia, mas que ele possibilite ao aluno outras formas de leitura que o levem a entender o texto em questão. De fato, seria muito proveitoso para toda escola que o professor de Língua Portuguesa tivesse uma postura específica diante de um texto literário, como saber o que está lendo, para quem e por que, e com isso poder transmitir aos alunos, seus aliados, sua emoção e prazer.

A literatura faculty a intersecção com as áreas do conhecimento, o que acaba por promover a experiência humana, pois, como escreveu Antonio Candido (1986), a literatura humaniza. Sendo ela a representação do real, não se pode desvinculá-la da vida real e, portanto das carências dos alunos, principalmente das escolas públicas. Sabe-se que em muitas delas ainda acontece o ensino da literatura através da biografia do autor, ficando reduzido somente a isso ou ainda apenas ao conhecimento de um período histórico, pouco acrescentando à ampliação dos horizontes culturais do aluno, ou desconsiderando o lado estético da criação literária, uma vez que:

⁴ A afirmação é feita a partir de minha experiência como professora.

A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade. (JAUSS, 1994, p.8).

Dessa forma entende-se a importância da Estética da Recepção na história das teorias da leitura e da literatura, pois põe o leitor no centro do processo da leitura. De acordo com Zilberman: “Do domínio da habilidade de ler e da familiaridade com a cultura resultaria a emancipação intelectual do indivíduo, capaz de formar as próprias opiniões, decidir seu destino e elevar-se espiritualmente” (ZILBERMAN, 2009, p.24). Em diálogo com o texto, ele deixa de ser um apenas um receptor passivo, passando a ser o protagonista de seu mundo e dando vida e significação à história lida, experimentando novas visões de mundo e de identificação com o outro. É assim que ocorre o alargamento de horizontes, provocado pela leitura. Como consequência desse alargamento, causa-se a transformação do leitor no que diz respeito a (pré) conceitos, culturais, religiosos ou quaisquer outros, o que por sua vez emancipa o sujeito, tornando-o melhor cidadão. É o que Jane Tutikian aponta ao informar que:

As narrativas de emancipação na África de língua portuguesa, por exemplo, terminaram tornando-se elementos de forte resistência, além de uma tentativa de fortalecimento ou de resgate das identidades locais, até porque a literatura é fonte de cultura e cultura é fonte de identidade. (TUTIKIAN, 2006, p.15).

Nesse sentido, a Estética da Recepção torna-se instrumento relevante para o ensino de Literatura e para os Estudos Africanos, pois, além de ressaltar a importância do leitor nas leituras e interpretações feitas na escola, defende que, para que se encontre a identidade de uma comunidade, de um povo, é imprescindível que as vozes dos seus sujeitos sejam levadas em conta (cf. ZILBERMAN, 1989). Com maior interação entre obra e leitor há mais possibilidades de identificação, de pertencimento e de apropriação tanto da cultura quanto da leitura, levando o leitor a uma visão mais ampla e crítica, tanto da obra literária, como de sua própria identidade.

5. O LIVRO DIDÁTICO E OS ESTUDOS AFRICANOS

5.1 AS COLEÇÕES DIDÁTICAS

Não é de hoje que estudiosos da educação, sociólogos, antropólogos entre outros vêm fazendo pesquisas sobre os livros didáticos, seja sobre seu conteúdo, seja sobre a forma como estes são apresentados. Vale lembrar que o livro didático é merecedor de uma análise cuidadosa, pois ele desempenha um importante papel no processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que, muitas vezes, é o único suporte que os professores têm para preparar suas aulas, na medida em que é a partir dele que um grande número de professores seleciona os conteúdos que serão ministrados e a forma como serão abordados.

Com o Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de Dezembro de 1938 se inicia no Brasil a Legislação do Livro Didático. Nesse período, o livro era considerado uma ferramenta da educação política e ideológica, e era o Estado que controlava o uso desse material didático, cabendo aos professores fazer as escolhas dos livros a partir de uma lista pré-determinada na base dessa regulamentação legal.

O livro didático de língua portuguesa que se conhece hoje surgiu no início da década de 1970, a partir das mudanças educacionais da época da ditadura militar e da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Lei 5.692/71. Ele foi importante para a ampliação do acesso da população à escola pública, o que mudou não somente o perfil econômico, mas também cultural dos alunos e dos professores.

Criado em 1985 pelo governo federal, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados para distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede de ensino público brasileiro. Atualmente, este programa faz a distribuição, universal e gratuita, de livros didáticos para os alunos das escolas públicas do ensino básico, assim classificado pelo MEC: ensino fundamental I (séries iniciais), ensino fundamental II (séries finais) e ensino médio.

O Programa Nacional do Livro Didático foi criado através do decreto que estabeleceu a avaliação rotineira dos mesmos. A mudança mais recente se deu com a Resolução/CD/FNDE (Conselho Deliberativo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), nº 603, de 21 de Fevereiro de 2001, passando a ser

o mecanismo que organiza e regula o Plano Nacional sobre o Livro Didático. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) criou várias comissões para a avaliação dos livros didáticos, na busca de uma melhor qualidade. Não obstante, esse processo ao longo dos anos tem sido lento, confrontando-se por vezes, com interesses editoriais que não observam as orientações para o ensino de Língua Portuguesa e mais recentemente as da Lei 10.639/2003.

De acordo com a Lei 10.639/03, sancionada há dez anos, o ensino de História e Cultura Afro-brasileira se torna obrigatório nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, público ou privado. Ela prescreve que os conteúdos que se referem à História e cultura afro-brasileira devem ser ministrados em todo o currículo escolar, principalmente nas áreas de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

O problema é que os livros didáticos

Adotados pelo MEC apresentam apenas a visão eurocêntrica da produção de conhecimento, descumprindo, dessa forma, as determinações da referida Lei. Tampouco são seguidas as orientações dos PCN's, que preveem a presença desse conteúdo como tema transversal às disciplinas do currículo da Educação Básica. (SILVA, 2009, p.113).

Antônio Augusto Gomes Batista, em *Um objeto variável e instável: textos impressos e livros didáticos conceitua* o livro didático como: “impressos didáticos na forma de livro e que não induzem as compras satélites, como cartazes, cadernos de exercícios ou atividades, fitas cassete ou de vídeo” (BATISTA, 1999, p.567).

Batista também destaca algumas características do livro didático:

Os livros devem cumprir tanto as funções de um compêndio quanto as de um livro de exercícios; devem conter todos os diferentes tipos de saber envolvidos no ensino de uma disciplina e não se dedicar, com maior profundidade, a um dos saberes que a constituem; devem ser acompanhados pelo livro do professor, que não deve conter apenas as respostas às atividades do livro do aluno, mas também uma fundamentação teórico-metodológica. (BATISTA, 1999, p.568).

Nesses termos, o livro didático deveria ter o propósito de estruturar e dar suporte ao trabalho do professor, apresentando não somente os conteúdos, mas também as atividades didáticas organizadas de acordo com a divisão do tempo escolar, em séries/volumes e meses, bimestres ou trimestres/unidades.

Apesar de todas as prescrições legais, nem tudo no livro didático foi aperfeiçoado. A partir da década de 1960, algumas pesquisas sobre a produção didática brasileira começaram a chamar a atenção para a falta de qualidade de algumas coleções. Entre os problemas encontrados os que mais sobressaíam diziam respeito ao seu caráter ideológico e discriminatório, à desatualização de conceitos, mapas e metodologias ultrapassadas. O resultado dessas pesquisas começou a preocupar o governo, já que esse era e é um instrumento usado por grande parte dos professores em todo país.

Foi a partir de 1990 que o governo começou a participar mais diretamente nas questões relacionadas ao uso do livro didático, conforme Batista (2003). Desde então, a cada ano, foram se ampliando as discussões sobre a escolha com qualidade desses livros distribuídos pelo governo federal.

Atualmente, em plena democratização, o estado apenas orienta as escolhas dada a necessidade de garantir um nível mínimo de educação para a sociedade brasileira, pois, no Art. 208, Inciso VII da Constituição Federal do Brasil de 1988, diz-se que:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:
VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009).

Uma pesquisa realizada por Maria Helena Neves (2002) constata que os livros didáticos de forma geral apresentam problemas como confusão de critérios, inadequação de nível, invenção de regras, sobrecarga de teorização, preocupação excessiva com definições, impropriedade de definições, artificialidade de exemplos, falsidade de noções, gratuidade de ilustrações, mau aproveitamento do texto, dentre outros. Mas, segundo a autora, mesmo que contenham diversos problemas, não se pode caracterizá-los como os únicos culpados. Além disso, a escassez de materiais pode levar o professor a usar o livro como única fonte de referência.

Segundo ela, o professor espera do livro didático um saber que ele não possui, transferindo a responsabilidade, que antes era sua, para o livro. O livro didático não substitui o professor e os alunos não aprendem sozinhos. Ela acrescenta ainda que um bom livro pode se tornar um mau livro na mão de um mau professor e vice-versa. Se bem usado, o livro didático pode ser um grande aliado,

porque ajuda na própria organização de estudos do aluno. Se escola dá autonomia ao professor, ele consegue trabalhar mais livremente e com resultados apreciáveis.

Acresce que “O livro didático ainda é a principal fonte de acesso ao ‘saber institucionalizado’ de que dispõem professores e alunos” (CARMAGNANI *apud* PERALTA, 1999, p.127) e “constitui o centro do processo de ensino-aprendizagem em todo o ensino na educação brasileira” (CORACINI *apud* PERALTA, 1999, p.34). É, portanto, muitas vezes, o único instrumento de leitura do aluno. Por outro lado, o livro didático pode acabar fazendo com que o professor se acomode e não procure outras fontes de informação.

Se é no livro didático que a maioria dos jovens brasileiros encontram a leitura, o professor precisa saber usá-lo de forma que ele não seja o único instrumento de partida e de chegada na formação de leitores críticos. Como os textos oferecidos pelos livros didáticos em sua maioria são fragmentos de textos literários e não literários, o propósito de uma leitura plena é inviabilizado, pois a fragmentação rompe com a unidade do texto, já que, quando um autor escreve, ele escreve para um leitor num suporte diferente do livro didático, afetando-se assim o próprio sentido.

Além disso, os conteúdos curriculares trabalhados na escola seguem, em sua quase totalidade, a orientação do livro didático oferecido às turmas pelo Ministério da Educação (MEC), o que significa dizer que os alunos ficam restritos aos conteúdos neles apresentados.

Por outro lado, o professor entrega ao livro didático a maior parte de sua responsabilidade pelo ensino. Quando está na universidade, estuda várias teorias que deveriam nortear sua vida profissional, exercendo uma visão crítica do material didático que irá utilizar, mas na maioria das vezes muda de atitude pelas diversas dificuldades encontradas na escola, sendo uma delas o descompasso entre sua formação e a comunidade ou bairro em que vai trabalhar, o que acaba levando-o a pensar que sua prática não serve para aqueles alunos.

Somado a isso, ainda há que considerar a falta de preparação/formação dos professores que devem ter o domínio dos saberes a serem mobilizados na hora de participar nos processos de seleção dos livros, tarefa que exige um trabalho conjunto com o setor pedagógico da escola, que, na maioria das vezes, nas escolas públicas, por diferentes motivos, inexistente.

Diante disso, é possível afirmar que um dos maiores problemas no que diz respeito ao enfoque da história africana nas aulas de português do ensino fundamental II passa também pela formação do professor. Esse problema poderia ser, se não resolvido, pelo menos amenizado, se nos cursos de Licenciatura disciplinas como História, Geografia, Artes e Literatura Africana fizessem parte do currículo dos novos docentes que a todo ano saem das faculdades do Brasil. Além disso, cabe aos cursos de formação de professores instrumentalizar seus alunos, futuros professores para elaborarem o material didático a ser utilizado em suas aulas.

Se existem professores que ensinam somente aquilo que aparece nos livros didáticos e os conteúdos relativos aos estudos africanos são quase sempre inexistentes, não se pode deixar de falar também em várias iniciativas que, de forma isolada, vem acontecendo em vários lugares, muitas mais baseadas na boa vontade do que exatamente em saber o quê e como ensinar a história da África ou trabalhar com textos literários que favoreçam o entendimento dessa história.

A falta de estudos nessa área seja na graduação, ou em outros cursos de formação, não pode justificar a exclusão ou esquecimentos desses estudos. No entanto, ela explica porque às vezes os professores não se sentem orientados, o que os impede até mesmo na hora de saber que material pesquisar para suas aulas. Também não podemos fechar os olhos para os avanços, que aos poucos estão acontecendo. Todavia, para vermos algum resultado, talvez ainda tenhamos que esperar por mais dez anos.

Pode-se concluir que esses livros, em certos aspectos, são adequados para o Ensino Fundamental II de Língua Portuguesa porque trabalham os conteúdos programáticos que envolvem as habilidades linguísticas do aluno. Deixam, porém a desejar no que se refere a textos literários que possibilitem a problematização sobre a questão do racismo, das diferenças sociais e culturais presentes na sociedade. Poderiam ser proporcionados, por exemplo, textos com que os jovens pudessem se identificar, brancos ou negros, de maneira que o aluno possa tornar-se um cidadão que interaja mais igualmente com a sociedade em que vive.

Os atuais livros didáticos de Língua Portuguesa, do 6º ao 9º ano foram aprovados pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) e o PNLD (Plano Nacional do Livro Didático), em 2011 para serem avaliados e, portanto, autorizados para

escolha dos professores, mediante resenhas publicadas no Guia do Livro Didático, pode ser encontrado no portal do MEC (Ministério da Educação e Cultura).

Dentre os princípios e critérios para avaliação dos livros didáticos de língua portuguesa, determinados pela comissão que faz a seleção dos livros que constarão nos Guias, um livro didático de Língua Portuguesa deveria apresentar, basicamente, um tratamento da língua voltado para a concepção interacionista de linguagem, pois:

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino de Língua Portuguesa deve preparar o aluno para a vida, qualificando-o para o aprendizado permanente e para o exercício da cidadania. Se a linguagem é atividade interativa em que nos constituímos como sujeitos sociais, preparar para a vida significa formar locutores/autores e interlocutores capazes de usar a língua materna para compreender o que ouvem e leem e para se expressar em variedades e registros de linguagem pertinentes e adequados a diferentes situações comunicativas. Tal propósito implica o acesso à diversidade de usos da língua, em especial às variedades cultas e aos gêneros de discurso do domínio público, que as exigem, condição necessária ao aprendizado permanente e à inserção social. (MEC, 2008).

Ainda que se perceba uma melhor qualidade nos últimos livros recomendados pelo MEC para o ensino de Língua Portuguesa, a seleção, a escolha desse material não pode ser limitada aos diretores ou outro setor da escola que não sejam os professores. Mas, para que isso de fato aconteça se faz necessária a participação ativa do corpo docente e a exigência por parte da escola de que eles possuam determinados parâmetros, critérios e competências para fazê-lo.

Ainda segundo o Guia os critérios específicos para o componente curricular de Língua Portuguesa de 2011/2013 no que diz respeito à Leitura: “As atividades de compreensão e interpretação do texto têm como *objetivo final* a formação do leitor (inclusive a do leitor literário) e o desenvolvimento da *proficiência em leitura*.” (Guia de Livros Didáticos de Língua Portuguesa, 2011, p.21).

O próprio guia reconhece que:

Por outro lado, menos da metade das coleções aprovadas já confere aos *textos literários* uma presença significativa, proporcionando ao jovem leitor um contato efetivo com obras e autores representativos, principalmente da literatura brasileira contemporânea. Clássicos nacionais e estrangeiros, entretanto, ainda são poucos presentes, dificultando a percepção, pelo aluno, da dimensão histórica da produção literária. (Guia de Livros Didáticos de Língua Portuguesa, 2011, p.31).

Em 1965, o escritor Osman Lins analisou cerca de cinquenta manuais, com 445 excertos nos livros de *Comunicação e Expressão* (eram assim chamados os livros de Língua Portuguesa), procurando detectar “uma tendência – tendência que me parece elucidativa, muito nos informando sobre o panorama cultural brasileiro” (LINS, 1977). Para tanto, ele organizou em ordem alfabética o nome dos autores que apareciam nesses livros. Percebeu que a frequência de determinados autores só lhe facultava a constatação da ausência de tantos outros, não havendo equidade entre aqueles que ali eram incluídos.

Em *Uma Estatística Melancólica* (1977), Lins pela segunda vez empreendia uma análise dos textos literários nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Neste trabalho, que para ele foi um “sacrifício considerável se se leva em conta o pouco ou nenhum prazer, assim como o escasso proveito que proporciona esse tipo de leitura” (LINS, 1977), a conclusão foi de que em 11 anos não houvera nenhuma mudança que fosse significativa.

O texto de Osman Lins é de indignação. Ele constata a ausência de figuras, por ele consideradas muito importantes, observando que existe um mercado editorial que influencia a escolha de autores e textos, fazendo uma crítica bastante inflamada:

Quero, entretanto, emitir algumas opiniões sobre a matéria. Antes de tudo: essa seleção é absurda, totalmente desatenta ao patrimônio literário brasileiro, que procura ensinar “comunicação e expressão” sem preocupar-se com os que através dos séculos, vem procurando explorar com zelo e arte as possibilidades da língua, decorre de quê?

[...]

Procura-se oferecer ao educando, na medida do possível, o que há de mais fácil e digestivo em matéria de texto. Isto por um lado. Por outro, há a falta de cultura, de informação, de conhecimento do que se fez e vem fazendo no plano da criação literária. O aluno proclama-se (e, em grande parte, é verdade), não leem. Mas os professores leem? (LINS, 1977, p. 148).

O autor segue tecendo suas considerações sobre professores e editores, esclarecendo que a tendência que ele procurava em sua análise é uma tendência de mercado e “se os órgãos fiscalizadores dão o seu beneplácito a semelhantes ferramentas, é que elas correspondem aos seus desígnios. Em alguns livros escolares apanhados ao acaso pode refletir-se todo o perfil de um país” (LINS, 1977).

Sua indignação se dá pela escolha dos textos dos livros didáticos, pois, como ele próprio escreveu, se opta pela facilidade, pelo mais fácil de digerir, deixando de lado o patrimônio literário e oferecendo apenas crônicas e textos jornalísticos extraídos de outros meios, quando o Brasil possui uma série de autores, que ele enumera e considera que os alunos deveriam conhecer, inclusive alguns professores: “É preciso não esquecer que muitos dos alunos têm nos livros escolares sua única razão de literatura e o único meio de chegar a conclusões sobre o que são as letras e os escritores” (LINS, 1977, p.35).

Assim como Lins (1977), fica-se estarecido ao constatar a qualidade sofrível dos textos que os livros didáticos oferecem. Pode-se argumentar que é um critério cauteloso, e que a seleção de autores é bastante estudada e principalmente são autores consagrados pelo tempo ou pela celebridade que alcançam hoje.

Primeiramente os autores canonizados nem sempre dialogam com os leitores de hoje, necessitando da mediação do professor. Acresce também que há autores desconhecidos que nada transmitem da situação do homem perante o mundo, e textos que às vezes nem chegam a ser bem escritos, ou têm apenas propósitos cívico-morais. Em ambos os casos, as coleções didáticas não se encarregam das mediações necessárias.

De 1976 para 2011/2013 se passaram 37 anos e a conclusão é a mesma: pouca coisa mudou. Entre as mudanças podem-se citar a qualidade do papel e das imagens, a atualidade das notícias de jornais, a indicação de sites, resenhas de filmes e a grande febre entre os livros didáticos, os quadrinhos. A literatura, entretanto, continua a ser apresentada por fragmentos e tratada do ponto de vista da análise gramatical, reduzindo-se praticamente a zero seu potencial emancipatório.

5.2 OS ESTUDOS AFRICANOS NO LIVRO DIDÁTICO

Nos livros didáticos, em geral, a África é, quase sempre, abordada em um único capítulo que varia de 07 a 13 páginas, e com uma bibliografia de apoio restrita. A visão eurocêntrica sob uma ótica europeia, branca e cristã ainda predomina em muitas destas coleções. Em outros livros didáticos, quando se encontra algo sobre a África, há somente poucas páginas. O assunto gira em torno do preconceito racial, da fome, das doenças, ou das mazelas que vivem alguns países. Há poucas

narrativas acerca dos povos africanos, seus costumes e cultura, como há sobre as demais civilizações ocidentais e do oriente próximo.

Pode-se, afirmar que os manuais didáticos estão permeados de ideologias dominantes e de etnocentrismos, que situam a cultura africana ou afro-brasileira como subalterna, enquanto reafirmam o valor quase “sagrado” da cultura ocidental. Em geral, tratam os negros vindos para o Brasil por meio do tráfico de escravos apenas como "africanos", não fazendo nenhuma diferenciação da cultura de cada um e com poucas referências aos seus hábitos e meios de vida.

Percebe-se que acabam por reforçar a divulgação de que o papel da África foi apenas o de exportar negros para escravidão. Quando lemos sobre os negros, aprendemos que vieram para o Brasil nos navios negreiros, que viviam na senzala, jogavam capoeira, praticavam candomblé e assim por diante. Essas informações tomam por modelo algumas das sociedades do início da colonização.

Durante muitos anos da nossa história, o ensino de Língua Portuguesa era realizado por meio de cartilhas e livros de leitura nas séries iniciais, e por meio de antigas antologias da poesia universal, e por gramáticas e manuais nas séries mais avançadas. Naquela época, século XIX, existiam apenas coletâneas responsáveis pela seleção dos textos literários em prosa e em verso representativos de autores portugueses e brasileiros que eram apresentados aos alunos, seguidos de comentários breves, notas explicativas e, quase sempre, de um vocabulário.

Fruto dessa educação, a formação acadêmica de muitos professores de Língua Portuguesa, na maioria das vezes, é a tradicional, em que o ensino da língua estava ligado as regras gramaticais, e quem as conheciam podia-se dizer que estava apto ao uso da língua padrão. Na sala de aula, sem curso de aperfeiçoamento, capacitação ou outro nome que as instituições empregam, a maioria dos professores ainda têm seu plano de aula do século passado, achando que ninguém mais do que eles sabem do que está se falando, pois, se no seu tempo de alunos eram assim, a escola continua sendo a mesma. Muitos não procuram entender o quão defasada é a sua bagagem adquirida durante o período de formação inicial, se for comparada com as atuais exigências do ensino da língua e as necessidades dessa nova geração de alunos, do século XXI.

Diante destes fatos, é grande o número de professores que não dão conta de situações preconceituosas que ocorrem no espaço da sala de aula, tampouco fora

dela. Mas em situações de igual gravidade, ou seja, em suas próprias posturas pedagógicas ou no contato com os seus educandos, reproduzem atitudes que contrariam os mais elementares direitos humanos.

A falta de formação contínua do professor, de um referencial teórico e prático que o auxilie a abordar os temas e conteúdos ligados às relações raciais, torna o processo ainda mais difícil. Além disso, há ainda, a carência de materiais didáticos. O livro didático, que é uma ferramenta de apoio para muitos professores em diferentes partes do país, não está cumprindo a lei, o que pode ser uma grande barreira para o avanço em favor de uma educação antirracista que contemple de fato a diversidade na escola.

O desrespeito à diversidade, o racismo manifestam-se quando a comunidade escolar, o currículo e até mesmo o professor (a) demonstram desconhecimento ou preconceito em questões de ordem racial ou ridicularizam identidades e estéticas diferentes das que foram estabelecidas como canônicas.

Conforme o Parecer nº 003/2004:

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer a mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas. (MEC/PARECER nº 003/2004, p.6).

Por fim, a Lei 10.639/03, ao instituir o conhecimento das culturas e as histórias africanas e afro-brasileiras, propicia o contato mais rápido e mais (in)tenso entre africanos e afro-brasileiros. Possibilita que o Brasil se reconheça como um país descoberto ou encontrado por brancos, mas colonizado e civilizado cultural, política, econômica e religiosamente também por africanos e afro-brasileiros. Para alguns, isto é algo extremamente positivo e valorável; para outros, isto deve ser demonizado, já que a indiferença e o silêncio não são mais possíveis.

A identidade negra (africana e afro-brasileira) se fortifica, se tonifica, é vista e revista a partir e por intermédio dessa Lei. Nela, depositam-se as esperanças dos segmentos negros no sentido de um impulso efetivo na educação brasileira em direção de um tratamento social igualitário. O livro didático, como um dos expoentes

principais do processo de ensino-aprendizagem, entretanto, ainda requer intervenções bem mais aparelhadas para não se tornar contraproducente.

6. HISTÓRIA DE UMA PESQUISA DAS ATUAIS COLEÇÕES DIDÁTICAS

Desde que me vi pela primeira vez numa escola, foi sentada num banco de escola pública. Fiz o ensino fundamental, ensino médio e a graduação em escola pública, e, no momento, curso uma pós-graduação, em nível de mestrado, o que de certa forma me faz ter uma dívida com a sociedade, pois foi ela que pagou e paga meus estudos. Escolher uma profissão nunca é fácil. Não sei se escolhi ou se fui escolhida. Escolhi ser professora de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas. Terminei a graduação na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) em 2001, ano em que fiz dois concursos públicos, um estadual e outro municipal.

Em 2002, assumi a nomeação do concurso público da Prefeitura de Dois Irmãos, que fica a 60 km de Porto Alegre. Naquela cidade, trabalhei com as turmas que até então eram denominadas de séries (5^a a 8^a). No ano seguinte, foi homologada a Lei 10.639/2003, que só vim a conhecer passados, no mínimo, de três a quatro anos. Envolvida sempre em vencer os conteúdos da série, em cumprir horários e fazer as capacitações, assim chamadas, determinadas pela Secretaria Municipal de Educação, não me dei conta do que estava sendo proposto, transformado e que de alguma maneira exigia minha atuação.

Aos poucos, fui me tornando insatisfeita quando comecei a ler sobre a referida lei. Afinal estava dentro de uma sala de aula e nada fazia para que as coisas pudessem tomar outra direção. Na escola começaram a chegar livros de literatura infantil com a temática afrodescendente, mas ocorria o que ainda é comum em algumas escolas, o desconhecimento, a desorientação sobre o assunto.

Como ensinar o que não se conhece? Como trabalhar a temática? De que forma abordar? Professora numa cidade de colonização alemã, onde a população negra era quase inexistente, esse era um dos argumentos utilizados por alguns colegas, para que não se trabalhasse o tema. Esquecendo-se que na maioria das vezes, o preconceito nasce do desconhecimento, o assunto tornava-se

desnecessário, pois esse não era um problema urgente frente a outros gritantes na escola, como, por exemplo, a violência e a indisciplina dos alunos.

Em meados do ano de 2010, a escola começou a receber, das editoras, as coleções aprovadas pelo MEC, para que os professores pudessem escolher a coleção que seria usada pelos alunos nos anos letivos de 2011 até 2013. O prazo atinge apenas as escolas públicas, pois nas escolas particulares a escolha pode ser feita anualmente, já que são os alunos que compram os livros.

Nesse processo, os professores podiam escolher a coleção que quisessem trabalhar com seus alunos. Já houvera tempo em que o município escolhia uma coleção e todas as escolas eram obrigadas a usar a mesma, o que implica dizer uma só editora. (Isso para lembrarmos que o uso do livro didático distribuído pelo MEC também implica um comércio e um grande montante de dinheiro investido).

Durante a análise das coleções, percebi que das 16 aprovadas (nem todas foram enviadas para escola, ver tabela Anexo II) pelo MEC, apenas uma incluía uma unidade referente ao continente africano e as demais apenas abarcavam reproduções de entrevistas, feitas em revistas ou jornais. Constatei também que em algumas coleções havia presença de autores negros, mas a temática etnicorracial não era tratada. Portanto, a delimitação do *corpus* dessa pesquisa se iniciou, naquela época, com o processo de escolha do novo livro didático que utilizaríamos na escola nos anos seguintes.

O que pude observar nessa primeira tentativa de pesquisa é que os livros didáticos usados nas escolas, nas poucas vezes em que falam dos negros, desconsideram suas diferentes origens assim como a história de suas civilizações. Os livros analisados mostravam a quase exclusão da figura afro-brasileira, tanto como autores de textos, como personagens das histórias, seja eles contos, romances, fábulas, poemas, novelas, ou histórias em quadrinho (as últimas constituem estratégia bastante usada para o estudo da língua e presente na maioria das coleções).

Para este estudo, as coleções foram selecionadas a partir do Guia do Plano Nacional de Livros Didáticos 2011 (o guia é a reunião das resenhas de avaliação dos livros didáticos recomendados pelo PNLD: Plano Nacional do Livro Didático). Para tal, fez-se necessário conhecer o conjunto de critérios de avaliação do MEC a que os livros didáticos de Português são submetidos, depois de encaminhados pelas

editoras. O critério selecionado foi o de como esses livros encontram-se em relação à observância aos preceitos legais e jurídicos da Lei 10.639/2003.

Procurei selecionar as 16 coleções, mas, destas, não foi possível incluir duas, já que não são mais editadas. As coleções são compostas de quatro livros cada uma, e a proposta era fazer um levantamento dos textos literários de língua portuguesa em cada uma delas, através de tabelas, levando em conta o gênero, o tema e a procedência da autoria. Considerei que esse era um método que daria conta daquilo que queria apontar nesta pesquisa.

Foram considerados literários os que aparecem nas referidas 16 coleções aprovadas pelo MEC 2011, ou seja, 2.973 textos da literatura clássica, infantil e juvenil, mitos, cantigas populares, lendas e teatro. As histórias em quadrinhos não entraram nesta análise.

Convém reafirmar que estas coleções foram aprovadas pelo MEC para a escolha nas escolas públicas, ou seja, há outras, nas escolas privadas, por exemplo, que não entraram nessa análise. (O mercado editorial é enorme e alimenta muitas empresas).

Além disso, a pesquisa quer verificar se a representação do negro nos livros didáticos é um tema relevante para contribuir para a implementação da lei, e se esses textos ajudam ou não a evitar as formas estereotipadas de ver o negro. Conforme orienta o texto do MEC de 2008, em sua introdução:

Os questionamentos transitam desde a imagem presente nos livros didáticos, passando pelos termos pejorativos usados nos textos chegando aos conteúdos ministrados nos cursos de formação de professores. De forma mais ampla, os questionamentos se dirigem à necessidade de mudança radical na estrutura curricular dos cursos em todos os níveis, modalidades e etapas do ensino que desconsideram ou simplesmente omitem a participação africana e afro-brasileira na construção do conhecimento em diferentes áreas das ciências. (MEC, 2008, p.10).

A partir desse levantamento inicial, elaborei um projeto, para o mestrado, cujo objetivo é analisar os livros didáticos de Língua Portuguesa no seguinte aspecto: de que forma os textos literários presentes nos livros didáticos de Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano trabalham as questões relacionadas com a implementação da Lei 10.639/2003. Após ingresso no Mestrado precisei afastar-me do corpo docente

daquele município, mas continuo em sala de aula, com o Ensino Médio, em Porto Alegre.

O que ainda surpreende é que, às vezes conversando com algumas pessoas, sejam professores, funcionários ou alunos, principalmente universitários, a grande maioria desconhece a lei ou apenas ouviu falar vagamente sobre ela. Dentre aqueles que a conhecem, costuma-se dizer que, mesmo sendo uma lei, ela não é cumprida. Sabe-se que falar assim de modo generalizado pode ser uma atitude irresponsável, mas é fato que, como política nacional, ela não acontece de forma plena, como o próprio governo federal reconhece em seu texto a respeito da proposta para implementação da Lei:

As informações disponíveis sobre a implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais revelam que, apesar da riqueza de muitas experiências desenvolvidas nos últimos anos, a maioria delas restringem-se à ação isolada de profissionais comprometidos (as) com os princípios da igualdade racial que desenvolvem a experiência a despeito da falta de apoio dos sistemas educacionais. A consequência são projetos descontínuos com pouca articulação com as políticas curriculares de formação de professores e de produção de materiais e livros didáticos sofrendo da falta de condições institucionais e de financiamento. (MEC, 2008, p.13).

Segundo esse documento, a implementação da Lei depende muito dos gestores, nesse caso, principalmente do governo federal, que deve cobrar das demais instâncias estaduais e municipais o seu cumprimento. Outro dado importante é que, embora se constatem práticas racistas na escola, não há profissionais preparados para lidar com o problema, fato já vivenciado pela maioria dos professores de ensino da rede fundamental e mesmo por alunos dos cursos de graduação.

Em vista disso, urge que se modifiquem os conteúdos estudados em sala de aula, principalmente nos livros didáticos onde o negro está quase sempre relacionado à escravidão, ao tráfico negreiro, aos castigos, à pobreza, ao sofrimento. Com a lei 10.639/2003 buscou-se essa mudança: por exemplo, ao invés de no dia 13 de maio, comemorar a Abolição da Escravatura, celebra-se em 20 de novembro o Dia da Raça, data da morte de Zumbi dos Palmares, herói que simboliza a luta dos negros contra qualquer forma de opressão ou discriminação.

Como professora da rede pública de ensino, apesar das dificuldades encontradas no dia a dia para que a implementação da lei aconteça, meu propósito principal é oferecer, na medida do possível, na área de Letras informações e conhecimentos estratégicos para a compreensão e o combate ao preconceito e a discriminação racial nas relações pedagógicas e educacionais das escolas e da sociedade de forma geral.

7. AS COLEÇÕES DIDÁTICAS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

De acordo com o propósito inicial de refletir sobre como a legislação em questão está sendo contemplada nos livros didáticos de Língua Portuguesa, das séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) foi feita uma análise de 14 coleções, das 16 distribuídas para a Rede Pública de Ensino, sob a luz da Lei 10.639/2003. A análise segue a sequência de apresentação das resenhas do Guia do Livro Didático 2011/2013, do MEC. São descritas as apresentações constantes nos manuais escolares do corpus e, em seguida, realiza-se a análise do seu conteúdo.

7.1 A AVENTURA DA LINGUAGEM

Luiz Carlos Travaglia
Maura Alves de Freitas Rocha
Vânia Maria Bernardes Arruda – Fernandes
Editora Dimensão, Belo Horizonte, 2009.

A primeira coleção a ser analisada é *A aventura da linguagem*, dos autores Luiz Carlos Travaglia, Maura Alves de Freitas Rocha e Vânia Maria Bernardes Arruda Fernandes. Luiz Carlos Travaglia é Mestre em Letras (Língua Portuguesa) pela PUC-RJ, e Doutor em Ciências (Linguística) pela UNICAMP com Pós-Doutorado em Linguística pela UFRJ. Além disso, é Professor de Língua Portuguesa e Linguística do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (MG). Maura Alves de Freitas Rocha é Mestre em Linguística e Doutora em Linguística pela UNICAMP, também é Professora de Língua Portuguesa e Linguística do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (MG). Vânia Maria Bernardes Arruda Fernandes é Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) e Doutora em Linguística pela UNICAMP, atua

como Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Faculdade Católica de Uberlândia (MG).

Essa coleção organiza-se em quatro unidades, apresentadas no sumário: *Língua e Linguagens*; *Mundo social: eu, tu, ele*; *Essa nossa vida* e *Vida na Terra*. Essas unidades são compostas por três capítulos dedicados ao estudo da língua, um dedicado ao estudo da literatura e outro com fontes de leitura complementar — livros, filmes e sítios referentes ao tema da unidade.

Nela os autores reconhecem que:

Não raramente, textos literários têm sido usados, em nossas escolas do ensino fundamental, apenas como pretexto para o ensino gramatical. Esta denúncia não é recente, mas ainda não perdeu sua pertinência, mesmo porque a riqueza lexical, gramatical, textual e expressiva de um texto literário tem feito com que ele se torne o material por excelência para ampliar a competência linguística do aluno. (TRAVAGLIA et al, 2009, p.13).

Os autores se propõem a fazer algo diferente, e afirmam:

O problema não é o uso eventual de textos literários como pretexto para se ensinar português, ou para ensinar questões sobre periodização ou escolas literárias. O problema é não usar o texto literário para aprender literatura. O ensino da literatura nas escolas deve se pautar não pela oferta de bons textos literários para leitura, como por orientações de como penetrar na obra para explorá-la, senti-la e apreciá-la. (TRAVAGLIA et al, 2009, p.13).

No livro do 8º ano, na unidade dois intitulada “Mundo social: eu, tu e ele”, página 116, na abertura do capítulo quatro, “A África no Brasil”, o primeiro texto dado é um mapa político da África, acima do qual são feitas seis perguntas aos alunos sobre o que sabem sobre o continente. A seguir vem *Dialogando com texto 1*, onde é apresentado o texto dois, *África antes da Conferência de Berlim em 1880*, e mais os textos informativos três “*Os africanos chegam ao Brasil*”, de Schuma Schumacher e Erico Vital Brazil, e “*O continente é um dos maiores do planeta, a África*”. Esse texto é o de maior conteúdo sobre a África, nele há informações como, por exemplo, “técnicas de mineração, metalurgia, agricultura, ciências como matemática e mesmo a prática de cesariana, demonstrando profundo conhecimento dos conceitos e técnicas de assepsia, anestesia, cauterização, remoção de cataratas oculares”, que desde os tempos mais remotos, os africanos já possuíam. Este mesmo texto fala ainda sobre uma “vigorosa expressão de arte que ainda hoje se sobressai nos mais

diferentes centros e países”.(TRAVAGLIA et al, 2009, p.183). A partir da página 126 até a 141 há somente exercícios gramaticais, de uso da língua.

No capítulo cinco, da unidade dois, com o título “Ser negro”, o primeiro texto apresentado é “Orgulho e força: as mulheres negras chegam ao poder”, de Fernanda Cirenza e no texto dois aparece uma entrevista, reproduzida da revista *Mundo Negro*, sobre discriminação e racismo, um rap e de novo uma série de exercícios sobre preposição, oração etc. No capítulo 6 “Preconceito? Eu?” os autores apresentam uma série de textos sobre o continente africano, sua história, mapas e entrevistas sobre o racismo. Na unidade dois, Literatura dois, intitulada “Contos africanos”, aparecem dois contos. O primeiro de autoria de Gcina Mhlope aproveita as narrativas orais sul-africanas e o segundo, de cunho social, do autor português de nascimento José Vieira Mateus da Graça e angolano de coração, mais conhecido como José Luandino Vieira. Nesse conto, representativo daquilo que foi a produção literária do período anterior à independência de Angola, o autor retrata, de forma breve, o período colonial português em Angola.

A Fronteira de Asfalto

1

A menina das tranças loiras olhou para ele, sorriu e estendeu a mão.

- Combinado?

- Combinado - disse ele.

Riram os dois e continuaram a andar, pisando as flores violeta que caíam das árvores.

- Neve cor de violeta - disse ele.

- Mas tu nunca viste neve ...

- Pois não, mas creio que cai assim ...

- É branca, muito branca ...

-Como tu!

E um sorriso triste aflorou medrosamente aos lábios dele.

- Ricardo! Também há neve cinzenta ... cinzenta-escura.

-Lembra-te da nossa combinação. Não mais...

- Sim, não mais falar da tua cor. Mas quem falou primeiro foste tu.

Ao chegarem à ponta do passeio ambos fizeram meia volta e vieram pelo mesmo caminho. A menina tinha tranças loiras e laços vermelhos.

- Marina, lembras-te da nossa infância? - e voltou-se subitamente para ela.

Olhou-a nos olhos. A menina baixou o olhar para a biqueira dos sapatos pretos e disse:

[...] A mãe entrara e acariciava os cabelos loiros da filha - Marina, já não és nenhuma criança para que não compreendas que a tua amizade por esse ... teu amigo Ricardo não pode continuar. Isso é muito bonito em criança. Duas crianças. Mas agora ... um preto é um preto ... As minhas amigas todas falam da minha negligência na tua educação. Que te deixei ... Bem sabes que não é por mim!

- Está bem, eu faço o que tu quiseres. Mas deixa-me só.

O coração vazio. Ricardo não era mais que uma recordação longínqua. Uma recordação ligada a uns pedaços de fotografia que voavam pelo pavimento.

- Deixas de ir com ele para o liceu, de vires com ele do liceu, de estudares com ele ...

-Está bem, mãe.

E virou a cabeça para a janela. Ao longe percebe a mancha escura das casas de zinco e das mulembas. Isso trouxe-lhe novamente Ricardo. Virou-se subitamente para a mãe. Os olhos brilhantes, os lábios arrogantemente apertados.

- Está bem, está bem, ouviu? - gritou ela.

Depois, mergulhando a cara na colcha, chorou.

2

Na noite de luar, Ricardo, debaixo da mulemba, recordava. Os giroflés e a barra do lenço. Os carros de patins. E sentiu necessidade imperiosa de falar-lhe. Acostumara-se demasiado a ela. Todos aqueles anos de camaradagem, de estudo em comum.

[...]

Avançou devagar até à varanda, subiu o rodapé e bateu com cuidado.

- Quem é? - a voz de Marina veio de dentro, íntima e assustada.

[...]

- Alto aí seu negro. Pára. Pára negro!

Ricardo levantou-se e correu para o muro. O polícia correu também. Ricardo saltou.

- Pára, pára seu negro!

Ricardo não parou. Saltou o muro. Bateu no passeio com violência abafada pelos sapatos de borracha.

Mas os pés escorregaram quando fazia o salto para atravessar a rua. Caiu e a cabeça bateu pesadamente de encontro à aresta do passeio.

Luzes acenderam-se em todas as janelas. O *Toni* ladrava. Na noite ficou o grito loiro da menina d tranças.

Estava um luar azul de aço. A lua cruel mostrava-se bem. De pé, o polícia caqui desnudava com a luz da lanterna o corpo caído. Ricardo, estendido do lado de cá da fronteira, sobre as flores violeta das árvores do passeio.

Ao fundo, cajueiros curvados sobre casas de pau-a-pique estendem a sombra retorcida na sua direcção.

(VIEIRA, Luandino. *A cidade e a infância*. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.p.37-44.).

No final desta unidade, os autores sugerem livros para serem lidos sobre o continente africano: de William Shakespeare *Otelo - O mouro de Veneza*, (2000); de Leal Marconi, *Tumbu* (2007); de Pepetela *Parábola do Cágado Velho* (2005); de Lia Zagt *Jogo duro* (2004); de Alberto da Costa e Silva *Um passeio pela África* (2006), e sugestões de filmes como: *Atlântico negro - na rota dos orixás* (1998); *A família da noiva* (2005). E apontam um site de pesquisa sobre o tema: Cia de jovens griôts⁵ da Baixada fluminense.

⁵(<http://www.ciadejovensgriots.org.br/index.php>). A companhia de jovens griôts inspira-se nos griôts africanos, contadores de histórias e pesquisa contos da mitologia e diáspora africana no Brasil, recolhendo histórias de anciões das comunidades onde vivem.

Essa coleção, que é composta por quatro volumes, teve somente três volumes analisados, num total de 207 textos, dos quais 80 são literários e 73 de autores brasileiros, conforme pode ser verificado na tabela II, em anexo. Esta é uma das coleções que mais se aproximam daquilo que é proposto pelo GDL (Guia do Livro Didático). Nela há uma unidade sobre a África com textos diversos sobre o continente, mostrando sua origem, sua riqueza, pobreza, cultura, etc. Além disso, possui uma coletânea de textos de temática socialmente relevante nos demais capítulos, com atividades de compreensão que levam em conta as particularidades do texto literário. No final de cada unidade é sugerido o trabalho com a literatura através de outros livros com tema afim, realizando aquilo que os autores se propõem.

Embora a coleção faça uma exploração do texto literário que permite perceber as suas especificidades, ainda é necessário contextualizar os textos apresentados, dando informações sobre autores, movimentos a que estão vinculados e obras de que fazem parte, estimulando o aluno a lê-las integralmente, conforme sugere o Guia do Livro Didático de Língua Portuguesa.

7.2 DIÁLOGOS – EDIÇÃO RENOVADA

Eliana Santos Beltrão

Tereza Gordilho

Editora FTD, São Paulo, 2010.

A segunda coleção a ser analisada é *Diálogo*, das autoras Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho. Eliana Santos Beltrão é graduada em Letras pela Universidade Federal da Bahia, com especialização em Linguística Textual, também é Mestre em Linguística pela Letras pela Universidade Federal da Bahia e professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação no Ensino Fundamental e Médio. Tereza Gordilho é graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, com o curso de especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Instituto Sapientae e atua como Psicóloga na área educacional.

Nessa coleção, as autoras Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho assim apresentam a proposta de seu trabalho:

Os livros da coleção apresentam sete módulos temáticos, e cada um deles se organiza, geralmente, em duas partes ou sequências. Estas são sempre inauguradas por um texto principal, seguido de seções fixas, e algumas eventuais, de atividades de leitura e interpretação de textos verbais e não verbais, de treino da expressão oral e de gramática, conforme progressão didática inerente aos anos de cada ciclo. No final dos módulos, uma seção, a ser trabalhada por etapas, reúne blocos articulados de atividades de produção de texto que buscam fornecer ao aluno um repertório bastante rico de textos do mesmo universo do gênero e assunto propostos para a escrita. Nossas propostas, como se verá em detalhes, tomam o texto como origem e fim de cada atividade e aproveitam as estratégias que consideramos mais úteis para que o aluno adquira o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso efetivo da linguagem. (BELTRÃO; GORDILHO, 2010, p.5).

Cada volume desta coleção se organiza em sete módulos didáticos que exploram temas específicos, tais como questões ambientais, esportes, (i) migração, projetos de vida, relacionamentos amorosos, cidadania, adolescência e consumo. Os módulos se dividem em duas ou três partes, cada uma delas organizada em torno de um texto principal.

No módulo seis do livro do 6º ano “Um toque de poesia” as autoras informam que “a poesia ajuda a perceber o que existe a nossa volta, a ler o mundo, a se expressar, a se indignar e a se encantar com a vida” (BELTRÃO; GORDILHO, 2010, p.240). Entre todos os poemas citados, para se discutir o sentido que as palavras podem adquirir em diferentes contextos, aparecem três quartetos do poema do autor negro Cruz e Sousa, “Violões que choram” para demonstrar palavras que rimam.

Violões que choram

Ah! Plangentes violões dormentes, mornos,
soluços ao luar, choros ao vento...

Tristes perfis, os mais vagos contornos,
bocas murmurejantes de lamento,

Noites de além, remotas, que eu recordo.

Noites de solidão, noites remotas
que nos azuis da Fantasia bordo,
vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua,
anseio dos momentos mais saudosos,
quando lá choram na deserta rua
as cordas dos violões chorosos.

(In: Aguinaldo José Gonçalves (Sel.) Literatura comentada – Cruz e Sousa. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p.54).

No módulo sete, do livro do 9º ano, “Verso & Universo”, em que se trata do poema e sua forma, o segundo texto apresentado é do moçambicano António Emílio Leite, conhecido por seus leitores como Mia Couto, assim apresentado pelas autoras:

O poema que você vai ler agora é de Mia Couto, um dos grandes nomes da nova geração de escritores africanos que escrevem em língua portuguesa. Trata-se de um poema que aborda questões relacionadas ao ofício do poeta, ao sentido da poesia e a vida do povo moçambicano, um dos países mais pobres e martirizados do mundo. Faça uma leitura, para melhor senti-lo e compreendê-lo. (BELTRÃO; GORDILHO; 2010, p.318).

Segue o poema na íntegra:

Companheiros
quero
escrever-me de homens
quero
calçar-me de terra
quero ser
a estrada marinha
que prossegue depois do último caminho
e quando ficar sem mim
não terei escrito
senão por vos
irmãos de um sonho
por vos
que não sereis derrotados
deixo
a paciência dos rios
a idade dos livros
mas não lego
mapa nem bússola
porque andei sempre
sobre meus pés
e doeu-me
às vezes
viver
hei-de inventar
um verso que vos faça justiça
por ora
basta-me o arco-íris
em que vos sonho
basta-me saber que morreis demasiado
por viverdes de menos
mas que permaneceis sem preço
companheiros.

(Mia Couto. Raiz de orvalho e outros poemas. Lisboa, Caminho, 1999).

Logo após o poema, as autoras introduzem a seguinte pergunta:

1. A quem, na sua opinião, o poema é dirigido? *Resposta pessoal:*
Sugestão: O poema é dirigido a todas as pessoas que se identificam com a situação de luta e conquista, principalmente aos cidadãos moçambicanos.

A coleção abrange um total de 342 textos, sendo 105 literários. Destes, somente dois textos parecem melhor representar o que propõe a Lei em análise, são os já mencionados de Cruz e Sousa, e Mia Couto. Conforme o propósito das autoras e que pode ser comprovado pelas atividades sugeridas na coleção, o enfoque dado a essa coleção é tomar “o texto como origem e fim de cada atividade e aproveitar as estratégias que consideram mais úteis para que o aluno adquira o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso efetivo da linguagem” (cf. BELTRÃO; GORDILHO; 2010, p.5). É o caso do poema *Companheiros*, pois conforme a sugestão de resposta que vem no livro do professor isso pode tornar-se um problema se a mediação feita pelo professor não considerar que um aluno do 9º ano nem sempre poderá se identificar com a situação de Moçambique ou de outro lugar ou de outra situação se não tiver essa informação completa. Como se identificar com aquilo que não se conhece? Ao se referir sobre o poema *Companheiros*, a pergunta abre uma possibilidade de discussão sobre conhecer o outro, sobre identidade, etc. – o que acontece em Moçambique? Falamos a mesma língua: o que mais nos une? Por que lá eles são os mais pobres e martirizados do mundo? Dessa forma o poema faça mais sentido.

Portanto, seria interessante observar quais são as necessidades da turma, propondo um acervo maior de textos literários que se aproximem dos interesses e da realidade social dos alunos.

7.3 LÍNGUA PORTUGUESA – LINGUAGEM E INTERAÇÃO

Carlos Emílio Faraco

Francisco Marto de Moura

José Hamilton Maruxo Júnior

Editora Ática, São Paulo, 2010.

A terceira coleção a ser analisada é *Língua portuguesa - linguagem e interação* dos autores Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Júnior. Carlos Emílio Faraco é licenciado em Letras pela Universidade de São Paulo, é ex-professor de Língua Portuguesa do ensino fundamental e do ensino médio. Francisco Marto de Moura é licenciado em Letras pela Universidade de São Paulo, é ex-professor de Língua Portuguesa do ensino fundamental, ensino médio e do ensino superior. José Hamilton Maruxo Júnior é doutorando em Letras pela Universidade de São Paulo, professor de Língua Portuguesa da rede pública estadual de São Paulo, professor de Francês da Faculdade de Santa Marcelina em São Paulo e pesquisador do CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária).

Os autores apresentam a coleção aos alunos assim

Olá! Este livro é para você. É o seu livro de Língua Portuguesa, que vai acompanhá-lo durante boa parte do tempo: na escola e talvez fora dela.

[...]

Foi pensando nisso que selecionamos o material desta coleção – crônicas, contos, trechos de romance, de peças de teatro, anúncios publicitários, roteiros de filmes, textos jornalísticos e científicos, letras de músicas, além de pintura, fotos, histórias em quadrinhos... Tudo selecionado para você ler e interpretar, questionar, emociona-se, divertir-se. (FARACO; JUNIOR; MOURA; 2010, p.3).

Esta coleção está dividida em doze unidades por volume, em que são apresentadas propostas que se voltam principalmente para a leitura e produção de textos. No entanto, dos 219 textos apresentados, conforme tabela 7.3, do Anexo II, deste universo, somente 58 são literários.

No livro do 7º ano, na unidade um sob o título *Identidades*, o texto dois, “O dicionário” é assim apresentado: “Neste texto, um depoimento da autora Heloísa Pires nos fala, de forma bem-humorada, do que para ela representam as diferenças entre brancos e negros. Vamos conhecer a opinião dela?” (FARACO; JUNIOR; MOURA; 2010, p.16). Há no livro a indicação para o professor seguir para o manual do professor e ler a opinião da autora. Trata-se de um fragmento de *Histórias da Preta*.

O dicionário

Entrei na biblioteca e abri o dicionário do Aurélio. Procurei a palavra *negro* e entres seus significados estavam estes; “sujo, encardido”, “triste”, “maldito”. Mais embaixo vinha *negrura*, palavra que podia ser associado à ideia de crueldade, perversidade, ruindade, erro, culpa. Saí da sala achando que ser negro não era muito bom não.

Passei pela secretaria e uma moça falava em tom de desespero: “A coisa está preta!”. Pensei então: “Assim eu não vou querer ser nem negra e nem preta”.

Mas aí me empinei toda e fui perguntar a professora se não estava errado o dicionário e as pessoas falarem que o escuro é ruim. A professora também era escura e disse: “É preciso prestar atenção à semântica! Ela é uma pratica para justificar a superioridade de uma população sobre outra, desrespeitando-a cotidianamente em pequenas fórmulas de associações negativas”.

Com o tempo, entendi direitinho: o sentido que nós damos as palavras indica o modo como vemos o mundo, traduz o que achamos das coisas. Se alguém diz, por exemplo, que fulano “fez um serviço de preto”, isso quer dizer no fundo a pessoa acha que todas as pessoas negras fazem trabalhos malfeitos. E isso por acaso é verdade? (Não, é racismo.).

Com o tempo, entendi também que o dia só existe se existe noite. E que os dois são iguais. Sombra é bom quando tem muita luz e luz é bom quando está muito escuro. O petróleo é negro e não é sujo, o carvão é preto e faz fumaça branca, e eu pensei em tantos opostos que se equilibram que... deu um branco na minha cabeça!

Heloisia Pires Lima. *Histórias da Preta*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

As questões referentes ao texto se restringem a questões gramaticais. Em box com informações sobre a autora há uma explicação “Por desejar conhecer a cultura de diferentes povos, decidiu estudar antropologia e desenvolve atividades ligadas a educação, sempre buscando incentivar a integração e o respeito entre as diversas etnias”. (FARACO; JUNIOR; MOURA; 2010, p.17). Esse texto aborda de forma direta as questões de racismo e discriminação entre as pessoas, mas o livro não dá espaço para tal discussão.

Os autores não fizeram nenhuma proposta específica em relação ao texto literário Apesar disso, a formação do leitor literário é favorecida principalmente no último volume pela abordagem dos textos e na sugestão de obras completas para leitura.

7.4 LINGUAGENS: CRIAÇÃO E INTERAÇÃO

Cássia Garcia de Souza

Márcia Paganini Cavéquia

Saraiva Livres Editores, São Paulo, 2009.

A quarta coleção a ser analisada é *Linguagem: criação e interação*: de autoria de Cássia Leslie Garcia de Souza e de Márcia Paganini Cavéquia. Cássia Leslie Garcia de Souza é professora graduada em Português e Literaturas de Língua Portuguesa, e pós-graduada em Língua Portuguesa, ambas pela Universidade Estadual de Londrina. Márcia Paganini Cavéquia é professora graduada em Português e Literaturas de Língua Portuguesa; Inglês e Literaturas de Língua Inglesa e também é pós-graduada em Metodologia da Ação Docente, também pela Universidade Estadual de Londrina.

As autoras apresentam a coleção explicando:

Sabemos que os livros didáticos são instrumentos de considerável importância no auxílio ao trabalho docente. Isto posto, é fundamental que tais materiais venham ao encontro das necessidades do professor e dos alunos, oferecendo-lhes preciosos momentos de interação, em que o ensino e a aprendizagem possam efetivar-se. [...] Acreditamos ainda que os tópicos Leitura, Produção escrita, Oralidade e Conhecimentos linguísticos não devam ser adotados de maneira isolada, mas como um todo indivisível, de modo que a linguagem seja enfocada como instrumento de criação e interação. (CAVÉQUIA; SOUZA, 2009, p.3).

A coleção organiza-se em dez unidades temáticas, tais como *Histórias mitológicas*, *O humor está em alta*, *Um saber que vem do povo*, *Histórias do cotidiano*, *Esporte: interação e superação*, *Cidadania e ação*, *Jogue essa fumaça pra lá*, *Racismo? Tô fora*, *Poema I* e *Poema II*. São apresentados três projetos em cada um dos volumes, com propostas de discussões, seminários, elaboração de livros, construção de painéis. Dentre os 429 textos da coleção, 140 são literários e 289 são não literários.

No livro do 8º ano, que possui nove unidades, a primeira é *Histórias mitológicas*, na página vinte e sete, trazendo um comentário com o título de “Questões Textuais”, em que o propósito é teorizar sobre “O que é narrar”. Nele são dados como exemplo alguns fragmentos narrativos, entre eles o do autor mineiro Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, que teve sua primeira edição em 1875 pela Garnier, no Rio de Janeiro. Na coleção, o fragmento usado é uma adaptação de Guila Azevedo:

Leôncio viveu algum tempo na Europa segundo seu estilo, gastando boa parte da fortuna do pai, que percebeu que a melhor coisa a fazer seria obrigá-lo a retornar ao Brasil e casá-lo com uma moça rica. Trouxe então, o filho de volta e promoveu seu encontro com Malvina, filha de seu amigo, um rico comerciante da corte [...].

Pouco tempo depois de seu casamento com Malvina, Leôncio perdeu a mãe. Ela havia sido uma mulher muito infeliz e sozinha. O marido a traía com frequência, e, além disso, ela perdera vários filhos. Uma pequena escrava que nascera na fazenda muito a agradava com sua graça e vivacidade, preenchendo um pouco o vazio de sua vida.

Essa menina chama-se Isaura e era filha de uma linda mulata, que por muitos anos fora a escrava favorita da mãe de Leôncio e lhe fizera companhia. Durante muito tempo, essa escrava havia resistido às investidas do comendador e as suas brutais solicitações, mas finalmente teve de ceder as suas ameaças e violências.

Quando a esposa do comendador descobriu o que se passara, caiu em profunda depressão e já não podia esconder o desprezo que sentia pelo marido. Diante dessa reação, o pai de Leôncio não mais ousou assediar a pobre escrava, mas decidiu vingar-se dela. Tirou-a dos afazeres da casa e da companhia da velha senhora e destinou-a aos serviços na roça, recomendando ao feitor que não a poupasse de trabalho e de castigos.

(GUIMARÃES, Bernardo. A escrava Isaura. Adaptação de Guila Azevedo. São Paulo: Scipione, 2002, p.6-7).

Já no livro do 9º ano, na última unidade, a unidade seis: *'Racismo? Tô fora!'* começa com um painel de fotografias de algumas personalidades: Barack Hussein Obama, Toni Morrison, Lewis Hamilton, Daiane dos Santos e Jorge Mário da Silva, conhecido por seus fãs como Seu Jorge. Ao lado das fotografias há duas instruções: "Observe as fotografias e as informações apresentadas. O que há em comum entre essas pessoas? Em sua opinião, a cor da pele de uma pessoa tem o poder de determinar a capacidade dela para as artes, esportes, cultura, ciência, etc." (CAVÉQUIA; SOUZA, 2009, p.131). Na página seguinte, no *Momento do texto* há uma breve apresentação do que será lido:

"Maria Macária de Assis, a personagem da história a seguir, nasceu no século XIX, na antiga Nossa Senhora do Livramento, Bahia. Já na velhice, ela relata lembranças de sua distante juventude, época em que era perita na arte da capoeira."

A dança da vida

Bahia, 1889

Sempre digo que sou uma pessoa de sorte. Na vida tive tudo o que desejei, como aprendera escrever, em português e francês. No sertão da Bahia, nos arredores de Nossa Senhora do Livramento, poucas são as mulheres letradas e, se forem negras como eu nem pensar. Creio que nasci abençoada por Maria, como dizia minha mãe, e filha de lansã, como dizia meu avô.

Agora que minha vida está por terminar, alegro-me com minhas lembranças. Já tenho oitenta e seis anos. Sinto-me cansada ao caminhar. Mas minhas mãos são ágeis, minha vista é boa e passo os dias recordando e escrevendo. Quem sabe meus netos se interessem pelo que tenho a contar...

[...]

Sinhozinho até parou de tossir. Não tirava os olhos da ginga, dos rabos-de-arraia, das rasteiras, daquela dança mágica da vida. A lua estava cheia, a noite clara e a luz da fogueira, os homens rodopiavam como se pertencessem a uma constelação de estrelas negras, cortantes e mortais.

De repente sinhozinho me disse:

- Eu quero aprender capoeira, Maria Maçaria. Diga isso ao seu avô.

Vocês podem imaginar como fiquei apavorada. E se alguma coisa desse errado? E se alguém descobrisse?

Mas quando meu avô fitou Pedro Manuel bem no fundo dos olhos simplesmente respondeu:

- Você é filho de Xangô. Se eu o ajudar, você nos fará justiça e descobrirá sua própria coragem.

- Você é filho de Xangô. Se eu o ajudar, você nos fará justiça e descobrirá sua própria coragem.

Foi uma surpresa para mim. Nunca pensei que meu avô um dia aceitasse ensinar capoeira a um branco. Sinhá Quitéria ficou desconfiada quando sinhozinho lhe disse que passaria as tardes em companhia do velho João. Mas, como detestava contrariar o filho, acabou permitindo.

E foi muito, muito divertido. Porque meu avô decidiu que aprenderíamos a ginga juntos. Mandava-nos engatinhar entre as árvores imitando gatos e cachorros. Morriamos de rir dando rasteiras um no outro. Aos poucos fomos aprendendo a dança e a compreender cada som do berimbau.

A luz do sol e o toque da terra devolveram a saúde a sinhozinho. A chiadeira foi sumindo, o peito se desenvolvendo, as pernas firmando e finalmente ele conseguia dormir à noite. Sinhá Quitéria ficou muito satisfeita com o "tratamento" de meu avô, e nós começamos a ter regalias. Mas contente mesmo ela ficou no dia da surra.

[...]

- É, Raquel, meu filho luta como um homem!

Nunca mais dona Raquel voltou à fazenda e muitas coisas mudaram depois desse dia. Para mim e sinhozinho essa foi a primeira vitória. Passamos a vida envolvidos em muitas lutas. A luta contra o preconceito, contra a pobreza, contra a ignorância. E hoje, quando vejo nossos netos correndo por aí, acredito que conseguimos várias vitórias. Mas essas são histórias muito longas e ainda levarei dias para escrevê-las. E mesmo sendo uma velha guerreira, há momentos em que preciso descansar e, quem sabe, sonhar. Até mais tarde.

Heloisa Prieto. *Heróis e guerreiras*. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1995. Coleção Quase tudo o que você queria saber. (Ibidem, p. 132 - 134).

A seguir o livro possui o “Painel do texto” em que é apresentada a autora de *A dança da vida*, Heloisa Pietro e onde há uma contextualização do período histórico em que o conto se passa (1880), uma fotografia de Luís Gama (1830-1882), o ex-escravo que se tornou advogado e jornalista, além de uma ilustração, “Jogar capoeira”, do desenhista alemão Johann Moritz Rugendas, que consta de sua obra *Viagem pitoresca ao Brasil*, de 1835.

Em seguida tem-se “O estudo do texto”. A partir daí as autoras fazem 18 perguntas relacionadas basicamente sobre aspectos formais do texto, enquanto gênero literário: o que é uma narrativa de ficção, espaço, conflito, clímax, tempo, etc. Exemplo de algumas questões: “‘A dança da vida’ é um conto, uma narrativa de ficção. Que características do texto comprovam essa afirmação? Qual é o conflito? Em que ano nasceu Maria Macária?”.

Conforme a proposta das autoras no “Estudo do texto” deveria ser dada ênfase à interpretação textual, mas como é possível observar nas questões propostas pelas autoras, as perguntas relativas ao texto detêm-se a explorar os elementos teóricos, deixando de fora, ou melhor, abolindo a voz da narradora.

Esse é um texto em que as sequências narrativas que poderiam ser mais exploradas, relacionando-as, por exemplo, a situação do negro no Brasil: como eram tratados antes da abolição da escravatura, se é diferente nos dias de hoje, o que e como foi a luta dos negros pela abolição, se essa luta continua e por quê.

Embora no Ensino Fundamental o trabalho com a Literatura se faça junto com disciplina de Língua Portuguesa, deveria haver um espaço reservado para a apreciação, aonde o incentivo à leitura viria primeiro, antes dos conceitos.

Romilda Iyakemi Ribeiro (2002) em “Até quando educaremos exclusivamente para branquitude? Redes-de-significado na construção da identidade e da cidadania”, afirma:

Crianças brasileiras de todas as origens étnico-raciais têm direito ao conhecimento da beleza, riqueza e dignidade das culturas negro-africanas. Jovens e adultos têm o mesmo direito. Nas universidades brasileiras, procure nos departamentos as disciplinas que informam sobre a África. Que silêncio lamentável é esse, que torna invisível parte tão importante da construção histórica e social de nosso povo, e de nós mesmos? (RIBEIRO, 2002, p.150).

É de suma importância que o professor se dê conta de momentos como estes para ler e discutir com seus alunos a importância de um texto como *A escrava*

Isaura (1875). Talvez este seja um dos livros mais importantes sobre o tema da escravidão no Brasil. Apesar da escrava não ser negra ou de não ter sido trazida para o Brasil nos porões dos navios negreiros, nesse romance fica-se conhecendo uma parte de nossa história nesse período, treze anos antes da Abolição da escravatura. Outro bom exemplo é o romance americano *A cabana do Pai Tomás*⁶.

Mesmo que a coleção apresente alguns fragmentos de texto literário, eles são pouco explorados em seus aspectos estéticos, o que não favorece a formação do leitor de literatura. Esta poderá ser ampliada com a inserção de outros autores e de diferentes épocas e regiões. Já os dois textos acima apresentados podem ajudar o professor na discussão sobre racismo e discriminação no ambiente escolar, colaborando com a implementação da Lei em análise.

7.5 PARA LER O MUNDO – LÍNGUA PORTUGUESA⁷

Antonio Barreto
Graça Sette
Maria Angela Paulino
Rozário Starling
Editora Scipione, São Paulo 2007.

7.6 PARA VIVER JUNTOS – PORTUGUÊS

Ana Elisa de Arruda Penteado
Eliane Gouvêa Lousada
Greta Marchetti
Heidi Strecker
Maria Virgínia Scopacasa
Edições SM, São Paulo, 2009.

A sexta coleção a ser analisada é das autoras Ana Elisa de Arruda Penteado, Eliane Gouvêa Lousada, Greta Marchetti Heidi Strecker e Maria Virginia Scopacasa. Ana Elisa de Arruda Penteado é licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp é Mestre em História da Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp e atua como Professora de Língua Portuguesa na rede

⁶ Nos Estados Unidos, *Uncle Tom's Cabin* (A Cabana do Pai Tomás), da autora Harriet Beecher Stowe, romance que trata do tema, tornou impossível para a nação tolerar por mais tempo a escravidão, e continua sendo uma importante fonte esclarecedora sobre as dimensões da questão naquele país.

⁷ Esta coleção não é mais divulgada em escolas públicas do sul (RS) do Brasil, segundo informações da editora.
Nenhum livro foi analisado.

pública. Eliane Gouvêa Lousada é Mestre e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC - SP. Além disso, trabalha como Professora do curso de Elaboração de Material Didático Baseado em Gêneros no COGEAE (Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão) – PUC - São Paulo. Greta Marchetti é Licenciada em Letras e Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo-USP e professora de Língua Portuguesa na rede particular. Heidi Strecker é Licenciada em Letras e Filosofia pela Universidade de São Paulo-USP, é crítica literária e professora de Língua Portuguesa e Filosofia na rede particular. Maria Virgínia Scopacasa é Licenciada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC - SP e professora de Língua Portuguesa na rede particular.

A apresentação feita pelas autoras nos dá conta do objetivo da coleção

Você lerá e produzirá textos de diferentes gêneros que circulam em diversas esferas sociais. Dessa forma, você entrará em contato com um rico universo e poderá expor suas ideias, criar, emocionar-se, argumentar nas mais distintas situações. (LOUSADA; MARCHETTI; PENTEADO; STRECKER; 2009, p.3).

Os volumes dessa coleção se organizam por gêneros textuais como conto, crônicas etc, em oito capítulos, cada um trabalhando com um tema. Além desses, há ainda o capítulo “Revisão” no final de cada volume. No livro do 8º ano, revisando verbos e tipos de sujeito, as autoras apresentam um fragmento da crônica “Albertine Disparue”, do autor Fernando Sabino.

Albertine Disparue

Chamava-se Albertina, mas era a própria Nega Fulô: pretinha, retorcida, encabulada. No primeiro dia me perguntou o que eu queria para o jantar:

— Qualquer coisa — respondi.

Lançou-me um olhar patético e desencorajado. Resolvi dar-lhe algumas instruções: mostrei-lhe as coisas na cozinha, dei-lhe dinheiro para as compras, pedi que tomasse nota de tudo que gastasse.

[...]

SABINO, Fernando. *Crônicas* 5. São Paulo: Ática, 2003, p.27. (Col. Para Gostar de Ler).

Esse texto é o exemplo de como a figura do negro aparece nos livros didáticos mesmo após a Lei 10.639/2003, isto é, de forma estereotipada. No entanto

ele permite discutir a imagem do negro presente nos textos e pode suscitar com a mediação do professor, discussões positivas, ao qual todo homem enquanto cidadão tem direito. Constata-se, mais uma vez, a perpetuação do racismo contra a população negra por meio desta importante ferramenta pedagógica que é o livro didático, onde os autores usam de uma crônica como esta para tratar de estudos gramaticais.

Já no livro do 9º ano, “Conto e propaganda”, o módulo tem por objetivo fazer com que o aluno aprenda os “Recursos da linguagem poética no conto e na propaganda, regência verbal e nominal, além do uso da crase” (LOUSADA; MARCHETTI; PENTEADO; STRECKER; 2009, p.177). É interessante observar que em nenhum momento se fala em literatura na coleção, mas o primeiro texto apresentado neste módulo, Literatura um, é o conto “Os amores de Alminha”, antecedido pelo “O que você vai ler” e que assim apresenta o escritor Mia Couto:

O conto a seguir foi escrito por Mia Couto, moçambicano de origem portuguesa, um dos mais importantes autores africanos da atualidade.

Mia Couto escreve poesia, contos e romances. Seu tema principal é o povo de Moçambique; essa ex-colônia de Portugal enfrentou, entre 1976 e 1992, uma guerra civil que deixou cerca de um milhão de mortos.

A língua oficial de Moçambique é o português, mas ao ler este texto, você vai observar algumas diferenças em relação a língua falada no Brasil.

Além dessas diferenças, atente também para o uso criativo e particular da linguagem. Como o próprio escritor diz, em seus contos ele “falinventa”: cria palavras juntando à linguagem oral africana a tradição literária dos países europeus e americanos.

Antes de iniciar a leitura, converse, com os colegas.

*Você já havia tido algum contato com a literatura africana contemporânea?

*Pelas informações acima, que tipo de narrativa espera ler?

Os amores de Alminha

Descobriram que Maria Alminha há mais de meses que não ia às aulas. A moça faltava por regime e sistema, enviuvando o banco da escola. A diretora mandou chamar a mãe e lhe comunicou da filha, vítima de prolongada ausência. A mãe, face à notícia, não tinha buraco onde se amiar.

Assunto de menina diz respeito à mãe. Assunto de rapaz também. Assunto de mãe não diz respeito a ninguém. Assim, a senhora fez o percurso para casa como se aquilo não fosse um regresso. Como sequer não houvesse destino.

Tinha sido assim a vida inteira: o marido sentia vergonha por ter gerado apenas um descendente. Ainda por cima uma filha. A menina se tornara incumbência de sua mãe. Noite e dia, ela sozinha se ocupava. Ganido de cachorro, gemido da filha? Tudo sendo igual, sem motivo para perturbação de pai. Só ela se levantava, atravessando a noite com cadência de estrela. Pelos escuros corredores, seus passos se cuidavam para não despertar nem marido nem filha já readormecida.

[...]

- *Hoje vi-o nadar e me apeteceu atirar para a água, me banhar nua com ele.*
 - *Nua? Viu, mulher, como isso vem da sua parte. Porque você a mim nunca me viu nu nem muito menos a banhar-me em aquáticas companhias. Isso é mania de mulherido. Adiante, mais adiante!* – ordenou.

Queria que ela continuasse lendo mas não queria ouvir mais. Abanava a cabeça, pesaroso. Nua? Na água? A moça andava por aí, repazeando-se com este e aquele?

- *Nunca pensei ser tristemunha de tanta vergonha.*

Antes de lhe descer mais pensamento, o pai já tomara decisão: expulsá-la de casa. E que nem conversa. Não valeu o pranto, não valeu nada nem ninguém.

- *E sai já hoje que amanhã pode nem haver dia.*

[...]

A mãe ainda se ergueu, dando gesto à sua vontade de rever e reaverá sua menina. À medida que se aproximava, porém, seus passos esmoreceram ante o amor que ela via se trocando, amor que ela nunca saboreara em sua inteira vida.

E pé ante pé ela se retirou, como se, de novo, cuidasse não despertar a sua menina no sossego do quarto natal.

Mia Couto. *Na berma de nenhuma estrada e outros contos*. Lisboa: Caminho, 2001. p. 133-136.

A atividade proposta é interessante pelas relações sugeridas nas atividades, como a intertextualidade com a mitologia grega: *Leda e o cisne*, com religião, além de possibilitar discussões sobre a escola, relacionamento entre pais e filhos, diferenças e semelhanças entre as culturas brasileira e moçambicana, entre outras que possam surgir durante a leitura e reflexão sobre o texto.

Embora a coleção ofereça textos de diferentes gêneros textuais, dos quais 141 são textos literários, somente um autor luso-africano aparece em toda coleção. Na sua grande maioria, esses textos são usados para explicar o funcionamento da língua. Cabe observar que os mesmos estão longe da realidade da grande maioria dos alunos de escola pública do país, e são voltados, quase que exclusivamente, para a região sudeste, conforme pode ser verificado na tabela 7.6, do Anexo II.

7.7 PORTUGUÊS – A ARTE DA PALAVRA

João Carlos Rocha Campos

Flávio Nigro Rodrigues

Gabriela Rodella de Oliveira
Editora AJS, São Paulo, 2009.

A sétima coleção a ser analisada é dos autores João Carlos Rocha Campos, Flávio Nigro Rodrigues, Gabriela Rodella de Oliveira. João Campos é graduado em Português pela USP, e professor de ensino na cidade de São Paulo. Flávio Nigro Rodrigues é graduado em Jornalismo e Comunicação Social pela PUC - São Paulo. Gabriela Rodella de Oliveira é graduada em Português e Alemão e Licenciada em Português pela USP, e é Mestre em Linguagem e Educação pela Faculdade de Educação da USP.

Esta coleção é dividida em sete capítulos, cada volume está relacionado com um gênero textual entre eles poemas. Os autores, diferentemente dos outros das demais coleções, não fazem uma apresentação, mas um convite aos estudantes:

Você está convidado a participar de uma viagem pelo universo dos textos. A coleção de Língua Portuguesa, da qual este volume faz parte, foi pensada e elaborada para ser um passaporte a novos mundos e para a reflexão sobre o nosso próprio mundo, por meio da fala, da escuta, da leitura e da escrita de textos. [...] E então você será convidado a produzir seus próprios textos orais e escritos. Dará vazão a sua criatividade e inteligência e, ora sozinho, ora em dupla ou em grupo, criará narrativas, textos jornalísticos, poemas, anúncios, seminários e tudo aquilo que tiver vontade de escrever e de falar. (CAMPOS; OLIVEIRA; RODRIGUES; 2009, p.3).

As atividades de produção de texto centram-se, conforme o PNL D 2011, no desenvolvimento do tema e da caracterização do gênero. Propõe-se a circulação dos textos produzidos pelos alunos nos ambientes familiar e escolar. Dos dois volumes analisados, num total de 169 textos, destes 74 são literários e 53 são brasileiros. Estes textos poderiam ser melhor lidos pelo professor quanto à questão política e social que os permeia e quanto a opinião dos alunos a respeito. A coleção apresenta excesso no uso de metalinguagem e abordagem predominantemente transmissiva dos conteúdos gramaticais.

Na unidade do 8º ano para ensinar os alunos o conceito de aliteração e assonância, os autores usam o poema, já aqui citado em outra coleção, “Violões que choram”, de Cruz e Sousa. Esse texto poderia ser melhor explorado. Além das aliterações, o poema possui um ritmo semelhante ao barulho das ondas do mar. Assim como poderia ser questionado que vozes são essas? Por que são veladas? E

outras questões que certamente surgiriam durante a leitura. Esse é o único texto de autor negro.

7.8 PORTUGUÊS – IDEIAS & LINGUAGENS

Dileta Delmanto
Maria da Conceição Castro
Saraiva, São Paulo, 2009.

A oitava coleção a ser analisada é *Português: ideias & linguagens*, das autoras Dileta Delmanto e Maria da Conceição Castro. Dileta Delmanto é Licenciada em Letras – Português e Inglês, e Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP atua como professora das redes estadual e particular na cidade de São Paulo. Maria da Conceição Castro é Licenciada em Letras pela UNESP e professora das redes municipal e estadual de São Paulo.

As autoras fazem a apresentação da coleção da seguinte maneira:

Este livro foi sendo tecido com o cuidado de uma bordadeira que, ponto a ponto, cria uma paisagem colorida, repleta de lugares que ficaram na memória: procura a árvore mais bonita, o jardim mais florido, o pássaro mais delicado [...] Tudo isso para que você pudesse sentir vontade de ler, para conhecer o que os poetas e escritores já disseram sobre o mundo e as pessoas que nele vivem; de escrever, para expressar o que sente e pensa; de refletir; para entender o que está a sua volta; de indignar-se, para poder procurar maneiras de modificar o que é injusto, errado, revoltante... Enfim, esperamos que esse nosso trabalho permita que você descubra o prazer de ler e a satisfação de conseguir se expressar oralmente ou por escrito, sem temer as palavras. (CASTRO; DELMANTO, 2009, p.3).

A coleção está dividida em dez unidades temáticas em cada livro, acrescido de um pequeno apêndice, em que se aborda o gênero e os conteúdos gramaticais a serem estudados. Há também no final de cada unidade a seção “Leia mais...” com sugestões no “Manual do Professor/a”. No final de algumas delas, há projetos complementares, em geral relacionados à produção de gêneros orais e escritos. Por exemplo, no livro do 9º ano, o projeto é a criação de uma revista. Os textos abrangem gêneros diversos como: poemas, reportagens, conversação espontânea, artigos de opinião, divulgação científica, contos e crônicas, entre outros. Pode-se afirmar, conforme tabela do Anexo II, que há pouca diversidade de textos de diferentes épocas e regiões. Dos 367 textos catalogados e analisados das três unidades, 85 são textos literários, e 282 não literários, limitando as contribuições

para a formação do leitor de literatura porque não há estímulo para que o aluno depreenda os diferentes efeitos de sentido gerados pelos recursos usados nos textos. Dá-se ênfase aos estudos linguísticos e não há textos de teor africano.

7.9 PORTUGUÊS – UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO⁸

Magda Soares

Editora Moderna, São Paulo, 2009.

A nona coleção a ser analisada é *Português: uma proposta para o letramento*, da autora Magda Soares. Magda Soares é Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e Professora da Universidade Federal de Minas Gerais.

Cada volume da coleção se organiza em quatro unidades temáticas. Deriva dessas unidades um conjunto de cinco ou seis subunidades, estruturadas por gêneros e tipos textuais. Os textos selecionados se apresentam como eixo articulador dos estudos previstos para leitura, produção de texto, linguagem oral e reflexões sobre a língua. Quanto à literatura, a autora utiliza uma grande quantidade de poemas para trabalhar conteúdos de reescritura de textos, não havendo exploração de suas qualidades e de seus efeitos no leitor. Das três unidades analisadas, foram contabilizados 172 textos, dos quais 55 eram literários.

Na unidade três, do 8º ano sob o título de *Diferentes, mas iguais*, a autora apresenta o poema de Mário de Andrade para comentar sobre as diversas formas de falar do brasileiro.

Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo
 Na minha casa da rua Lopes Chaves
 De supetão senti um friúme por dentro.
 Fiquei trêmulo, muito comovido
 Com o livro palerma olhando pra mim.
 Não vê que me lembrei que lá no Norte, meu Deus!
 muito longe de mim
 Na escuridão ativa da noite que caiu
 Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,

⁸ Segundo a editora, esta coleção não é mais divulgada no sul (RS) do Brasil.

Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.
Esse homem é brasileiro que nem eu.
(Mário de Andrade)

O livro traz as questões de interpretação do poema que são muito pertinentes, mas exigem também que o professor conheça Geografia e História para que a leitura seja explorada em tudo aquilo que ela suscita no leitor. O texto traz uma ilustração do poeta debruçado sobre a escrivaninha e um homem deitado em uma rede. Requer que se conheçam os movimentos literários, como a “Semana de Arte Moderna de 1922”, assim como os diversos *brasis* que temos dentro do Brasil, a diversidade que muitas vezes gera discriminação e preconceito. Esse texto certamente pode ser lido pelo professor com um olhar diferenciado sobre a origem de tantos brasileiros, contribuindo para diminuição da discriminação presente no ambiente escolar.

7.10 PORTUGUÊS – LINGUAGENS

William Roberto Cereja
Thereza Cochar Magalhães
Saraiva Livres Editores, São Paulo, 2009.

A décima coleção a ser analisada é *Português: linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. William Roberto Cereja é professor graduado em Português e Linguística, Licenciado em Português pela Universidade de São Paulo, além de Mestre em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo e Doutor em Linguística Aplicada e Análise do Discurso pela PUC-SP. Leciona na rede particular de São Paulo, capital. Thereza Cochar Magalhães é graduada em Português e Francês e Licenciada pela FFCL de Araraquara, São Paulo. É Mestra em Estudos Literários pela UNESP de Araraquara, em São Paulo e professora da rede pública de ensino na mesma cidade.

Os autores, ao fazerem a apresentação da coleção aos alunos, assim se expressam:

Caro estudante:

Este livro foi escrito para você. Para você que é curioso, gosta de aprender, de realizar coisas, de trocar ideias com a turma sobre os mais variados assuntos, que não se intimida ao dar opinião... porque tem opinião.[...] Para você que transita livremente entre linguagens e que usa, como um dos seus donos, a língua portuguesa para emitir opiniões, para expressar dúvidas, desejos, emoções, ideias e para receber mensagens. Enfim, este livro foi escrito para você que deseja aprimorar sua capacidade de interagir com as pessoas e com o mundo em que vive. (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p.3).

A coleção é composta por quatro unidades temáticas, divididas em três capítulos. As unidades são finalizadas, na seção “Intervalo”, com um projeto que articula leitura, produção escrita e oralidade, tendo em vista produtos como jornal, mostras, exposições, cartazes e cartilhas.

No capítulo um, da unidade três, do livro do 6º ano, conforme tabela, 7.10, do Anexo II, “Descobrimo quem sou eu”, os autores apresentam um fragmento do livro, *Os meninos morenos*, de Ziraldo. Vejamos um pouco do texto:

Os meninos morenos

Eu era um menino cor da terra. Não vou, porém, saber nunca de onde vieram os verdadeiros avós dos avós dos meus avós. Nisso, nós, os meninos brasileiros, somos diferentes dos meninos morenos da Guatemala, do México, da América Central ou de todo o planalto andino. Quando o homem branco chegou na minha terra, encontrou meninos com a carinha igual à todos os meninos que viviam nas florestas úmidas da América ou nas altas montanhas dos Andes. Depois, eles trouxeram os negros da África, que não queriam vir. E vieram também os árabes e outras gentes da Ásia. E todos se misturaram, sem registro e sem cartório. E aqui ficamos todos da cor da nossa terra e viramos, todos, os brasileiros. [...]

Quando eu estava
 “Quando eu estava te esperando
 sentia muita vontade
 de comer terra;
 Arrancava pedacinhos
 De adobe das paredes
 e comia.”

Esta confissão de minha mãe
 Despedaçou meu coração.
 Mamei leite de barro,
 Por isso minha pele
 É cor de barro.

Ziraldo, *Os meninos morenos* – com versos de Humberto Akabal. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

Para discutir o texto os autores propõem as seguintes perguntas:

1. Em que os meninos brasileiros são diferentes dos demais meninos da América Latina?
2. Quem era os avós dos avós dos avós dos meninos dos demais países da América Latina? Se necessário consulte um livro de história.
3. Por que o autor, mesmo sendo adulto, se inclui entre os meninos brasileiros?
4. Poema de Humberto Akabal acompanha o texto de Ziraldo. Há no poema duas vozes:
 - a) De quem são essas vozes?
 - b) Levantar hipóteses: Por que a confissão da mãe teria despedaçado o eu-lírico do poema?
5. A que etnia pertence o narrador do texto os meninos morenos?

O texto *Os meninos morenos*, de Ziraldo, apresenta o drama das diferenças étnico-raciais, culturais e sociais, do passado, e a infância, vistos sob a ótica da importância das origens para o autoconhecimento. Permite que o professor possa levantar questões sobre a história de cada um, conforme foi sugerido pela questão de número quatro. O autor sugere a intertextualidade quando junta ao seu texto um outro texto, o poema de Humberto Kabal, no entanto, essa leitura necessita da mediação do professor, pois envolve conhecimentos prévios sobre geografia, a situação da América Latina e o Brasil, podendo valorizar o que há de igual e de diferente entre as pessoas, e enfatizar que isso não as torna nem melhores nem piores, apenas diferentes, de acordo com o contexto social de cada um.

Conforme tabela do Anexo II, dos 568 textos encontrados nessa coleção, 157 são literários e 411 não literários. Além disso, a coleção pouco incentiva a formação do leitor de literatura, pois nela predominam textos jornalísticos e publicitários e as especificidades do texto literário não são sistematicamente exploradas. Ela se beneficiaria com a apresentação de novos textos literários e um aprofundamento das atividades para estimular para a formação de um leitor crítico perante seu mundo.

7.11 PROJETOS ECO – LÍNGUA PORTUGUESA

Cristina Soares de Lara Azeredo
Editora Positivo, Curitiba e 2009.

A décima primeira coleção a ser analisada é *Projeto Eco: língua portuguesa* é da autora Cristina Azeredo que é formada em Letras com Licenciatura em Português e Inglês, pela Universidade Federal do Paraná. É pós-graduada em Metodologia do

Ensino de 1º e 2º Graus pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Curitiba, além de professora da rede pública e particular de ensino em Curitiba.

Cristina Azeredo assim apresenta sua coleção aos alunos:

Você, que nasceu em um tempo em que a comunicação faz parte de toda atividade humana, sabe o quanto é importante poder comunicar-se e interagir com o outro.

Por isso, aprenda tudo o que puder, troque ideias sobre os temas propostos, exponha seu ponto de vista, escreva o que você sente, o que você pensa, o que sabe. Deixe a marca de sua passagem pelo mundo! (AZEREDO, 2009, p.3).

Esta coleção está dividida em unidades, cada uma apresentando quatro capítulos. Possui 236 textos, sendo 105 literários. Entre eles, no livro do 6º ano, aparece “Negrinho do Pastoreio”, lenda gaúcha recontada por Moacyr Scliar. Esse texto permite que o professor possa discutir, entre as questões da escravidão, a vida das crianças no período da escravatura, aspectos de religião, e as diferentes crenças no Brasil. No entanto, ela pouco favorece a formação do leitor de literatura, pela ausência de autores de diferentes épocas e regiões e pela falta de um trabalho sistemático de exploração do texto literário como tal. Deveria ser estimulada a leitura de outros textos literários. A coleção não discute a diversidade sociocultural brasileira, dando ênfase aos conhecimentos linguísticos.

7.12 PROJETOS RADIX– PORTUGUÊS

Ernani Terra

Floriana Toscano Cavallette

Editora Scipione, São Paulo, 2010.

A décima segunda coleção a ser analisada é a *Projeto Radix: Português*. É dos autores Ernani Terra e Floriana Toscano Cavallette. Ernani Terra é bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo e mestrando em Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É autor de diversas obras na área de Língua Portuguesa, entre as quais *Gramática de hoje*, *Minigramática* e *Radix Gramática* (para 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental). É também autor do *Curso Prático de Gramática* e coautor de *Português: de olho no mundo do trabalho* (para Ensino Médio).

A apresentação da coleção é feita diretamente aos estudantes assim:

Vivemos em uma sociedade em que várias linguagens se cruzam. O tempo todo estamos tomando contato com diferentes textos em linguagens diversas: notícias de jornais, folhetos, histórias em quadrinhos, manuais de instruções, letras de músicas, entrevistas, páginas da internet, blogs, poemas, crônicas, contos, romances... Por isso, mais do que nunca, é preciso que saibamos trabalhar com múltiplas linguagens e com os mais variados tipos de textos. (CAVALLETE;TERRA, 2010,p.3).

A coleção está dividida em oito módulos, com um ou dois capítulos, organizados por temas. No volume do 6º ano, no sexto capítulo do 4º módulo, intitulado “Mitos e lendas”, há um conto do folclore angolano, “O rapaz e crânio” que consta na coletânea de Viale Moutinho, *Contos populares de Angola: folclore quimbundo*. Esse conto é posto na seção *Algo a mais*:

O rapaz e crânio

Os mitos, as lendas e os contos populares de um povo são importante componente de seu patrimônio cultural. Conheça mais um pouco da cultura africana lendo o conto a seguir, depois discuta com seus colegas as ideias que ele transmite. Este é de Angola, do folclore quimbundo. Em tempo: em Angola também se fala a língua portuguesa.

Um rapaz foi fazer uma viagem e no caminho encontrou uma cabeça humana.

As pessoas costumavam passar por ela sem fazer caso, mas o rapaz não procedeu assim.

Aproximou-se, bateu-lhe com um pau e disse:

- Deves a morte à tua estupidez.

O crânio respondeu:

- A estupidez me matou, a tua esperteza também o matará.

O rapaz aterrorizou-se tanto que, em vez de prosseguir, voltou para casa.

Quando chegou, contou o que se passara. Ninguém acreditou:

- Estás a mentir! Já temos passado pelo mesmo lugar sem nada ouvirmos dessa tal cabeça.

- Como é que ela te falou?

- Então vocês não acreditam? Vamos lá e se quando eu bater na bater na tal cabeça, ela não falar, cortai a minha.

Todos partiram e, no sítio referido, o rapaz bateu na cabeça e repetiu:

- A estupidez é que te causou a morte.

Ninguém respondeu.

As palavras são pronunciadas outra vez e como o silêncio continuasse os companheiros gritaram:

- Mentiste! - e degolaram-no.

Imediatamente o crânio falou:

- A estupidez fez-me morrer e a esperteza matou-te.

O povo compreendeu então a injustiça que cometera, mas é que espertos e estúpidos são todos iguais. (MOUTINHO, Viale (Org.). contos populares de Angola: folclore quimbundo. São Paulo: Princípio, 1994. p, 25-26).

Esse conto, que vem das narrativas orais de Angola, permite ao professor inserir em suas aulas a temática da Literatura Africana de Língua Portuguesa. Ele poderia pedir aos alunos que contassem histórias semelhantes e assim estimular a contação de histórias, levá-los a perceberem o que há de semelhante entre a nossa cultura e a cultura angolana, entre outros aspectos que sejam relevantes para a classe de alunos. Dos 223 textos presentes nessa coleção, apenas 86 são literários, fazendo-se saliente o uso e abuso dos exercícios de metalinguagem e esquecendo-se do lado lúdico que um texto literário pode trazer consigo.

7.13 TRABALHANDO COM A LINGUAGEM⁹

Givan Ferreira
Isabel Cristina Cordeiro
Maria Aparecida Almeida Kaster
Mary Marques
Editora FTD, São Paulo, 2009.

7.14 TRAJETÓRIAS DA PALAVRA – LÍNGUA PORTUGUESA

Celina Diaféria
Mayra Pinto
Editora Scipione, São Paulo, 2010.

A décima quarta coleção a ser analisada é das autoras Celina Diaféria e Mayra Pinto. Celina Diaféria é Bacharel em Letras (Português – Francês) e Licenciada em Letras (Português) pela Universidade de São Paulo (USP), além de Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), e professora de Língua e Literatura Portuguesa na rede particular de ensino em São Paulo (SP). Mayra Pinto é Bacharel em Letras (Português - Russo), Licenciada em Letras (Português) e Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Também atua como professora de Língua Portuguesa, Metodologia de Ensino e Literatura na rede particular de ensino superior em São Paulo (SP).

Os volumes organizam-se em três unidades, cada uma delas dividida em três ou quatro capítulos, em que são trabalhados conteúdos e atividades que possibilitam o desenvolvimento de diversas capacidades de linguagem. A coleção apresenta,

⁹ Conforme informações da Editora FTD esta coleção não é mais editada para as escolas públicas do sul (Porto Alegre) do Brasil. Nenhum livro foi analisado.

principalmente, textos jornalísticos e literários e os autores selecionados são representativos da literatura de diferentes épocas e regiões. A coleção estimula a formação do leitor, pois discute a diversidade sociocultural do país. No entanto poderia apresentar textos literários de autores mais próximos da realidade do aluno afrodescendente, pois dos 281 textos da coleção, 108 são literários, com poucos autores que representem a diversidade étnica do Brasil.

No livro do 7º ano, o uso do texto de José Viale Moutinho, sobre os contos populares angolanos, de língua portuguesa, abre a possibilidade de se buscarem outros e discutir a realidade e a cultura daquele país.

O passado e o futuro

Dois homens caminhavam por uma estrada quando encontraram um vendedor de vinho de palma. Os viajantes pediram-lhe vinho e o homem prometeu satisfazê-los, mas uma condição:

- Terão de me dizer os vossos nomes.

Um deles falou:

- Chamo-me *De onde Venho*.

E o outro:

- *Para Onde Vou*.

O homem aplaudiu o primeiro nome e reprovou o segundo, negando a *Para Onde Vou* o vinho de palma.

Começou uma discussão, e dali saíram à procura do juiz. Este ditou logo a sentença:

- O vendedor de vinho de palma perdeu. *Para Onde Vou* é que tem razão, porque *De Onde Venho* já nada se pode obter e, pelo contrário, o que se puder encontrar está *Para onde vou*.

(MOUTINHO, J. Viale (Org.). *Contos populares de Angola*, São Paulo: Princípio, 1994, p.17).

Outra alternativa é o poema, no livro do 9º ano, do autor negro Castro Alves, que cantou em seus versos a abolição da escravatura. Este seria um momento importante para se discutir a situação dos negros trazidos nos porões dos navios, de onde vinham, quais eram suas origens, sua cultura. É nesse momento que a formação do professor em História da África se faz necessária para melhor explorar os recursos um texto tão representativo como esse.

Navio Negroiro (um sonho dantesco)

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,

Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

[...]

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?
Ó mar, por que não apagas
De teu manto este borrão?..
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?

[...]

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde voa em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Homens simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão...

[...]

(ALVES, Castro. *O navio negreiro*).

Além disso, conviria explorar com mais atividades os textos literários, sensibilizando-se os alunos para a linguagem poética, os jogos de palavras e as imagens que recriam a realidade, o que não ocorre.

7.15 TUDO É LINGUAGEM Ana

Maria Trinconi Borgatto Terezinha
Costa Hashimoto Bertin Vera
Lúcia de Carvalho Marchezi
Editora Ática, São Paulo, 2010.

A décima quinta coleção ser analisada é *Tudo é Linguagem*, das autoras Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin e Vera Lúcia de Carvalho Marchezi. Ana Maria Trinconi Borgatto é Mestre em Letras pela FFLCH-

USP, pós-graduada em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP e coautora do Projeto “Viagem Nestlé pela Literatura”. Essa autora é Pedagoga graduada pela USP e professora de Língua Portuguesa. Terezinha Costa Hashimoto Bertin é Mestre em Ciências da Comunicação – pela ECA-USP, e pós-graduada em Comunicação Semiótica – na PUC-SP, coautora do Projeto Nestlé pela Literatura e professora universitária de Língua Portuguesa. Vera Lúcia de Carvalho Marchezi é Mestre em Letras – FFLCH-USP, pós-graduada em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa-USP, e também é coautora e Coordenadora do Projeto Viagem Nestlé pela Literatura e professora de Língua Portuguesa.

As autoras dirigem-se assim ao seu público:

Falar e ouvir, ler e escrever, em linguagem verbal ou não verbal, tudo isso faz parte de qualquer pessoa que tenha a intenção de se comunicar nos mais diferentes contextos e circunstâncias.

E ninguém melhor do que você sabe que isso às vezes não é tarefa tão fácil!

Este livro foi feito pensando em você: jovem que, certamente, gosta de sentir as emoções que o enfrentamento do novo oferece. (BERTIN; BORGATTO; MARCHEZI; 2010, p.3).

Essa coleção está dividida em sete unidades e mais uma unidade suplementar. Na unidade dois, “Conto e romance”, do volume do 8º ano, é apresentado ao aluno o objetivo da unidade, que é trabalhar a diferença entre esses gêneros narrativos, além dos estudos gramaticais sobre sujeito e predicado, tipos de predicado e formação do predicado nominal.

A coleção apresenta 349 textos, sendo 83 textos literários, principalmente os mais canônicos do gênero conto, mas, conforme as autoras dizem na apresentação, o objetivo é levar os alunos a produzirem gêneros variados, pertencentes a diferentes esferas; a planejar o tema; a escrever considerando os recursos linguísticos adequados; a revisar e avaliar o texto; a considerar as condições de produção, principalmente o destinatário.

Nessa coleção há dois textos em diálogo. O primeiro é do escritor afro-brasileiro Aluísio de Azevedo e o outro do angolano Artur Carlos Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela.

Eis o trecho de um deles, do autor Aluísio de Azevedo. As autoras assim o introduzem:

O primeiro texto é de Aluísio de Azevedo, o conto a seguir fala de uma paixão, passa-se no Brasil urbano do século XX. Vamos a ele!

Aos vinte anos

Abri minha janela sobre a chácara. Um bom cheiro de resedás e laranjeira entrou-me pelo quarto, de camaradagem com o sol, tão confundidos que parecia que era o sol que estava recendendo daquele modo. Vinha ébrios de Abril. Os canteiros riam pela boca vermelha das rosas; as verduras cantavam, e a república das asas papeava, saltitando, em conflito com república das folhas. Borboletas doidejavam, como pétalas vivas de flores animadas que se desprendessem da haste. Tomei a minha xícara de café quente e acendi um cigarro, disposto à leitura dos jornais do dia. Mas, alevantar os olhos para certo lado da vizinhança, dei com os de alguém que me fitava; fiz com a cabeça um cumprimento quase involuntário, e fui deste bem pago, porque recebi outro com os juro de um sorriso ; e, ou porque aquele sorriso era fresco e perfumado como a manhã daquele Abril, ou porque aquela manhã era alegre e animadora como o sorriso que desabotoou nos lábios da minha vizinha, o certo foi que neste dia escrevi os meus melhores versos e no seguinte conversei a respeito destes com a pessoa que os inspirou

[...]

– Venho pedir-lhe a mão de sua filha...

– Filha?

– Quer dizer: sua pupila... – Pupila !...

– Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e por quem sou correspondido com igual ardor! Se ela não o declarou ainda a

V.S.a é porque receia com isso contrariá-lo; creia, porém, senhor comendador, que...

– Mas, perdão, eu não tenho pupila nenhuma!

– Como? E D. Ester?...

– Ester? !...

– Sim! A encantadora, a minha divina Ester! Ah! Ei-la! É essa que aí chega! exclamei, vendo que a minha estremecida vizinha surgiu na saleta contígua.

– Esta? !... balbuciou o comendador, quando ela entrou na sala, mas esta é minha mulher!...

–? !...

(AZEVEDO, Aluísio de. *Aos Vinte Anos*. In: *Contos*. 8.ed. São Paulo : Editora Ática, 1993. v.10 (Para gostar de ler)).

O outro texto escolhido é um fragmento do romance *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela, intitulado no livro didático como *Ngunga e Uassamba*. Este texto é importante para se conhecer mais sobre a literatura luso-africana, sobre a história de Angola, pois reúne os temas da viagem, da guerrilha e da tradição aos costumes da terra. O destaque dessa coleção é para as indicações de diferentes gêneros, com ênfase para as obras literárias que se relacionam com o tema tratado, para o aluno ler sozinho, ou em sala de aula com o professor.

7.16 VIVA PORTUGUÊS

Elizabeth Marques Campos
Paula Cristina Cardoso
Sílvia Letícia de Andrade
Editora Ática, São Paulo 2010.

A décima sexta coleção a ser analisada é *Viva português* das autoras Elizabeth Campos, Paula Marques Cardoso e Sílvia Letícia de Andrade. Elizabeth Marques Campos é graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, em São Paulo. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é professora da rede particular de ensino da cidade de São Paulo. Paula Marques Cardoso é graduada em Letras pela Universidade Mackenzie, de São Paulo. É Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP, e atua como professora. Já Sílvia Letícia de Andrade é graduada em Letras pela Universidade de São Paulo, professora da rede particular de ensino da mesma cidade e Mestranda em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

As autoras fazem uma entusiasmada apresentação aos alunos:

Olá! É com muito entusiasmo que apresentamos esta coleção. Ela é o resultado de nosso trabalho em sala de aula com alunos iguais a você: adolescentes, curiosos, ansiosos, temerosos, divertidos e com muita vontade de aprender.

[...]

As atividades de interpretação o guiarão por diferentes técnicas de leitura. Você descobrirá que analisar um texto não é apenas decifrá-lo, mas compreender o sentido que existe em sua organização. Perceberá também que a maneira como interpretamos um texto está associada a nosso conhecimento de mundo e a nossos valores. (ANDRADE; CAMPOS; CARDOSO; 2010, p.3).

Essa coleção está dividida em quatro unidades, cada uma possui um título referente ao conteúdo que será estudado. Cada unidade possui dois capítulos. A unidade dois “O ser humano e seus diferentes dilemas”, no capítulo dois, “Conto fantástico” *apresenta* um texto literário “O homem de cabeça de papelão”, do autor afrodescendente brasileiro, de nome João Paulo Emílio Coelho Barreto, conhecido por seus leitores com o pseudônimo de João do Rio.

O homem de cabeça de papelão

No País que chamavam de Sol, apesar de chover, às vezes, semanas inteiras, vivia um homem de nome Antenor. Não era príncipe. Nem deputado. Nem rico. Nem jornalista. Absolutamente sem importância social.

O País do Sol, como em geral todos os países lendários, era o mais comum, o menos surpreendente em ideias e práticas. Os habitantes afluíam todos para a capital, composta de praças, ruas, jardins e avenidas, e tomavam todos os lugares e todas as possibilidades da vida dos que, por desventura, eram da capital. De modo que estes eram mendigos e parasitas, únicos meios de vida sem concorrência, isso mesmo com muitas restrições quanto ao parasitismo. Os prédios da capital, no centro elevavam aos ares alguns andares e a fortuna dos proprietários, nos subúrbios não passavam de um andar sem que por isso não enriquecessem os proprietários também. Havia milhares de automóveis à disparada pelas artérias matando gente para matar o tempo, *cabarets* fatigados, jornais, *tramways*, partidos nacionalistas, ausência de conservadores, a Bolsa, o Governo, a Moda, e um aborrecimento integral. Enfim tudo quanto a cidade de fantasia pode almejar para ser igual a uma grande cidade com pretensões da América. E o povo que a habitava julgava-se, além de inteligente, possuidor de imenso bom senso. Bom senso! Se não fosse a capital do País do Sol, a cidade seria a capital do Bom Senso!

[...]

E, em vez de viver no País do Sol um rapaz chamado Antenor, que não conseguia ser nada tendo a cabeça mais admirável — um dos elementos mais ilustres do País do Sol foi Antenor, que conseguiu tudo com uma cabeça de papelão.

(*Antologia de Humorismo e Sátira*, organizada por R. Magalhães Júnior, Editora Civilização Brasileira — Rio de Janeiro, 1957, pág. 196.).

Essa coleção apresenta uma diversidade de textos. Dos 323 textos encontrados, 126 são literários, e a maioria das atividades resgata o contexto de produção, explicitando a esfera (jornalística ou literária), o suporte (revista ou livro) e também a função social e o contexto histórico em que foram produzidos. Em sua grande maioria são poemas ou crônicas. O conto “O homem da cabeça de papelão” é um texto que pode ser lido como uma crônica social, podendo levantar um tema relevante para toda sociedade, o do caráter, da honestidade, entre outros que poderão surgir durante a leitura, além de ser um bom momento para conhecer esse autor que foi um dos primeiros cronistas da história brasileira a falar sobre a questão dos negros, desde a educação, passando pela religião etc., sem deixar de lado o estético e o lúdico.

8. ACHADOS DA PESQUISA

De um modo geral, as coleções analisadas são constituídas, em quase sua totalidade, de reproduções de pequenos fragmentos de outros livros, jornais, revistas e textos retirados da Internet. Nelas há uma repetição de textos publicitários, tirinhas, revistas em quadrinho ou textos publicados nas revistas *Veja*, *Isto É*, *Superinteressante*, além do jornal *Folha de São Paulo*. Alguns poemas aparecem mais de uma vez em diferentes coleções com diferentes objetivos, como é o caso do autor gaúcho Mário Quintana, talvez o mais citado entre todas, ora para ilustrar o que é um poema, ora para explicar o que é preposição.

Quanto à frequência de textos literários, a maioria apresenta um número pouco expressivo, e seu objetivo, na maioria das vezes, é o estudo das regras gramaticais que levam ao bom funcionamento da língua. Observam-se o excesso de conceitos, e de metalinguagem.

Percebem-se ainda outras faltas, como a ausência da temática afro-brasileira nas unidades de cada livro. Pode ser que isso tenha ocorrido devido a dois fatores: adequação à proposta dos PCN's ou a não observância aos critérios de seleção do PNLD/2011. Embora o Guia determine que deva ser observada a Lei 10.639/2003, nota-se que isso pode ser feito através da propaganda de um produto para cabelos, como por exemplo, um xampu para 'cabelos afro' ou ainda por trechos de uma entrevista, da revista *Raça*, em que a entrevistada, a atriz negra Taís Oliveira, basta para ser considerada uma representante da raça negra na mídia. Casos como esses exemplificam como a implementação da Lei está sendo feita nos livros didáticos.

No que diz respeito aos autores literários, têm-se representantes da literatura nacional e internacional de diferentes épocas e estilos: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Moacyr Scliar, Marina Colasanti, Rachel de Queiroz, Ferreira Gullar, Zélia Gattai, Elias José, José Paulo Paes, Gcina Mhlope, Câmara Cascudo, Roseana Murray, Miguel de Cervantes, Esopo, Lewis Carrol, Saint Exupéry, Camões, Aluizio de Azevedo, Fernando Pessoa, Grimm, Bertolt Brecht, Luis Fernando Veríssimo, Gonçalves Dias, Mário Quintana, Castro Alves, Cora Coralina e Mia Couto, Luandino Vieira, além de alguns autores ainda desconhecidos para muitos leitores.

Os nomes acima são de grande valor para a literatura mundial e a nacional. No entanto, do ponto de vista da literatura luso-africana ou afro-brasileira, apenas Castro Alves e Gcina Mhlope são reconhecidos negros, Castro Alves como autor de poesias com a temática negra e Gcina Mhlope (sul-africana), contadora de histórias africanas. Luandino Vieira, português de nascimento e naturalizado angolano, aparece com um conto e Mia Couto, moçambicano, com um conto e um poema. Vale lembrar que estes dois últimos ainda causam espanto quando aparecem em atividades relacionadas à Literatura, não só no Brasil, mas em várias partes do mundo. Por serem africanos, se espera que sejam dois negros e não homens brancos, conforme fala de Mia Couto em várias entrevistas.

Dentre os princípios e critérios para avaliação desses livros de língua portuguesa, determinados pela comissão que faz a seleção dos livros que constarão nos Guias, um livro didático de Língua Portuguesa deveria apresentar, basicamente, um tratamento da língua voltado para a concepção interacionista de linguagem, pois:

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino de Língua Portuguesa deve preparar o aluno para a vida, qualificando-o para o aprendizado permanente e para o exercício da cidadania. Se a linguagem é atividade interativa em que nos constituímos como sujeitos sociais, preparar para a vida significa formar locutores/autores e interlocutores capazes de usar a língua materna para compreender o que ouvem e leem e para se expressar em variedades e registros de linguagem pertinentes e adequados a diferentes situações comunicativas. Tal propósito implica o acesso à diversidade de usos da língua, em especial às variedades cultas e aos gêneros de discurso do domínio público, que as exigem, condição necessária ao aprendizado permanente e à inserção social. (MEC, 2010).

O que se pode observar nesta pesquisa é que os livros didáticos usados nas escolas, no período de 2011/2013, nas poucas vezes em que falam dos negros, desconsideram suas diferentes origens assim como a história de suas civilizações. Os livros analisados mostram a quase exclusão da figura afro-brasileira, tanto como autores de textos, quanto como personagens das histórias, seja eles contos, romances, fábulas, poemas, novelas, ou histórias em quadrinho (as últimas constituem estratégia bastante usada para o estudo da língua e presente na maioria das coleções).

Percebe-se nestas coleções de 2011/2013 que ainda há uma visão eurocêntrica. Conforme pode ser visto através da tabela no Anexo II, grande parte das narrativas dos livros é de origem europeia, distanciando-se da cultura do aluno

afro-brasileiro, pouco contribuindo para a compreensão do processo da memória e de formação da identidade nacional.

Essa visão eurocêntrica da literatura não compromete apenas o aluno afro-brasileiro, mas a escola como um todo, “pois a intenção é fazer com que a memória das populações de origem africana não seja vista como pertencente somente aos “negros”, mas como pertencente a todos, já que a cultura brasileira é fruto da interação dos diversos grupos étnicos, mesmo que em posição desigual” (MUNANGA, 2005, p.17).

A Professora Assistente do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Ana Célia da Silva, em *A desconstrução da discriminação no livro didático*, observa que:

A presença do negro nos livros, frequentemente como escravo, sem referência ao seu passado de homem livre antes da escravidão e às lutas de libertação que desenvolveu no período da escravidão e desenvolve hoje por direitos de cidadania, pode ser corrigida se o professor contar a história de Zumbi dos Palmares, dos quilombos, das revoltas e insurreições ocorridas durante a escravidão; contar algo do que foi a organização sociopolítica econômica e cultural na África pré-colonial; e também sobre a luta das organizações negras, hoje, no Brasil e nas Américas. (SILVA, 2005, p.25).

Se, no passado, as coleções didáticas traziam vários problemas no que diz respeito à representação da população negra, nas atuais o problema se dá pela invisibilidade dessa população, pois a cada coleção, raras são as que apresentam algum texto de temática africana ou afro-brasileira. Isto se constitui como problema, uma vez que, apesar de o segmento negro se colocar como um amplo contingente populacional no Brasil e estabelecer uma valiosa contribuição para a nação em vários aspectos, permanece à margem não só da sociedade, mas também de várias formas de representação do homem brasileiro.

Um segundo ponto problemático constatado é que essas escassas representações da população negra se caracterizam, na grande maioria dos casos, por estereótipos ou casos excepcionais, como o caso do gari carioca, conhecido por limpar o sambódromo nos finais dos desfiles de carnaval, ou ainda da atleta de ginástica, a gaúcha Daiane dos Santos, ou o cantor Seu Jorge.

Segundo o *Guia de Livros Didáticos de Língua Portuguesa 2011/2013* do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e considerando a legislação, as diretrizes e

as normas oficiais que regulamentam o Ensino Fundamental II deveriam ser “excluídas as coleções que não obedecerem aos seguintes estatutos”:

Constituição da República Federativa do Brasil; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com as respectivas alterações introduzidas pelas Leis nº 10.639/2003, nº 11.274/2006, nº 11.525/2007 e nº 11.645/2008; Estatuto da Criança e do Adolescente; Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. (Guia de Livros Didáticos de Língua Portuguesa, 2011, p.13).

Dada essa observação normativa, apenas duas coleções: *Português - Ideias e Linguagens* e *Projeto Eco - Língua Portuguesa* não apresentaram textos de autores afrodescendentes ou luso-africanos. As outras 12 coleções, todas incluem um ou dois textos que permitem a discussão acerca da discriminação e racismo. Isto quer dizer que no que se refere às leis federais acima citadas, muito ainda precisa melhorar principalmente no que diz respeito à Lei 10.639/2003.

Para reverter esse quadro, é preciso desconstruir as representações negativas que se desenvolveram neste processo didático. Isto quer dizer que a adoção da Lei 10.639/03 pressupõe a capacitação de educadores para a correção de injustiças e práticas de valores excludentes no espaço escolar e para a inclusão, de forma pedagógica e didática, de temáticas relacionadas à questão racial nas várias áreas do conhecimento, a exemplo da História, da Matemática, das Artes e da Língua Portuguesa.

Apoiado na Lei nº 10.639/03, em 2004, o Conselho Nacional de Educação, em parecer, aponta para:

A necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a educação de relações étnico-raciais positivas a que tais conteúdos devem conduzir. (Parecer CNE nº 003/2004, p.1-2).

Este Parecer 003/2004 é tão relevante quanto a Lei, pois esclarece o que para muitos ainda é dúvida, ou seja, a importância do Brasil conhecer-se e reconhecer-se como um grande país heterogêneo no que se refere a sua população e entender que essa heterogeneidade deve ser encarada como uma riqueza. O que se precisa fazer é que o estudo dos conceitos seja discutido de forma abrangente, sem perder a dimensão da perspectiva histórica e da contribuição desses vários

povos para a constituição do que hoje é o Brasil, e desta maneira possibilitar a erradicação do preconceito e da discriminação política, econômica e social a que estamos sujeitos, mesmo que veladamente.

O livro de Língua Portuguesa, apesar das mudanças em alguns aspectos, continua com a visão da educação ocidental, dificultando a conscientização e o respeito sobre os problemas sociais do Brasil. Isso é possível afirmar com base nos textos escolhidos pelas editoras (ver tabela em Anexo II). Nas coleções didáticas, há uma recorrência aos mesmos escritores e às mesmas obras. Além disso, as adaptações das obras literárias feita para o livro didático acabam distorcendo o texto original. Exemplo disso é o texto adaptado da *Escrava Isaura* (cf. tabela 7.4, do Anexo II).

Isto não significa dizer que a Lei 10.639/03 propõe a substituição do foco eurocêntrico pelo afrocêntrico, mas auxilia a ampliar a visão e perceber a diversidade dos currículos escolares, a partir da escola, de todos os campos das relações humanas. Assim, a escola deve, também, contemplar a história e a cultura de todos os povos, de todos os continentes que compõem a população brasileira, como as dos descendentes de indígenas, de asiáticos e de europeus.

Ao se discutir sobre a escolha dos livros didáticos, não podemos esquecer que o material escrito que se presta a auxiliar o professor com informações teóricas e metodológicas relacionadas ao objeto de ensino requer uma seleção que seja marcada pela diversidade e flexibilidade das formas de organização escolar, originadas pela necessidade de atender aos diferentes interesses e expectativas gerados por fatores de ordem cultural, social e regional (cf. BATISTA, 2003).

Quando se lê, sobre a África, em outros livros didáticos que não os de Língua Portuguesa, há geralmente poucas páginas. Nelas o assunto gira em torno do preconceito racial, da fome, das doenças, ou das mazelas que vivem alguns países, como por exemplo, o texto da coleção *Diálogo*, que apresenta o autor moçambicano Mia Couto e “Moçambique como um dos países mais miseráveis do mundo”. (BELTRÃO; GORDILHO, 2010, p.318). Há poucas narrativas acerca dos povos africanos, seus costumes e cultura, como há sobre as demais civilizações ocidentais e do oriente próximo.

9. SUGESTÕES PARA OS ESTUDOS AFRICANOS NA ÁREA DE LITERATURA

A verificação de que nos últimos anos os livros didáticos vêm passando por mudanças, ganhando melhor qualidade, não os livra da constatação de que ainda há muito a ser aperfeiçoado, principalmente no que diz respeito aos textos literários. Além da necessidade de oferecerem trechos completos e de autores representativos dos vários segmentos do imaginário brasileiro, com exercícios de compreensão, interpretação e aplicação ao ambiente cultural do aluno, há neles uma flagrante ausência de literatura voltada para os afrodescendentes.

A preocupação com a presença do afrodescendente nos livros didáticos se justifica pelo fato de se perceber que o material utilizado na sala de aula retrata o negro, na maioria das vezes, como um ser inferior ao branco, além de não abordar o tema da diversidade étnico-racial, ou ainda não representar os negros. Dessa forma, também reforça ideias racistas dentro da escola e, por conseguinte, na sociedade como um todo.

Os textos selecionados pelas editoras, na sua maioria, são apenas fragmentos considerados como parte da grande literatura universal, sem a participação da produção africana ou afrodescendente. Portanto, os livros didáticos também são responsáveis pela a reprodução de ideologias racistas, pois ignoram a presença dos segmentos oprimidos da sociedade.

A atenção à história dos africanos e dos afro-brasileiros foi levantada por Edison Carneiro, em 1944, com o livro *Quilombo dos Palmares*, livro editado em 1946, no México, já que os editores brasileiros não ousaram fazê-lo, uma vez que o autor era inimigo declarado do Estado Novo e buscava publicar um livro que tratava das lutas e da resistência negra no Brasil. O livro foi lançado depois no Brasil, em 1947, por Caio Prado Júnior, na época, dono da Editora Brasiliense. Abordava a realidade colonial brasileira, mas não tratava das questões próprias da África.

Foi na década de 1970 que o Brasil entrou em contato com os estudos a respeito da África, por intermédio da literatura, com a coleção de autores africanos publicados pela editora Ática, em 1979, que lançou no Brasil, por exemplo, *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de José Luandino Vieira (1961), e *Os flagelados do vento leste*, de Manuel Lopes (1959). Essa coleção foi extremamente importante, porque trouxe elementos da África no fim da ditadura militar e em um período em

que o movimento negro estava ressurgindo enquanto força política na sociedade nacional, e ainda porque retratava países, nações e etnias africanas com sua prosa, seus contos e suas poesias, também inspiradas na literatura brasileira.

No início dos anos 80, com o fim da ditadura militar, e a criação de novos partidos políticos, com o vigor dos movimentos sociais, inclusive o movimento negro, ocorre em 1987 a edição, no Brasil, de *Fluxo e refluxo: do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos*, de Pierre Verger, originariamente publicado em Paris, em 1968, e em Ibadan (Nigéria), em 1976. O livro veio propiciar novas interpretações nos estudos referentes às populações africanas, dando outro impulso às questões relacionadas com o trânsito cultural entre África e Brasil.

Essas publicações e esses debates não chegaram à escola, nem afetaram os currículos e os conteúdos programáticos dos cursos de História, Geografia e de Ciências Sociais na maioria das universidades brasileiras. Após esse momento, muitos artigos e livros de historiadores e cientistas sociais foram publicados focalizando a África, revelando o que o Brasil e a América tinham de influências culturais e sociais africanas. Em geral, demonstraram conexões, continuidades, permanências, rupturas e tradições permanentemente traduzidas.

Estudar a África não pode ser entendido “como volta ao passado, mas como necessidade fundamental para construção de uma identidade própria” (NASCIMENTO, 1994, p.17), como uma história viva e com uma perspectiva de futuro próspero para todos nós, que de uma forma ou de outra, somos tributários deste ainda desconhecido continente. Mas para que isso aconteça é preciso que entendamos que essa não é uma tarefa só do professor, mas de toda escola. Nesse contexto, o ensino de literatura se faz fundamental, pois, através dos textos literários, é possível conhecer a geografia, a história, as artes, e as ciências e tecnologias existentes nesse vasto continente.

Por meio de um texto literário é possível analisar a realidade da África pouco apreciada nas salas de aula. Cabe ao professor conhecer essa história, saber de sua importância para que possa identificar e estabelecer relações entre África e Brasil bem como entender a cultura produzida pelos seus descendentes aqui no Brasil. A literatura permite ao seu leitor a promoção do conhecimento de sua própria cultura bem como da cultura do outro e dessa forma ele aprende a interpretar as práticas sociais e culturais que são relativas à questão étnico-racial.

O texto literário permite desconstruir a imagem negativa do africano como povo bárbaro, primitivo e sem cultura, como ainda costuma ser visto por tantos aqui no Brasil. Dessa forma, pode-se afirmar a identidade étnica dos alunos, resguardando a convivência igualitária, promovendo a autoestima e o relacionamento saudável e harmonioso entre a diversidade étnica.

É preciso deixar claro que não se trata de postular uma doutrina de resgate da cultura africana e afro-brasileira através da linguagem literária, mas de assinalar que ela nos permite revisitar esta cultura compreendendo-a nas suas variadas diferenças, pois toda experiência humana passa pela cultura, e, portanto por sua literatura, que captura o mundo através das palavras, pelo seu caráter simbólico.

O que aqui se propõe não é algo incomum, mas ações que aos poucos já começam a acontecer conforme a demanda de cada escola, de cada comunidade. São atividades pensadas por professores de escolas, por líderes de movimentos sociais, assim como pela própria universidade, que caminha a passos lentos, mas contínuos no empenho de que a Lei 10.639/2003 encontre base para sua implementação.

Hoje já é possível encontrar cursos de formação de professores em várias universidades públicas, seja em cursos presenciais ou à distância. Mas ainda é escassa a produção de materiais didáticos para o trabalho com as literaturas africanas de língua portuguesa. Esse deverá ser o próximo passo a ser dado pelos professores que já fizeram cursos de extensão, sugerindo maneiras de desmistificar a cultura africana e assinalando sempre que possível à aproximação da cultura brasileira com suas raízes africanas.

Como isso pode ser feito? Antes de qualquer coisa, o professor precisa ser conhecedor de textos literários, precisa ser um leitor crítico e ávido por conhecer. Só se ensina o que se sabe, o que se conhece. É preciso que o professor vá em busca de elementos que possam promover seu trabalho com maior eficácia.

Assim, é de suma importância conhecer o mapa da África, mostrar aos alunos quão imenso é esse continente, indicar que os países de língua portuguesa são os que ficam próximos ao litoral, mas que estão longe uns dos outros, destacando toda diversidade cultural existente no continente e até dentro de um mesmo país, como é caso das línguas. Esses conteúdos podem ser trabalhados juntamente com o professor (a) da disciplina de Geografia. Identificar os países africanos de língua

portuguesa, estudar a história de cada um deles é parte fundamental desse trabalho.

Certamente, abolir preconceitos, abandonar velhas ideias e comportamentos significa também construir outros conceitos, outras ideias e outros comportamentos e isso não quer dizer que seja um trabalho fácil, mesmo aos professores, que também em sua maioria passaram por bancos de uma escola em que a África era apenas um lugar cheio de negros que serviram de escravos para grande parte do mundo.

Uma das formas de contribuir para a boa implantação dos Estudos Africanos é através de textos literários em que possam ser lidos alguns conceitos intrínsecos à questão racial. Segundo Zilberman (2009), para Jauss a emancipação é “entendida como a finalidade e feito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade” (ZILBERMAN, 2009, p.49). Esta é uma prática de que a escola não pode eximir-se, mas que deve incentivar logo que a criança chega aos bancos escolares. Portanto, é obrigação do professor de Língua Portuguesa formar leitores competentes, atentando sempre aos títulos e aos conteúdos das obras lidas com os alunos, uma vez que muitos deles não permitem a discussão da própria condição de ser afrodescendente neste país.

Através de atividades simples, que valorizem os conhecimentos prévios e as atribuições de sentido dos alunos e os instiguem a se posicionarem diante das leituras, pode-se efetuar um trabalho produtivo para a erradicação do preconceito racial. Nesse sentido, os princípios da Estética da Recepção podem orientar o planejamento das práticas de leitura em sala de aula, considerando as reações dos alunos aos textos e as questões africanas.

Há muita literatura que tematiza temas afro-brasileiros e africanos e que ao mesmo tempo seduz o leitor jovem e o leva a refletir sobre o que está lendo. Tome-se, por exemplo, o texto da autora Ana Maria Machado *Do outro lado tem segredos*. Nesse livro o menino Bino vive em uma aldeia de pescadores e desde pequeno ajuda no que pode, aguardando o dia em que poderá ir com eles. De frente para o mar, quer saber o que há do outro lado da linha do horizonte. Aos poucos, Bino vai descobrindo a África e aprendendo suas tradições e cultura, e seus leitores, através do processo de identificação com a personagem, garantido pelo texto, vão incorporando tais vivências.

Outra obra que discute as tradições africanas e suas peculiaridades é o livro de Joel Rufino dos Santos, *Rainha Quiximbi*. Nele a personagem principal é uma viúva cujo noivo falece na noite do casamento. Depois disso, ela passa a ficar sempre na janela choramingando por não ter um amor. Aparece um homem com quem ela se casa, mas ele diminui até ficar do tamanho de um dedal e desaparece. A viúva volta para a janela desolada, encontra outro homem muito pequeno, parecido com o anterior, e casa-se com ele também. O amor dela é tão imenso que o homem começa a crescer, chegando a agasalhá-la na mão. Ele é Chibamba, um ser fantástico, rei das criaturas encantadas. Ele a transformou em sereia por temer que os homens não a deixassem em paz, caso ouvissem suas palavras de amor. Quiximbi passa a viver no mar e a cantar para atrair homens e mulheres, aparecendo apenas em noites enluaradas. O leitor criança, para quem a fantasia é parte essencial de sua atividade imaginária, não só aprende outra versão do mito da sereia, mas adquire outra visão das necessidades amorosas.

O livro *Gosto de África*, de 1998, do mesmo autor, permite que o próprio título possa ser explorado em sua semântica (gosto, no sentido de sabor ou gosto do verbo gostar?). Nesse livro o autor narra sete histórias recuperando lendas, mitos e tradições dos negros. Com um olhar crítico e afetuoso, fala também de personagens da História do Brasil e de um tempo de escravidão, luta e liberdade, ajudando-nos a compreender melhor nossa cultura.

Outra obra que pode ser lida em sala de aula, principalmente com os alunos do 6º ao 9º ano, é o conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato. O conto relata a história de uma pobre órfã negra, filha de escrava, criada por Dona Inácia, uma senhora dona de uma fazenda, viúva e sem filhos, inconformada com a abolição da escravatura. Dona Inácia aplica na menina os mais severos castigos (xingamentos, maus tratos, beliscões, croques, etc.). Negrinha nunca viu crianças brancas ou mesmo uma boneca. Esse é um texto que pode ser explorado quanto à questão infantil: como era a vida das crianças negras durante a escravidão, quais são os direitos de uma criança? Criança deve trabalhar ou ser surrada? É diferente com criança branca? Como crianças são tratadas nos dias atuais? Fica evidente que o professor precisa ter muita sensibilidade para trabalhar essas questões: primeiro porque numa sala de aula, principalmente de escola pública, dependendo da região do Brasil, a maioria das crianças é negra e de origem muito simples, com uma realidade muito

semelhante a da personagem do conto *Negrinha*. Em segundo lugar, porque pode causar, podendo nelas causar nas crianças forte impressão em virtude do realismo dos fatos narrados.

Certamente há muitos outros textos que podem ser lidos em sala de aula e que suscitam discussões, como o conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis. Nesse conto, além da narrativa em si, há a descrição de como era a tortura dos escravos. Neste sentido, a literatura justifica-se por sua principal característica de simbolizar as coisas do mundo através da palavra. Sua linguagem carregada de significados designa o que é humano, sob diferentes vieses, fazendo com que os jovens leitores se aproximem e conheçam melhor a diversidade étnica e social brasileira.

O menino marrom, do escritor e cartunista Ziraldo, foi um dos bons livros infantis a tratar da questão racial. Narra a história da amizade de um menino Marrom (negro) e seu amigo cor de rosa. Por meio da convivência aventureira dos amigos, o autor mostra as diferenças humanas de forma a valorizar o protagonista negro.

O autor Celso Sisto reuniu em *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos* uma coletânea de histórias africanas feitas com base em ampla pesquisa, com o objetivo de ressaltar a diversidade do continente africano e do Brasil. Para tanto selecionou 29 histórias de diversos lugares da África, procurando privilegiar aquelas ainda não publicadas em português e produzindo um repertório muito adequado de textos para os fins a que se propõe a Lei 10.639/2003.

Dentro desse contexto, com essas precauções, é possível discutir o que é discriminação, racismo, preconceito, mas cabe ter o cuidado de, ao falar de tais temas, não correr o risco de reforçá-los, isto é, de ter uma atitude discriminatória. É Nilma Lino Gomes em “Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03” que nos adverte:

Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção das práticas que os efetivam. (GOMES, 2005, p.55).

Em suma, é possível trabalhar com as diretrizes curriculares sugeridas pela Lei 10.639/2003, mesmo quando, em aulas pontuais, o texto não diga respeito à história africana. O professor pode estabelecer vínculos entre os conteúdos, desde

que conheça a história da África. É preciso antes de tudo uma identificação com a temática, para que haja sucesso no ensino.

Numa das coleções, aparece o conto já citado anteriormente, do autor angolano Luandino Vieira, “A fronteira de asfalto”. Nele há dois personagens adolescentes que vivem uma história de amor impossível, devido à situação política em que se encontra seu país, ou melhor, como ficaram os angolanos após a saída do colonizador, com o que esses deixaram para trás. Esse é um conto que pode ser lido por nossos alunos de todo Brasil. Primeiro porque quase todo jovem gosta de histórias de amor, ainda mais quando ele é impossível, depois porque o professor pode fazer relações com outros livros em que o tema aparece. É também o momento de se questionar por que tal amor era impossível onde eles viviam. Depois de chegar a essas respostas, pode-se de novo fazer relações com o Brasil, como por exemplo, durante a ditadura militar e associar a leitura com *É tarde para saber*, de Josué Guimarães ou com *A cor do outro*, do Marcelo Spalding. Esse último livro fala da discriminação e da importância de se colocar no lugar do outro e está recheado de fatos históricos com datas e informações importantes sobre o período da escravidão no Brasil, possibilitando uma reflexão sobre esse tema tão caro e por vezes dolorido em nossa sociedade.

Embora o professor não possa contar com o livro didático lhe oferecendo textos mais acessíveis para a discussão sobre racismo e discriminação, ou que sua formação pedagógica não o prepare para lidar com estas questões, é possível implementar a lei através dessas pequenas mas, significativas ações em sua prática escolar. Deve-se salientar também que, mesmo o que o livro didático apresente alguns textos ligados à presente questão, ele não pode representar a única voz do saber, ou o saber legitimado, pois muitas vezes, ao seguir somente esse instrumento de ensino, ao invés de contribuir para a construção de uma imagem positiva do negro, pode acontecer o contrário.

Para tanto, a leitura do conto se torna mais viável, visto que esse gênero literário não requer muito tempo, diferentemente da maioria dos romances e pode servir de ferramenta para que os professores possam desenvolver no âmbito da escola projetos que discutam a questão do preconceito racial e a discriminação de forma mais ampla. São exemplo, os contos: *Nós matamos o cão tihoso* e *As mãos dos pretos*, de Luís Bernardo Honwana, *O enterro da bicicleta*, de Nelson Saúte, *A*

saia almarrotada, de Mia Couto (Moçambique); *Dragão e eu*, de Teixeira Sousa (Cabo Verde); *Solidão*, de Albertino Bragança (São Tomé e Príncipe); *A lebre, o Lobo, O menino e o Homem do Pote*, de Odete Costa Semedo (Guiné-Bissau); *Nós choramos pelo Cão Tinhoso*, Ondjak, *Passei por um sonho*, de José Eduardo Agualusa, *Gavião veio do sul e pum*, de Boaventura Cardoso, *Zito Makoa, da 4^a classe*, Luandino Vieira, *O feto*, de João de Melo (Angola); *Cabos Negros*, de Barbosa Lessa, *O caso da vara*, de Machado de Assis; *A escrava*, de Maria Firmina dos Reis (Brasil).(Vide sugestões de outros textos de temática ou de autoria negra no Anexo III)

Podemos concluir que o acréscimo de textos de autores afro-brasileiros ou luso-africanos nos livros didáticos de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental II pode ajudar a minimizar as situações de preconceito e racismo na escola, desde que sejam trabalhados levando em conta a emancipação dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se deu pela observação da falta de textos literários que permitissem a discussão do racismo e o preconceito racial a partir da implementação da Lei 10.639/2003, nas coleções aprovadas pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) para serem usadas em 2011/2013. As coleções aqui analisadas poderiam apresentar um maior número de textos literários que pudessem suscitar discussões em sala de aula, acerca do racismo e da discriminação racial. Além disso, é preciso que o professor conduza seus alunos a uma leitura mais crítica e observadora da realidade do negro na história do Brasil, considerando o passado, o presente e o futuro do país.

As tabelas aqui apresentadas, no Anexo II, confirmam a ausência de textos que abordem o tema, o que evidencia uma falta de preocupação com a pluralidade cultural existente no Brasil. Por conseguinte, se a exclusão da população negra é histórica, é através da educação que se podem tornar mais sadias as relações étnico-raciais e possibilitar que os alunos negros se enxerguem com plenitude no ambiente escolar.

Segundo Paula Cristina de Almeida Rodrigues, em *A literatura no livro didático de Língua Portuguesa: a escolarização da leitura literária* (UFMG, 2006).

O texto literário continua sendo usado como pretexto para o estudo de conteúdos gramaticais, ortográficos, para a aquisição do sistema de escrita, enfim, para o estudo daquilo que não é literário. Para atingir tal fim, o texto literário é descaracterizado, perdendo sua especificidade de linguagem artística. [...]. Apesar de haver importantes pesquisas que, há quase uma década, denunciam a inadequada escolarização da literatura, elas ainda não estão tendo muito impacto na produção dos livros didáticos e no processo de escolha pelos professores. (RODRIGUES, 2006, p.133-134).

É de justiça reconhecer que o Ministério da Educação e Cultura vem tomando iniciativas para melhorar a qualidade dos livros didáticos a serem distribuídos para as escolas públicas, com o objetivo de evitar a disseminação de obras que contenham representações negativas em relação ao segmento negro, mas não é não falando ou não colocando textos referentes aos afro-brasileiros que se resolverá o problema. Diante da quantidade de coleções aprovadas, o número de textos que abordam a colaboração dos africanos ou afro-brasileiros na construção da história deste país, incluindo os aspectos positivos do negro no Brasil, é insignificante.

Nesse sentido, é necessária uma atenção especial ao livro didático de Língua Portuguesa assim como à formação do professor.

Tendo em vista que a literatura não se ocupa com prescrições morais – apenas, eventualmente as registra conforme a situação do elenco de personagens-, não é tarefa da escola selecionar textos favoráveis a promoção da igualdade ou outros direitos humanos. Diante da obra literária, o que importa é como representa a condição humana, feliz ou infeliz. O professor, ante um texto preconceituoso, mas que expressa uma verdade, é quem deve orientar a leitura no que diz respeito a tais direitos. Se a tarefa é difícil, não é impossível: os alunos reconhecem tentativas de manipulação por parte da escola e o melhor caminho é deixá-los se manifestarem, discutindo os aspectos problemáticos.

Por certo, é possível construir uma sociedade onde o preconceito seja pelo menos amenizado, em que se conheça e valorize a *diferença* como um aspecto positivo na formação social do sujeito, e em que essas *diferenças* possam ser vistas como um somatório para a propagação do conhecimento. Uma nova mentalidade pode ser construída a partir da escola, através do manuseio de livros didáticos em que essa questão seja tratada com mais responsabilidade e conhecimento.

Por fim, aponta-se que após dez anos de implementação da Lei 10.639/2003, percebe-se uma mudança no interesse das pessoas quanto à inserção dos conteúdos sobre a história da África no currículo escolar. Entretanto, quanto à publicação de livros didáticos de Língua Portuguesa que contemplem essa temática, ainda cabem transformações mais radicais, principalmente através de textos literários que permitam uma abordagem de erradicação de preconceitos. Em resumo, há que propugnar por uma concepção de ensino voltada para a desmistificação do continente africano em sua apresentação didática e por uma visada interativa das relações Brasil-África.

REFERÊNCIAS

- ABDALA Jr, Benjamin. De voos e ilhas: literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê, 2003.
- ANDRADE, Fernando Costa. Literatura Angolana. In: FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano*. Lisboa: Plátano, 1982.v.1.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado de Letras, 1999.
- BOBBIO, Norberto. A natureza do preconceito. In: ____. *Elogio da serenidade e outros escritos morais*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *A formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. (www.planalto.gov.br/ccivil). Acesso em: 01/09/2012.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Parecer CNE/CP 3/2004. *Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília, Ministério da Educação, 2004. (www.mec.gov.br/cne). Acesso em: 15 nov. 2011.
- BRASIL. Lei n. ° 10.639, de 09.01.03. Altera a Lei 9394/96 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira”. Disponível em: [03/leis/2003/Lei 10. 639. htm](http://03/leis/2003/Lei%2010.639.htm). Acesso em: 07/11/2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Grupo de Trabalho Interministerial. *Contribuições para a Implementação da Lei 10.639/2003: Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana - Lei 10639/2003*. Brasília: MEC, 2008. Disponível em:
- BRASIL. Ministério da Educação. *Proposta de plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais da educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana: Lei 10.639/2003*. Brasília: Grupo de Trabalho Interministerial Instituído por Meio da Portaria Interministerial MEC; MJ; SEPPIR n. 605, 20 de maio de 2008.
- BRASIL.– PNLD 2011. *Guia de livros didáticos: PNLD 2011: Língua Portuguesa*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Revista Ciência e Cultura*, v.24, n 9, 1972.

CANDIDO, Antonio. *Direitos humanos e literatura*. In: Direitos humanos e literatura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In:_____. Vários escritos. 4: ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Duas Cidades: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COTRIM, Gilberto. *História Global: Brasil e geral*. São Paulo: Saraiva, 2010.v.2.

COUTO, Mia. Entrevista à revista Ler. *Livros e leitores*, Lisboa: Círculo de Leitores, n.55, jun.-set. 2002. p. 56.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERNANDES, Florestan. *O mito revelado*. Disponível em:

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1965. v. 1.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.

FIGUEIREDO, Otto Vinícius Agra. O movimento social negro no Brasil e o apelo à educação dos afro-brasileiros. In: *Conferência Internacional a Reparação e Descolonização do Conhecimento*. Salvador (BA): [UFBA]. Anais, 25-27 de maio de 2007. p.117-123.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa; *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

LIMA, Ivan Costa. *As propostas pedagógicas do Movimento Negro no Brasil: pedagogia interétnica uma ação de combate ao racismo*. Disponível em: 15/08/2012. (www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual)

LINS, Osman. *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1977.

LIPPOLD, Walter G. Rodrigues. *A África no Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: possibilidades de efetivação da Lei 11.645/2008 e da Lei 10.639/2003: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Letras). FAGED/UFRGS, 2008.

MELO, João. As literaturas africanas começam a chegar no Brasil. *Minas Gerais*. Belo Horizonte, jul._agos. 2012, p.5. SupleMentG.

MUNANGA, Kabengele (Org.): *Superando o racismo na escola*. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação e Diversidade, 2008.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele; GOMES Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

MUNHOZ; RAUPP. Ensino de Língua e Literatura: críticas e metodologias: In: OURIQUE, João Luis Pereira. (Org.). *(In)formação literária*. Universidade Federal de Pelotas, 2009. (Cadernos de Letras).

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre afro-americanos, meio ambiente e desenvolvimento. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Dunia Ossaim: os afro-americanos e o meio ambiente*. Rio de Janeiro: SEAFRO, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria, análise e ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 25, n. 3, p. 421-461, 2003.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino Fundamental. *História e cultura afro-brasileira e africana: educando para as relações étnico-raciais*. Curitiba: SEED-PR, 2006. (Cadernos Temáticos).

PEREIRA, Edmilson de Almeida. Valores culturais afrodescendentes na escola. *Diálogo, Revista de Ensino Religioso*. São Paulo: Paulinas, n. 49, p. 8-11, fev. 2008.

PERALTA, T. M. *A atividade docente mediada pelo uso do livro didático*. 2003. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

RODRIGUES, Paula Cristina de Almeida. *A literatura no livro didático de língua portuguesa: a escolarização da leitura literária*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

RIBEIRO, Romilda Iyakemi. Até quando educaremos exclusivamente para a branquitude? Redes-de-significado na construção da identidade e da cidadania. In: POTO, M R S, CATANI, A M, PRUDENTE, C L e GILIOLI, R S. Negro, educação e multiculturalismo: Editor Panorama, 2002.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. Iberismo e luso-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 10, p. 75-93, dez. 2012.

SILVA, Ana Célia da. Por uma representação social do negro mais próxima e familiar. In: BARBOSA, Lucia Maria de A.; SILVA, Petronilha Beatriz G.; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.). *De preto a afrodescendentes: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos, SP: EDUFSCAR, 2003. p. 151-164.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2. ed. Brasília: 2005.

SILVA, Ana Célia da. A discriminação do negro no livro didático. Salvador: CEAO, CED, 1995.

SILVA, Daniel Antonio Coelho; CARVALHO, Danilo Nunes de. A integração do negro na sociedade de classes: a resistência negra sob perspectiva marxista. In: Revista Brasileira de Educação e Cultura – Centro de Ensino Superior de São Gotardo, n 1, Jan-jun 2010.p. 08-23.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. Iberismo e luso-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre *História da historiografia*; Ouro Preto; número 10; dezembro; 2012. 75-93

WESCHENFELDER, Eládio V.; RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tânia M.K. (Orgs.). *Vozes do Terceiro Milênio: a arte da inclusão*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2005.

TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas: pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. São Paulo: Sagra Luzzatto, 2006.

ZILBERMAN, R. *A leitura na escola*. In: AGUIAR, V. T. et al. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 09-24.

ZILBERMAN, Regina (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura de literatura. In: RÖSING, Tânia M.K;

ZILBERMAN, Regina. Letramento literário: não ao texto, sim ao livro. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica; CEALE; FAE; UFMG, 2003.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. São Paulo: Global, 2008.

ANEXOS

ANEXO 1: COLEÇÕES ANALISADAS

1.A AVENTURA DA LINGUAGEM

Luiz Carlos Travaglia
Maura Alves de Freitas Rocha
Vânia Maria Bernardes Arruda – Fernandes
Editora Dimensão, Belo Horizonte, 2009.

2. DIÁLOGO – EDIÇÃO RENOVADA

Eliana Santos Beltrão
Tereza Gordilho
Editora FTD, São Paulo 2010.

3. LÍNGUA PORTUGUESA – LINGUAGEM E INTERAÇÃO

Carlos Emilio Faraco
Francisco Marto de Moura
José Hamilton Maruxo Junior
São Paulo, Editora Ática, 2010.

4. LINGUAGEM: CRIAÇÃO E INTERAÇÃO

Cássia Garcia de Souza
Márcia Paganini Cavéquia
Saraiva Livreiros Editores, São Paulo, 2009.

5.PARA VIVER JUNTOS – PORTUGUÊS

Ana Elisa de Arruda Penteado
Eliane Gouvêa Lousada
Greta Marchetti
Heidi Strecker
Maria Virginia Scopacasa
Edições SM, São Paulo 2009.

6. PORTUGUÊS – A ARTE DA PALAVRA

Gabriela Rodella
Flávio Nigro
João Campos
Editora AJS, São Paulo, 2009.

7. PORTUGUÊS– IDEIAS& LINGUAGENS

Dileta Delmanto
Maria da Conceição Castro
Saraiva Livreiros Editores, São Paulo, 2009.

8. PORTUGUÊS– UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO

Magda Soares
Editora Moderna, São Paulo 2009.

9. PORTUGUÊS– LINGUAGENS

William Roberto Cereja

Thereza Cochar Magalhães
Saraiva Livreiros Editores, São Paulo, 2009.

10. PROJETO ECO – LÍNGUA PORTUGUESA

Cristina Soares de Lara Azeredo
Curitiba, Editora Positivo, 2009.

11. PROJETO RADIX – PORTUGUÊS

Ernani Terra
Floriana Toscano Cavallette
Editora Scipione, São Paulo 2010.

12. TRAJETÓRIAS DA PALAVRA – LÍNGUA PORTUGUESA

Celina Diaféria
Mayra Pinto
Editora Scipione, São Paulo 2010.

13. TUDO É LINGUAGEM Ana

Maria Trinconi Borgatto Terezinha
Costa Hashimoto Bertin Vera Lúcia
de Carvalho Marchezi São Paulo:
Ática, 2009.

14. VIVA PORTUGUÊS

Elizabeth Marques Campos
Paula Cristina Cardoso
Sílvia Letícia de Andrade
Editora Ática, São Paulo 2010.

7.1 A AVENTURA DA LINGUAGEM

Luiz Carlos Travaglia

Maura Alves de Freitas Rocha

Vânia Maria Bernardes Arruda – Fernandes

Editora Dimensão, Belo Horizonte, 2009.

Ano/Série	Frequência de textos literários	Frequência de textos não literários	Nº. de Autores Luso-Africanos	Nº. de Autores Afro-Brasileiros	Nº. de outros autores literários
6º.	26	41	0	0	26
8º.	25	47	1	0	25
9º.	29	39	0	0	29

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro: Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
6º										
1	Convite	José Paulo Paes	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Debussy	Manuel Bandeira	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	A onda	Manuel Bandeira	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Trem de ferro	Manuel Bandeira	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	A abelha e a	Peter O'Sagae	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	Flor e o Vento									
5	As abelhas,	Vinicius de Moraes	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	A casa	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Narizinho	Monteiro Lobato	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Edmundo, e céptico.	Cecília Meireles	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Mundo, Muro, Musgo	Ferrucio Vardolin Filho	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Crônica arte arteira	Nisia Andrade Silva	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Tios	Luis F. Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	O Dia Do Meu Pai	Vinicius de Moraes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Minha Mãe	Manuel Bandeira	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	O sapato ferrado e a sandália de veludo	Viriato Correa	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	O leão e o rato	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
15	O preço da preguiça	Alexandre Rangel	Não	Parábola	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	A cigarra e as formigas	Monteiro Lobato	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	A cigarra e a formiga	Bernardo Troncoso	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	A cigarra e a formiga	Cassiano Ricardo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

19	O fantasma	Maria Teresa Guimarães	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Poema culinário	Carlos D. de Andrade	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	A farsa e os farsantes	Carlos Heitor Cony	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Uma galinha	Clarice Lispector	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	O segredo do cofre	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	O coelho e o cachorro	Mario Prata	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Canção do Exílio	Gonçalves Dias	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Algumas Aventuras do Pedro Malazarte	Câmara Cascudo	Não	Conto popular	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro: Sim ou Não ?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
8º										
1	O vendedor de palavras	Fabio Reynol	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Lado a lado, bem bolado	Pedro Bandeira	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	O dia em que eu virei jumento	Leo Cunha	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

4	Quase Doutor	Lima Barreto	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Nós,o empinador de papagaio	Lourenço Diaféria	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Alice no País dos Espelhos	Lewis Carrol	Não	Conto?	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
7	Pan-Americano	Artur Azevedo	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	A ela	Machado de Assis	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	A verdadeira história de Cinderela	Gabriela Rabelo	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Mazanendaba	Gcina Mhlope	Sim	Conto	Não	Não	Não	Não	Sul-africana	Não
11	A fronteira de asfalto	José Luandino Vieira	Sim	Conto	Não	Não	Não	Não	Angola	Não
12	A menina e os fósforos	Hans Cristian Andersen	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
13	Velho Tema	Vicente de Carvalho	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Círculo Vicioso	Machado de Assis	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Bucólica	Paulo Setúbal	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Se eu pudesse	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
17	A felicidade bate à porta	Sebastião Nunes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Prazeres	Bertold Brecht	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Alemão	Não
19	Ilusão	Augusto dos Anjos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Era uma vez	Martha Azevedo	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	um rio	Pannunzio								
21	Os trovões de antigamente	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Cisterna	Waldir Pinho Veloso	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	A seca no Ceará	Leandro Gomes de Barros	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Nhola dos anjos e a cheia do Corumbá	Bernardo Élis	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
9º										
1	Entre outras palavras, o amor	Afonso Romano de Sant'Anna	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	A idade das palavras	Walcyr Carrasco	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Aquele folheto perdido	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	A grande noite da terra	Kaka Werá Jecupé	Não	Lenda indígena	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Diários da	Betty Mindler	Não	Lendas e	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	floresta			mitos						
6	A saga do Pankararus	Gilberto Nascimento	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	A origem da tukandera e do ritual Waipere	Yaguarê Yamã	Não	Lenda indígena	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	A onça e o Inambu-relógio	Yaguarê Yamã	Não	Lenda indígena	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	A história do dia	Daniel Mundurucu	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Primeiro encontro de Iracema com Martim	José de Alencar	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Iracema encontra a seta de Martim	José de Alencar	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Micaela	Eduardo Galeano	Não	Conto	Não		Não	Não	Uruguaio	Não
13	O espelho	Eduardo Galeano	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Uruguaio	Não
14	Conjugo Vobis	Artur Azevedo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Delicadas, as amigadas	Afonso romano de Sat'anna	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Todas as cartas de amor são ridículas	Fernando Pessoa (Álvaro de Campos)	Não	Poesia	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
18	Ora (direis)	Olavo Bilac	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	ouvir estrelas!									
19	Amor é fogo que arde sem se ver	Luiz de Camões	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Português	Não
20	As sem-razões do amor	Carlos D. de Andrade	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Tudo	Hélvio	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Margarida	João Ribeiro	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Te amo	Maria Regina Weis	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Nós dois	Guilherme de Almeida	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	
25	Romance	Guilherme de Almeida	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	A vida nas ruas	Mário Avelino de Carvalho	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	De quem são os meninos de rua?	Marina Colasanti	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Uma vela para Dario	Dalton Trevisan	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	No retiro da figueira	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

7.2 DIÁLOGO – EDIÇÃO RENOVADA

Eliana Santos Beltrão

Tereza Gordilho

Editora FTD, São Paulo 2010.

Ano/Série	Frequência de textos literários	Frequência de textos não-literários	Nº. Autores Luso-Africanos	Nº. de Autores Afro-Brasileiros	Nº. de outros autores
6º.	23	59	0	1	5
7º.	35	71	0	0	1
8º.	17	36	1	0	1
9º.	30	71	0	0	2

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
6º.										
1	O encontro-Segundo dia	Herman Manville	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
2	O uivo da fome	Jack London	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
3	Caça ao monstro	Júlio Verne	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
4	Como surgiram os cães	Daniel Munduruku	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	A árvore da vida	Franck Jouve	Sim	Conto	Não	Não	Não	Não	Francês	Não

6	O ladrão de bodes	Conto popular	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Gente demais	Pedro Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Eu e os bombons	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Bilhete de Mariana a Heloisa	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Lira do amor romântico ou a eterna repetição.	Carlos Drummond de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Sol de Maiakovisky	Augusto de Campos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	A poesia	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	O bicho alfabeto	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Escova de dente	Luis Camargo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Violões que choram	Cruz e Souza	Não	Poema	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não
19	Indivisíveis	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Torta de cebola para prender namorado	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Autopsicografia	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
22	Motivo	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	A bola	Luis Fernando Verissimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/ Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
7º.										
1	Toronto, agosto de 2000	Karen Levine	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Canadense	Não
2	A namorada	Manoel de Barros	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Menino que mora num planeta	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Eu, etiqueta	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Primeiro automóvel	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Só pra si	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Adivinha	Affonso Romano de Sant'Anna	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Sol, lua	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Declaração	Carlos Queiroz Telles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Banho	Cláudio Feldman	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	O autorretrato	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	O que são	Mario	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	poemas?	Quintana								
12	Receita de se olhar no espelho	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	A menina que fez a America	Ilka Brunhilde Laurito	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Computador	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Dança da chuva	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Orquídea	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Receita de abrir coração	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Guerra	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Belo dia	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Amar é um elo	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	A ponte dos meninos	Maria Dinorah	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Vidas sem destino	Wendel Casemiro	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Há poesia	Oswald de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Fio de fala	Alcides Buss	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Receita de acordar palavras	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	O gol	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Macacalho	Fernando Paixão	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	É duro ter o coração mole	Alice Ruiz	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	A transformação	Nivaldo Lariu	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

30	As dores do mundo	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Ritual da tukãdera	Yaguarê Yamã	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Aqueles dias	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	Herói morto. Nós.	Lourenço Diaféria	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Super	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	Tempestade	Henriqueta Lisboa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro: Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
8º.										
1	Ingenuidade	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Cordel adolescente	Silvia Orthof	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	As formigas	Lygia Fagundes Telles	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	A festa	Carlos Eugenio Junqueira	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Um caso estranho	Paulo Correa Lopes	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

6	Delírios de honestidade	Walcyr Carrasco	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	O apanhador de desperdícios	Manoel de Barros	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	A transformação	Nivaldo Lariu	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Aonde?	Florbela Espanca	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Onde Estás	Castro Alves	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	A primeira só	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Invasão proibida	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	O poema	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Amar	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	A pesca	Afonso romano de Santana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Candido Portinari	Daniel Fiúza	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	O grupo	José Paulo Paes	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
9º.										
1	O homem que	Afonso	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	conheceu o amor	Romano de Sant'Anna								
2	Para quem aprender a gostar	Arthur da Távola	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Super	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Ana Terra	Erico Veríssimo	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Lenda grega	Heloisa Pietro	Não	Lenda	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Histórias de mãe e filho	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Bússola	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Poema com açúcar	Cora Coralina	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Mapa	Maria Dinorah	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Desabar	Carlos Drummond de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	
11	Eu queria ter e ser	Férrez	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Solidariedade	Lya Luft	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Penso e passo	Alice Ruiz	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	As covas	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	A rosa é um jardim	Carlos Drummond de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

16	Lado bom	Férrez	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Viagem longa, destino incerto	Rubem Alves	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Guardar	Antonio Cícero	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Companheiros	Mia Couto	Sim	Poema	Não	Não	Não	Não	Moçambique	Não
20	Meu destino	Cora Coralina	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Dorme, ruazinha	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Sobre a ambição	Guilherme de Almeida	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Quero	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Meu povo, meu poema	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Amor é fogo que se arde	Camões	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Português	Não
26	O homem	Ronald Claver	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	A onda	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Lixo	Augusto de Campos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Os poemas são pássaros	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Pedem-me um poema	João Cabral de Melo Neto	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

7.3 LINGUAGEM: CRIAÇÃO E INTERAÇÃO

Cássia Garcia de Souza

Márcia Paganini Cavéquia Saraiva Livreiros Editores, São Paulo, 2009.

Ano/Série	Frequência de textos literários	Frequência de textos não literários	Nº. de Autores Luso-Africanos	Nº. de Autores Afro-Brasileiros	Nº. de outros autores
6º.	31	64	0	0	5
7º.	34	44	0	0	2
8º.	35	91	0	0	4
9º.	40	90	0	0	3

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro: Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
6º										
1	Clara e o amor	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Grafiti no muro do colégio	Sérgio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Proezas de João Grilo	João Martins de Ataíde	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Teresinha de Jesus	Cantiga de roda folclórica	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	A perigosa	Clarice Lispector	Não	Lenda	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	Yara									
6	Urapuru, o canto que encanta	Walde-Mar de Andrade e Silva	Não	Lenda	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	A lenda do mar	Dirceu Antônio Chiesa	Não	Lenda	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	A lenda das rosas	Dirceu Antonio Chiesa	Não	Lenda	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	O cão e a lebre	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
10	A raposa e as uvas	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
11	A raposa e as uvas	Millôr Fernandes	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Assembleia dos ratos	Monteiro Lobato	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	O corvo e o jarro	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
14	O sapo e o boi	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
15	A bela adormecida	Helen Cresswell	Não	Conto	Não	Não		Não	Inglês	Não
16	Hoz Malepan viuh echer ou o caçador	Flávio de Souza	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Fura-Redes	Jorge Amado	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Armandinho	Ruth Rocha	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Além da imaginação	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	La fourmi	Robert Desnos	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
21	Le Loup	Marcel Aymé	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Francês	Não

22	Quando eles souberem	Maria Dinorah	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Leite, pão e mel	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Noite	Sérgio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Os três astronautas	Umberto Eco	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Italiano	Não
26	O caçador e os passarinhos	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
27	A lua no cinema	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Abdulla	Cristina Von	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Extraterrestre	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	O retrato oval	Edgar Allan Poe	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
31	Vice-versa	Heloisa Pietro	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro: Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
7º.										
1	A entrevista	Alexandre Azevedo	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	O lobisomem	Samir Meserani	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	O mostro do Rio Negro	José Camelo de Melo Resende	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Os licantropos	Carlos D. de Andrade	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	O diário (nem	Telma Guimarães	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	sempre) secreto de Pedro									
6	Lição de português	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Febre de liquidação	Walcyr Carrasco	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Bons tempos, aqueles!	Alexandre Azevedo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	No restaurante	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Acabaram com a nossa letra	Mário Prata	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Os gatos pardos da noite	Lourenço Diaféria	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Conversa de menino	Raquel de Queiroz	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Emergência	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	História triste de tuim	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Memórias urbanas	Marcos Rey	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Vespa não é abelha	Fernando Sabino	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Isto aqui está uma loucura	Lourenço Diaféria	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	A mentira	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	As pérolas	Carlos D. de	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Andrade								
20	História de um bode.	Graciliano Ramos	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Meus cavalos e meus cães	Gottfried August	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Alemão	Não
22	Para pintar o retrato de um pássaro	Jaques Prévert	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
23	Temperatura	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Pássaro livre	Sidônio Muralha	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Lá vão as cutiazinhas	Walmir Ayala	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Lua na água	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Caso pluvioso	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	O dia da mamadeira	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Lua cheia	Cassiano Ricardo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Poética	Cassiano Ricardo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Tempestade	Henriqueta Lisboa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	José	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	O acompanhante	Tatiana Belinki	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Existem junto da fonte	Alphonsus de Guimarães	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro.	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade	Não identificado
-----------	----------------	-------	------------	--------	-----	-----------	-----	------------	---------------------	------------------

			Sim ou Não?						(Qual?)	
8º.										
1	Perséfone	Robert Graves	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
2	As asas de Ícaro	Tânia Alexandre Martinelli	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	No labirinto de Creta	Monteiro Lobato	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	O homem que se endereçou	Ignácio de Loyola Brandão	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	A escrava Isaura	Bernardo Guimarães	Sim	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	O casal de velhos	Edson Gabriel Garcia	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Remédio do céu é sempre mais barato	José Cândido de Carvalho	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	A busca da razão	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Ai que delícia de robô	Pedro Bandeira	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Os dentes de Berenice	Edgar Allan Poe	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte- americano	Não
11	Uma vela para Dario	Dalton Trevisan	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Continho	Paulo Mendes Campos	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	As formigas	Lygia Fagundes	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Telles								
14	O diamante	Luis Fernando Veríssimo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Uma cruz no cemitério	Wilson Martins da Silva	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Na fila	Alexandre Azevedo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Pausa	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	D. Quixote	Cervantes	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Espanhol	Não
19	Na pele de um gigante	Jonathan Swift	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Irlandês	Não
20	Canção do exílio	Gonçalves Dias	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Hino nacional brasileiro	Joaquim Osório Duque Estrada	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Uma canção	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Canção do exílio facilitada	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	José	Carlos Drummond de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Drumundana	Alice Ruiz	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Justiceiros vingadores	Ana Maria Machado	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Outro retrato	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Chuac	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	A mão	Maria Dinorah	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Conversa com a chuva	Francisco de Assis Barbosa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	É índio ou não é índio	Daniel Munduruku	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

32	Ela tem alma de pomba	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	O novo homem	Carlos Drummond de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	O nome roubado	Max Nunes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	O socorro	Millôr Fernandes	Não	Fábulas	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
9º.										
1	Torre de Babel	Bíblia Sagrada	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Pobres palavras	Domingos Pellegrini	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	O meu rosilho "Piolho"	Jose Simões Lopes neto	Não	Contos	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Metrô	Edson Gabriel Garcia	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	A moça tecelã	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	A viagem maravilhosa	Graça Aranha	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Uma vida ao lado	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Mar	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Bilhete	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Super	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Capitão	Érico Veríssimo	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	Rodrigo									
12	Antigamente	Carlos Drummond de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Vidas secas	Graciliano Ramos	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	O tempo e o vento	Érico Veríssimo	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	As aeromoças	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Ofélia, meu cachimbo e o mar	Murilo Rubião	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	As minas do rei Salomão	H. Rider Haggard	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Britânico	Não
18	Vinte léguas submarinas	Júlio Verne	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
19	História comum	Machado de Assis	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Confissões de um vira lata	Orígenes Lessa	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	A chuva	Hardy Guedes	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	O Bem-Amado	Dias Gomes	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Teatro do absurdíssimo	Jô Soares	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Eles não usam Black-tie	Gianfrancesco Guarnieri	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	O pagador de promessas	Dias Gomes	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Pai não entende nada	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Dona Nininha, coitada	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	A dança da	Heloisa Pietro	Sim	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	vida									
29	Um jeito de olhar	Heloisa Pires Lima	Sim	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	O jornal e suas metamorfoses	Julio Cortázar	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Argentino	Não
31	Os poemas	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Canção mínima	Cecília Meirelles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	Carolina você não é mais uma menina	Sérgio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Canção para ninar gato com insônia	Sérgio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	Serenata sintética	Cassiano Ricardo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
36	Canção de garoa	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
37	Canção do exílio	Gonçalves Dias	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	As portas de ouro que se vão abrindo	Gilberto Mendonça Teles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Pássaro em vertical	Libério Neves	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	Balada do rei das sereias	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	De água nem tão doce	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	A incapacidade	Carlos D. de Andrade	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

6º										
1	Clara e o amor	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Grafiti no muro do colégio	Sérgio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Proezas de João Grilo	João Martins de Ataíde	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Teresinha de Jesus	Cantiga de roda folclórica	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	A perigosa Yara	Clarice Lispector	Não	Lenda	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Urapuru, o canto que encanta	Walde-Mar de Andrade e Silva	Não	Lenda	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	A lenda do mar	Dirceu Antônio Chiesa	Não	Lenda	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	A lenda das rosas	Dirceu Antonio Chiesa	Não	Lenda	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	O cão e a lebre	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
10	A raposa e as uvas	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
11	A raposa e as uvas	Millôr Fernandes	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Assembleia dos ratos	Monteiro Lobato	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	O corvo e o jarro	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
14	O sapo e o boi	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
15	A bela	Helen Cresswell	Não	Conto	Não	Não		Não	Inglês	Não

	adormecida									
16	Hoz Malepan viuh echer ou o caçador	Flávio de Souza	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Fura-Redes	Jorge Amado	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Armandinho	Ruth Rocha	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Além da imaginação	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	La fourmi	Robert Desnos	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
21	Le Loup	Marcel Aymé	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
22	Quando eles souberem	Maria Dinorah	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Leite, pão e mel	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Noite	Sérgio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Os três astronautas	Umberto Eco	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Italiano	Não
26	O caçador e os passarinhos	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
27	A lua no cinema	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Abdulla	Cristina Von	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Extraterrestre	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	O retrato oval	Edgar Allan Poe	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
31	Vice-versa	Heloisa Pietro	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro:	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade	Não identificado
-----------	----------------	-------	------------	--------	-----	-----------	-----	------------	---------------------	------------------

			Sim ou Não?						(Qual?)	
7º.										
1	A entrevista	Alexandre Azevedo	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	O lobisomem	Samir Meserani	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	O mostro do Rio Negro	José Camelo de Melo Resende	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Os licantropos	Carlos D. de Andrade	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	O diário (nem sempre) secreto de Pedro	Telma Guimarães	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Lição de português	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Febre de liquidação	Walcyr Carrasco	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Bons tempos, aqueles!	Alexandre Azevedo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	No restaurante	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Acabaram com a nossa letra	Mário Prata	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Os gatos pardos da noite	Lourenço Diaféria	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Conversa de menino	Raquel Queiroz	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Emergência	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

14	História triste de tuim	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Memórias urbanas	Marcos Rey	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Vespa não é abelha	Fernando Sabino	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Isto aqui está uma loucura	Lourenço Diaféria	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	A mentira	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	As pérolas	Carlos D. de Andrade	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	História de um bode.	Graciliano Ramos	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Meus cavalos e meus cães	Gottfried August	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Alemão	Não
22	Para pintar o retrato de um pássaro	Jaques Prévert	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
23	Temperatura	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Pássaro livre	Sidônio Muralha	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Lá vão as cutiazinhas	Walmir Ayala	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Lua na água	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Caso pluvioso	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	O dia da mamadeira	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Lua cheia	Cassiano Ricardo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Poética	Cassiano Ricardo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Tempestade	Henriqueta Lisboa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

32	José	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	O acompanhante	Tatiana Belinki	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Existem junto da fonte	Alphonsus de Guimarães	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
8º.										
1	Perséfone	Robert Graves	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
2	As asas de Ícaro	Tânia Alexandre Martinelli	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	No labirinto de Creta	Monteiro Lobato	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	O homem que se endereçou	Ignácio de Loyola Brandão	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	A escrava Isaura	Bernardo Guimarães	Sim	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	O casal de velhos	Edson Gabriel Garcia	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Remédio do céu é sempre mais barato	José Cândido de Carvalho	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

8	A busca da razão	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Ai que delícia de robô	Pedro Bandeira	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Os dentes de Berenice	Edgar Allan Poe	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
11	Uma vela para Dario	Dalton Trevisan	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Continho	Paulo Mendes Campos	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	As formigas	Lygia Fagundes Telles	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	O diamante	Luis Fernando Veríssimo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Uma cruz no cemitério	Wilson Martins da Silva	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Na fila	Alexandre Azevedo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Pausa	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	D. Quixote	Cervantes	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Espanhol	Não
19	Na pele de um gigante	Jonathan Swift	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Irlandês	Não
20	Canção do exílio	Gonçalves Dias	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Hino nacional brasileiro	Joaquim Osório Duque Estrada	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Uma canção	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Canção do exílio facilitada	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	José	Carlos Drummond de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

25	Drumundana	Alice Ruiz	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Justiceiros vingadores	Ana Maria Machado	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Outro retrato	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Chuac	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	A mão	Maria Dinorah	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Conversa com a chuva	Francisco de Assis Barbosa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	É índio ou não é índio	Daniel Munduruku	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Ela tem alma de pomba	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	O novo homem	Carlos Drummond de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	O nome roubado	Max Nunes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	O socorro	Millôr Fernandes	Não	Fábulas	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
9º.										
1	Torre de Babel	Bíblia Sagrada	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Pobres palavras	Domingos Pellegrini	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	O meu rosilho "Piolho"	Jose Simões Lopes neto	Não	Contos	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

4	Metrô	Edson Gabriel Garcia	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	A moça tecelã	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	A viagem maravilhosa	Graça Aranha	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Uma vida ao lado	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Mar	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Bilhete	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Super	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Capitão Rodrigo	Érico Veríssimo	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Antigamente	Carlos Drummond de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Vidas secas	Graciliano Ramos	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	O tempo e o vento	Érico Veríssimo	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	As aeromoças	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Ofélia, meu cachimbo e o mar	Murilo Rubião	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	As minas do rei Salomão	H. Rider Haggard	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Britânico	Não
18	Vinte léguas submarinas	Júlio Verne	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
19	História comum	Machado de Assis	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Confissões de um vira lata	Orígenes Lessa	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	A chuva	Hardy Guedes	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	O Bem-Amado	Dias Gomes	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

23	Teatro do absurdíssimo	Jô Soares	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Eles não usam Black-tie	Gianfrancesco Guarnieri	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	O pagador de promessas	Dias Gomes	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Pai não entende nada	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Dona Nininha, coitada	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	A dança da vida	Heloisa Pietro	Sim	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Um jeito de olhar	Heloisa Pires Lima	Sim	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	O jornal e suas metamorfoses	Julio Cortázar	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Argentino	Não
31	Os poemas	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Canção mínima	Cecília Meirelles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	Carolina você não é mais uma menina	Sérgio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Canção para ninar gato com insônia	Sérgio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	Serenata sintética	Cassiano Ricardo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
36	Canção de garoa	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
37	Canção do exílio	Gonçalves Dias	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

38	As portas de ouro que se vão abrindo	Gilberto Mendonça Teles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Pássaro em vertical	Libério Neves	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	Balada do rei das sereias	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	De água nem tão doce	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	A incapacidade de ser verdadeiro	Carlos D. de Andrade	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
36	Soneto da fidelidade	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
37	Chuva de primavera	Guilherme de Almeida	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	Paz	Lalau	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
39	Atitude	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
40	Uma esperança	Clarice Lispector	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
41	Em boca fechada na entra estrela	Leo cunha	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

7.5.PARA LER O MUNDO – LÍNGUA PORTUGUESA¹⁰

Graça Sette

Maria Angela Paulino

Rozário Starling

Editora Scipione

¹⁰ Esta coleção não é mais divulgada em escolas públicas do sul (RS) do Brasil, segundo informações da editora.

7.6 PARA VIVER JUNTOS – PORTUGUÊS

Ana Elisa de Arruda Penteadó

Eliane Gouvêa Lousada

Greta Marchetti

Heidi Strecker

Maria Virginia Scopacasa

Edições SM, São Paulo 2009.

Ano/Série	Frequência de textos literários	Frequência de textos não literários	Nº de Autores Luso-Africanos	Nº de Autores Afro-brasileiros	Nº. de outros autores
6º.	48	115	0	0	48
7º.	36	104	0	0	36
8º.	39	108	0	0	39
9º.	18	118	1	0	17

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
6º.										
1	Robinson Crusóé	Daniel Defoe	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
2	Paraíso	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	A criatura	Laura Bergallo	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	No trono	Thalita Rebouças	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	O marido da mãe	Luis Câmara	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	d' Água	Cascudo								
6	A perigosa Yara	Clarice Lispector	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	O violino cigano e outros contos de mulheres sábias	Regina Machado	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Indiano	Não
8	Trezentas onças	João Simões Lopes Neto	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	A moça que pegou a serpente	Yves Pinguilly	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
10	A história, mais ou menos	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Carta a uma senhora	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Mistério de amor	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Imagem	Arnaldo Antunes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Circuito fechado	Ricardo Ramos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Cidadezinha qualquer	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	O elefantinho	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Labirinto	Fabício Waltrix	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Canção de junto do berço	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Anarquistas graças a Deus	Zélia Gattai	Não	Romance	Não	Não		Sim	Não	Não

20	As formigas	Lygia Fagundes Telles	Não	Contos	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Caixa mágica de surpresas	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Continho	Paulo Mendes Campos	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Os passarinhos	Dráuzio Varella	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	XXIII	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Voo triste e voo alegre	Cyro de Mattos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	O poeta aprendiz	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	O que se diz	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Diálogo ultrarrápido	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Que nome!	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	O pinguim	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Copos de leite	Lucia Pimentel	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Da irresistível beleza	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	Noturno	Guilherme de Almeida	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Uma estrela	Almir Correa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	Relógio	Oswald de	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Andrade								
36	Libertação	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	O leão	Vinicius Moraes de	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Ritmo	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	A onda	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	O relógio	Vinicius Moraes de	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	Aqui	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
36	Hora do banho	Claudio Thebas	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
37	Era uma vez...	Lenice Gomes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	Fim de festa	Maria Dinorah	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	Ela e eu	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	Neologismo	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
39	Vassoural	Silvia Orthof	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
40	Minha mãe dizia	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
41	Luz de lanterna, sopro de vento	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
42	Hora de dormir	Fernando Sabino	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
41	Tuas mãos	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
42	Do manual do	Mário	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	perfeito cavaleiro	Quintana								
43	Da utilidade dos animais	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
44	A grande noite	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
45	Pura verdade	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
46	Piratas sem piedade	Suely Mendes Brazão	Não	Contos	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
47	Infância	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
48	Nasrudim	Regina Machado	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade	Não identificado
7º										
1	Não chore, papai	Sérgio Faraco	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	A garota das laranjas	Jostein Gaarder	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Norueguês	Não
3	Esperança	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Um peixe	Luiz Vilela	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Prometeu	Bernard Evslin	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Americano	Não
6	Ela	Luis F. Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Um impossível amor:	Leonardo Boff	Não	Conto	Não	Não		Sim	Não	Não

	cataratas do Iguaçu									
8	Correção	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	O médico e o monstro	Paulo Mendes Campos	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	O médico e o monstro	Robert L. Stevenson	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Escocês	Não
11	Paisagens	Heloisa Seixas	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Pitangas	Ivan Ângelo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Aconteceu alguma coisa	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Condomínios	Fernando Sabino	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Horóscopo	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	As coisas	Manoel de Barros	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Convite	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Lagoa	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Poema brasileiro	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Aspiração	Alberto de Oliveira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Happy end	Cacaso	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Os poemas	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	O urso e as abelhas	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	A primavera	Sergio	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	endoideceu	Caparelli								
25	Sem casa	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Tempestade	Henriqueta Lisboa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Felicidade é	Adriana Falcão	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Alfabeto	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Catando marinheiros	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Tableau	Mario Quintana	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	O menino no espelho	Fernando Sabino	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Pato-mergulhão	Lalau e Laurabeatriz	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	A pior viagem do mundo	Apley Cherry	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Não	Não
34	Hildinha- o coração de ouro	Millôr Fernandes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	A sombra e o brilho	Jack London	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte americano	Não
36	O girino e o peixinho do sapo	Arnaldo Antunes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/ Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
------------	----------------	-------	-------------------	--------	-----	-----------	-----	------------	-----------------------------	------------------

			Não?							
8º.										
	A faixa manchada	Conan Doyle	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Escocês	Não
2	O retrato oval	Edgar Allan Poe	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
3	O meu amigo pintor	Lygia Fagundes Telles	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Os crimes da rua Morgue	Edgar Allan Poe	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
5	A vaguidão específica	Millôr Fernandes	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Admirável mundo novo	Aldous Huxley	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
7	Frankenstein	Mary Shelley	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
8	A caçada	Lygia Fagundes Telles	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Golpe de vista	Vilmo José Palaoro	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Capitães de areia	Jorge Amado	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	O diário de Zlata	Zlata Filipovic	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Sarajevo	Não
12	O diário de Débora	Liliane Prata	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Todas as cartas de amor são ridículas	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Português	Não
14	Traduzir-se	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Conto carioca	Vinicius de Moraes	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Parem, eu confesso	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

17	O padeiro	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	O gato malhado e andorinha Sinhá	Jorge Amado	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	O pagador de promessas	Dias Gomes	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	A aurora da minha vida	Naum Alves	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Meus oito anos	Casemiro de Abreu	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Ode à cebola	Pablo Neruda	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Chileno	Não
23	A rosa de Hiroshima	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Marília de Dirceu	Tomaz Antonio Gonzaga	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Poema de circunstância	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	A notícia	Cassiano Ricardo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Reclame	Chacal	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	O herói	Domingos Pellegrini	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Noturno citadino	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Mar português	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Português	Não
28	Canção do primeiro ano	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Grafite no muro do colégio	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Nel mezzo de camim	Olavo Bilac	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Para Erico	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	Verissimo									
32	Os pastores da noite	Jorge Amado	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	O bicho	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Albertina	Fernando Sabino	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	O milagre	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
36	Tchau	Lygia Bojunga	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
37	Histórias para o rei	Carlos D. de Andrade	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	Maneira de amar	Carlos D. de Andrade	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
39	Piorou? Melhorou?	Ivan Ângelo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
9º.										
1	Restos de carnaval	Clarice Lispector	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Eu estava ali deitado	Luiz Vilela	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Trabalhadores do Brasil	Wander Pirolli	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Meg foguete	Sergio Caparelli	Não	Conto	Não	Não	Sim	Não	Não	Não

5	Com certeza tenho amor	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	O sempre amor	Adélia Prado	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	O berro impresso das manchetes	Nelson Rodrigues	Não	Crônica	Não	Não		Sim	Não	Não
8	Encurtando caminho	Ângela Lago	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	O Judas em sábado de aleluia	Martins Pena	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	De cima para baixo	Artur Azevedo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	A casa	Mirna Pinsky	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Auto da Lusitânia	Gil Vicente	Não	Teatro	Não	Não	Não	Não	Português	
13	Os amores de Alminha	Mia Couto	Sim	Conto		Não	Não	Não	Moçambique	Não
14	Poeminha do contra	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Depois daquela viagem	Valeria Piassa Polizzi	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	O nome das coisas	Mario Prata	Não	Crônica		Não	Não	Sim	Não	Não
17	Na escola	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Muribeca	Marcelino Freire	Não	Conto		Não	Não	Sim	Não	Não

7.7 PORTUGUÊS– A ARTE DA PALAVRA

João Carlos Rocha Campos

Flávio Nigro Rodrigues

Gabriela Rodella de Oliveira

Editora AJS

Esta coleção não é mais divulgada em escolas públicas do sul (RS) do Brasil, segundo informações da editora.

7.8 PORTUGUÊS– IDEIAS& LINGUAGENS

Dileta Delmanto

Maria da Conceição Castro

Saraiva Livreiros Editores, São Paulo, 2009.

Ano/ Série	Frequência de textos literários	Frequência de textos não literários	Nº de Autores Luso-Africanos	Nº. de Autores Afro-Brasileiros	Nº de outros autores
6º.	39	107	0	0	9
8º.	22	101	1	0	1
9º.	24	74	1	0	4

Ano/ Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
6º.										
1	Comunicação	Luis Fernando Veríssimo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Kosmo, o sobrevivente do Paraíso Atlântico	Joseph Luyten	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Holandês	Não
3	Nomes	Luis Fernando Veríssimo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

4	Vício na fala	Oswald de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Antigamente	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	A língua de Eulália	Marcos Bagno	Não	Novela	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Teu nome	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	História de um nome	Sergio Porto	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Vera Lucia, verdade e luz	Elias José	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Alice através do espelho	Lewis Carrol	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
11	O lobo e o leão	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
12	O gato e a barata	Millôr Fernandes	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	O lobo e o cordeiro	Severino José	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Não	Não
14	A raposa e as uvas	Jean La Fontaine	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
15	A história do tucano encantado	Assis Brasil	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Não	Não
16	Os gnomos e o sapateiro	Contos de Grimm	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Alemão	Não
17	Como, na beira do Níger, nasceu Segu, cidade dos carités e das	Yves Pinguilly	Sim	Conto	Não	Não	Não	Não	Francês	Não

	acácias									
18	Atenção! Compro gavetas	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Alice no país das maravilhas	Lewis Carrol	Não	Conto	Não	Não	Não		Inglês	Não
20	Gotas de chuva	Luis Camargo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Canção da garoa	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Falta de sorte	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Trem de ferro	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	O relógio	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Pássaro em vertical	Libério Neves	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Poeminhas cinéticos	Millôr Fernandes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	A primavera endoideceu	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Onda	Guilherme de Almeida	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Casa séria	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	O capitão sem fim	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	A mão do poeta	Leo Cunha	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Mães	Mário de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

33	Conflito de sentimentos	Zélia Gattai	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Repressão	Lannoy Dorin	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	A pulga	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
36	Canção de nuvem e vento	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
37	O medo e o relógio	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	O compadre e a morte	Câmara Cascudo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	O encantamento	Barros Ferreira	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
39	Ulisses enfrenta Polifemo	Homero	Não	Não	Não	Não	Não		Grego	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
8º.										
1	Duplo assalto	Max Nunes	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	A fábula do leão e dos	Lourenço Diaféria	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	bêbados									
3	O socorro	Millôr Fernandes	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	A descoberta do mundo	Clarice Lispector	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	A adolescência acabou?	Contardo Calligaris	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Eu,escultor de mim	Cristina Costa	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	O cavalo imaginário	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Sangue no asfalto	Ricardo Soares	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Além da imaginação	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Mar português	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Português	Não
11	O homem; as viagens	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	A carreira do momento	Carlos Eduardo Novaes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Como se fosse	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	A fábula da águia e da galinha	Leonardo Boff	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	A busca da expressão	Fernando Sabino	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Mas o que eu não fui	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Os jornais	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

18	O nome já diz tudo	Moacyr Scliar	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Invenções	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Dona Leonor	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Poeminha virtual	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Zap	Moacyr Scliar		Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Sou filho das selvas	Gonçalves Dias	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Na caixinha de morar	Daniel Munduruku	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
9º.										
1	Teseu e Procusto	Thomas Bulfinch	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
2	Viva a diferença	João Batista C. Ribas	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Você está tão longe	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Amor	Raquel de Queiroz	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Poemas dos	Vinicius de	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	olhos da amada	Moraes								
6	Limpeza pública	Luis Fernando Veríssimo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Poética	Cassiano Ricardo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Canto IV	Gonçalves Dias	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Só	Guilherme de Almeida	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Poema do milho	Cora Coralina	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Quadras populares	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Português	Não
12	Essa que eu hei de amar	Guilherme de Almeida	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	O amor	Autor desconhecido	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim
14	Uma revolução que fez tremer faz tremer as pernas	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Noite de São João	Bernardo Élis	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	O valentão que engolia meninos e outras histórias de Pajé	Carolina Bassani	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	A porta aberta	Saki	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Hindu	Não
18	O mistério do	Hélio Soveral	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	sobrinho perfumado									
19	O teste do tempo	Hélio Soveral	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Sem asas, porém	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Ponto de vista sobre o campo de batalha?	Férrez	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Lado bom	Férrez	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	A loja de malas	Ray Bradbury	Não	Crônicas	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
24	Lua, colônia 243,apto 12	Fernando Bonassi	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

7.9- PORTUGUÊS – UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO¹¹

Magda Soares

Editora Moderna, São Paulo, 2009.

¹¹ Segundo a editora, esta coleção não é mais divulgada no sul (RS) do Brasil.

7.10 PORTUGUÊS– LINGUAGENS

William Roberto Cereja

Thereza Cochar Magalhães

Saraiva Livreiros Editores, São Paulo, 2009.

Ano\ Série	Frequência de textos literários	Frequência de textos não literários	Nº. de Autores Luso-Africanos	Nº. de Autores Afro-Brasileiros
6º.	29	107	0	0
7º.	55	84	0	0
8º.	33	115	0	0
9º.	40	105	0	0

Ano/ Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
6º.										
1	Vende-se uma casa encantada	Roseana Murray	Não		Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	A menina dos fósforos	Hans Christian Andersen	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Dinamarquês	Não
3	O lobo e o cordeiro	Jean de La Fontaine	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
4	As fadas	Charles Perrault	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Francês	

5	Sem barra	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Peter Pan	James Barrie	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Escocês	Não
7	Infância	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Drome, minininha	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Pena de dragão	Ana Maria Miranda	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Azuis	Lalau e Laurabeatriz	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	A arca do tesouro	Flavia Savary	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	O urso e a raposa	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
13	Estação café	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Só pra si	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Mudança de temperatura	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Antemanhã	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Os meninos morenos	Ziraldo	Sim	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Eu em mim	Carlos Queiroz Telles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Santo dia	Silvia Orthof	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Orion	Carlos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Drummond de Andrade								
21	Uma história de natal	Charles Dickens	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
22	Na minha rua há um menino doente	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Um passarinho	Carlos Rodrigues Brandão	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Memória	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	A semana inteira	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Da utilidade dos animais	Carlos Drummond de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	O sapo e o escorpião	Heloisa Pietro	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Vestindo a camisa	Carlos Rodrigues Brandão	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Papel branco em	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?).	Não identificado
-----------	----------------	-------	------------------------	--------	-----	-----------	-----	------------	------------------------------	------------------

7º.											
1	Herói ou heroína	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
2	Asas de Ícaro	A.S. Franchini e Carmen Seganfredo	Não		Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
3	A árvore de cabeça para baixo	Georges Gneka	Não	Mito	Não	Não	Não	Não	Costa do Marfim	Não	
4	O mistério do caderninho preto	Ruth Rocha	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
5	Alice no país das maravilhas	Lewis Carrol	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não	
6	Drácula	Bram Stoker	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Irlandês	Não	
7	Velho realejo	Custódio Mesquita	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
8	Sem saída	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
9	Luna Clara e Apolo Onze	Adriana Falcão	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
10	Contos e lendas dos cavaleiros da Távola Redonda	Jaqueline Miranda	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
11	Era uma vez D. Quixote	Miguel de Cervantes	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Espanhol	Não	
12	Sonhos	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
13	História de janela nº 2	Heinz Manz	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Suíço	Não	
14	A bagagem do poeta	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	

15	Toada de ternura	Thiago de Mello	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Memórias de um aprendiz	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Pontos de vista	Marina Colasanti	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Um magro rapaz de Bilbao	Edward Lear	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
19	Outras palavras	Marina Colasanti	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Paciência	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Quadrilha	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Pensamento vem de fora	Arnaldo Antunes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	A arte do chá	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	O pássaro e a pedra	Ana Paula David dos Santos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Rotação	Flora Figueiredo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	A descoberta	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Um amor inteiro	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	O cão, o galo e a raposa	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
29	O inseto no papel	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Sol, lua	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Lixo	Augusto dos Anjos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

32	Pelo branco	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	Poesia é portal	Nicolas Behr	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Barulho	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	Emergência	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
36	Bisa Bia, Bisa Bel	Ana Maria Machado	Não	Infanto-juvenil	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
37	Tudo, todos e o todo	Carlos Rodrigues Brandão	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	Abraço	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
39	A doida	Carlo D. de Andrade	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
40	Causos 2	Eduardo Galeano	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
41	Rosas	Lalau e Laurabeatriz	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
42	Cabeludinho	Manoel de Barros	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
43	O leão apaixonado e o camponês	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
44	O esculápio	Millôr Fernandes	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
45	Navegar	Walt Wthiman	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
46	A ilha do tesouro	Robert Stevenson	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Escocês	Não
47	Autoapresentação	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
48	A verdade não	Millôr	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

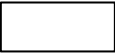
	mata	Fernandes								
49	O príncipe e o mendigo	Mark Twain	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
50	Pétalas	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
51	Declaração de bens	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
52	Frankenstein	Mary Shelley	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
53	O jovem Frank	Carlos Queiroz Telles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
54	Quatro historinhas de terror	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
55	Veranico	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
8º.										
1	Povo	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Honoris causa	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Os sonhos esquecidos	Eduardo Galeano	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim		
4	Quiproquó	Armênio Vieira	Não	Poema	Sim	Não	Não	Não	Cabo Verde	Não
5	Santa de casa	Carlos Queiroz	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Telles								
6	Vida de acompanhante	Carlos Eduardo Novaes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Sabe aquele que ri no velório? Não é ele	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	O açúcar	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Ideal	Luis Fernando Veríssimo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Necessidades	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Sofrer por antecipação	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Na escuridão miserável	Fernando Sabino	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Perguntas	Carlos Queiroz Telles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Menina na janela	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Dia e noite	Cecília Meireles	Não	Poema		Não	Não	Sim	Não	Não
16	A turma	Domingos Pelegrini	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Sobre o amigo	Rubem Alves	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	A informação veste hoje o homem de amanhã	Carlos Eduardo Novaes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	O poeta	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	A recordação	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

21	Evocação de silêncio	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Como um cruzar de espadas	Marina Colasanti	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Ser filho é padecer no purgatório	Carlos Eduardo Novaes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Realidade	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Minha mãe dizia	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Barra e farra	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Pontuação	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Branços, pretos, amarelos	Itzhac Leibusch	Sim	Poema	Não	Não	Não	Não	Sim	Não
29	O nome da namorada	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Boca livre II	Carlos Queiroz Telles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Maneira de amar	Carlos Drummond de Andrade	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Corinthians (2) vs. Palestra (1)	Alcântara Machado	Não	Novela	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	Irmãos	Clarice Lispector	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
-----------	----------------	-------	----------------	--------	-----	-----------	-----	------------	-----------------------------	------------------



			ou Não?							
9º.										
1	Nunca se perguntou	Marina Colasanti	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Pais	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Saudades	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Natural retorno	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	O homem não é o único animal	Luis Fernando Veríssimo	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Tão felizes	Ivan Ângelo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Se o poeta falar num gato	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Ingredientes	Sergio Tross	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Mergulho	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Tentação	Clarice Lispector	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	O menino	Ligia Fagundes Telles	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Fico cheio de tremeliques	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Ainda que mal	Carlos Drummond de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Pausa	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	A gaiola	Maria do Carmo B.C. de Melo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Amor - o interminável	Afonso Romano	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	aprendizado	de Sant'Anna								
17	Me responda sargento	Dalton Trevisan	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	O terno e perigoso, rosto do amor	Jacques Privert	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
19	Teus olhos	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Eu vejo uma gravura	Reynaldo Jardim	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Os degraus	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Ser jovem	Artur da Távola	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	A televisão	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Soneto do amor como um rio	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Fábula – o pássaro e a flor	Castro Alves	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	A valsa	Casimiro de Abreu	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Canção do exílio	Gonçalves Dias	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Anfigurari	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Os prefixos têm sentido	José Lino Grünewald	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Seu metaléxico	Jose Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Meditação	Antonio Carlos Brito	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Etimologia	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

33	Receita de acordar palavras	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Papo de índio	Chacal	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	Os Mar	Bartolomeu Campos Queirós	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
36	Carta do Pleistoceno	Marina Colasanti	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
37	Eu sei, mas não devia	Marina Colasanti	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	Apenas um tiroteio na madrugada	Afonso Romano de Sant'Anna	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
39	Continho	Paulo Mendes Campos	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
40	Pronominais	Oswald de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

7.11 PROJETO ECO – LÍNGUA PORTUGUESA

Cristina Soares de Lara Azeredo

Curitiba, Editora Positivo, 2009.

Ano\ Série	Frequência de textos literários	Frequência de textos não literários	Nº. de Autores Luso-Africanos	Nº. de Autores Afro-Brasileiros	Nº. de outros autores literários
6º.	26	17	0	0	4
7º.	22	25	0	0	0
8º.	22	42	0	0	0
9º.	35	47	0	0	0

Ano\ Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
6º										
1	Comunicação	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Pitoco	Lurdinha Pereira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	O pássaro que pousa	Sergio Caparelli	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	O piquenique do Catapimba	Ruth Rocha	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Vai já lá pra dentro menino!	Pedro Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

6	Convite	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Coisas de todo dia	Márcia Kupstas	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Adolescência	Luis Fernando Veríssimo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	O lado de dentro da gaiola	Ivan Ângelo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Troco um passarinho na gaiola	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Procura-se	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	O rei sapo	Irmãos Grimm	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Alemã	Não
13	A verdadeira história dos três porquinhos	A. Lobo	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
14	A raposa e as uvas	La Fontaine	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
15	O lobo e o cordeiro	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
16	A solução	Luis Fernando Veríssimo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Negrinho do Pastoreio	Moacyr Scliar	Sim	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	A origem das estrelas	Theobaldo Miranda Santos	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

19	Como o nosso mundo começou	Monteiro Lobato	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Na escola	Carlos Drummond de Andrade	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	A descoberta	Luis Fernando Veríssimo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Passos	Henriqueta Lisboa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Tempo perdido	Mario Quintana	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Minhas férias	Luis Fernando Veríssimo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	O ônibus	Millôr Fernandes	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Os terroristas	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
7 ^o										
1	A sonhadora manhã	Jorge Amado	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Vento perdido	Pedro	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Bandeira								
3	Tempestade	Roseana Murray	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	As madrugadas	Henriqueta Lisboa	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	O espelho	Mario Quintana	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Floresta incendiada	Cecília Meireles	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Canção do Exílio	Gonçalves Dias	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Poemas de circunstância	Mario Quintana	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	A turma	Domingos Pellegrini	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Tem carta pra mim?	Fanny Abramovich	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	A carroça dos cachorros	Lima Barreto	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Uma noite de cão	Marcos Rey	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Quem eu sou?	Pedro Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Os estatutos do homem	Thiago de Melo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	O incêndio de cada um	Afonso Romano de Sant'Anna	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Inscrição para uma lareira	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Selvagem é o	Julio Emilio	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	vento	Diniz								
18	Canção do menino	Maria Dinorah	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	De quem são os meninos de rua?	Marina Colasanti	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	O índio	Edson Rodrigues dos Passos	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	A vida em preto e cinza	Cristina Porto	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Meninos carvoeiros	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
8º										
1	Recado ao senhor 903	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Sociedade	Carlos D. Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Cão!Cão!Cão	Millôr Fernandes	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Febre de liquidação	Walcyr Carrasco	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

5	Carta a uma senhora	Carlos D. Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	O repórter policial	Stanislaw Ponte Preta	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Anúncio de João Alves	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Procura-se	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Apólogo brasileiro sem véu de alegoria	Antonio de Alcântara Machado	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Prova falsa	Stanislaw Ponte Preta	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Os diferentes estilos	Paulo Mendes Campos	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	A dança dos ossos	Bernardo Guimarães	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	O homem que se endereçou	Ignácio de Loyola Brandão	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Candoca	Cora Coralina	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	O jogo de prendas	Martins Pena	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Auto da compadecida	Ariano Suassuna	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Procura-se uma rosa	Vinicius de Moraes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Namoro	Cristina Costa	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

19	Baile nos anos dourados	Rubem Mauro	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Em busca do diálogo	Marilena Said Vieira	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Oração de um pai	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Quando se é jovem e forte	Afonso romano de Sant'Anna	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Mas ele sabia sonhar	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
9º										
1	Reality Show	Marcelo Coelho	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	As horas antigas	Paulo Mendes Campos	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Pipocas	Rubens Fonseca	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	O trabalho e o lavrador	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Antes e hoje	Domingos Pellegrini	Não	Crônica	Não	Não	Não	Não	Não	Não
6	O que passou, passou?	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

7	Sonata	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Atitude suspeita	Luis F. Verissimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Eu, etiqueta	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Fantasmas	Maria Dinorah	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	O homem; As viagens	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Poesia concreta	Haroldo de Campos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Infinito	Pedro Xisto	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	O homem sitiado	Luis F. Verissimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Eu sei, mas não devia	Marina Colasanti	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	A glória do skate	Moacyr Scliar	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Eloquência singular	Fernando Sabino	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	O balão de ar com medo de voar	Ricardo da Cunha Lima	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Ismália	Alphonsus Guimaraens	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Amar	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Teu nome	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Trem de ferro	Manuel	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Bandeira								
23	Namoro a cavalo	Álvaro de Azevedo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Soneto XII	Olavo Bilac	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Ritmo	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Coco verde e melancia	José Camelo Resende	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	A surpresa na casa do amor	Walter Medeiros	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Casa branca	Ana Miranda	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	À espera do amor	Ignácio de Loyola Brandão	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Definição de poesia	Guilherme de Almeida	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Relógio	Oswald de Andrade	Não	Poesia	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
32	Da vocação	Lygia Fagundes Telles	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	Rondó pra você	Mário de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Madrigal tão engraçadinho	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	Ode	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

7.12 PROJETO RADIX– PORTUGUÊS

Ernani Terra

Floriana Toscano Cavallette

Editora Scipione, São Paulo 2010.

Ano/Série	Frequência de textos literários	Frequência de textos não-literários	Nº.de Autores Luso-Africanos	Nº. de Autores Afro-Brasileiros	Nº. de outros autores
6º.	32	51	0	0	6
7º.	28	39	0	0	1
8º.	13	19	0	0	3
9º.	13	28	0	0	0

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
6º.										
1	Memórias de um aprendiz de escritor	Moacyr Scliar	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Apaixonada Elena	Antonio Alcântara de Machado	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	A morte sem colete	Lourenço Diaféria	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Assalto	Carlos d. de Andrad	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Era dia de caçada	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

6	O enigma do soldado	Aleksander Afenas'ev	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Russo	Não
7	Aventuras de Alice no país das maravilhas, através do espelho	Lewis Carrol	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
8	As serpentes que roubaram a noite	Daniel Munduruku	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	A doninha	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
10	Levando a vida	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Chegou "seu" Chico Sousa	Travatrovas Ciça	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Potyra as lágrimas eternas	Walde-Mar Silva	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Faça-me um homem	Neil Philip	Sim	Conto	Não	Não	Não	Sim	Inglês	Não
14	O rapaz e o crânio	Viale Coutinho	Sim	Conto	Não	Não	Não	Sim	Angolano	Não
15	Cruzes voadoras	Stella Carr	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Superbrinque dos duram o verão todo	Brian Aldiss	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
17	Cidadezinha cheia de graça	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

18	Cidadezinha qualquer	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	A poesia é necessária	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Quadras	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Semente de alegria	Antonieta dias de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Dos hóspedes	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	O poema	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Praça florida	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Clarividência	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Tributo a J.G.Rosa	Manoel de Barros	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	Ou isto ou aquilo	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	
28	A pesca	Afonso Romano de Sant'Anna	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	ABC do nordeste flagelado	Patativa do Assaré	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Quem esta pior merece o melhor	Fernando Bonassi	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Tormento	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	não tem idade									
32	Canção do exílio	Gonçalves Dias	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
7º.										
1	História de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa	Patativa do Assaré	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	O auto da compadecida	Ariano Suassuna	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	A quatro mãos	Wagner Costa	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Os Teixeira moravam em frente	Rubem Braga	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Acerto de mãe	Marcelo Rodrigues Bonvicino	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	As formigas	Luis Vilela	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Pequenos tormentos da vida	Mario Quintana	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Oito formas	Manoel de	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	poéticas de as férias	Barros								
9	Canção de inverno	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	A profecia	Werner Zotz	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	De passarinho	Manoel de Barros	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	De trigos e elefantes	Paulo Leminski	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Bicho-gente	Domingos Pellegrini	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Tarde da noite	Luiz Vilela	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	O empinador de estrelas	Lourenço Diaféria	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	O gato ingrato	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Ouriço-preto	Lalau e Laurabeatriz	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Lixo	Augusto de Campos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Vai e vem	Ronaldo Azeredo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Urgente	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Sexa	Luis Fernando Veríssimo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Dois poemas maladriños	Almir Correa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	A saída do	Aparício	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	trem	Torelly								
24	A crônica original	Leon Eliachar	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Mendigo	Paulo Mendes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Estranha passageira	Stanislaw Ponte Preta	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	O ônibus	Millôr Fernandes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	O homem e a serpente	La Fontaine	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Francês	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
8º.									Não	Não
1	Diário	Heloisa Pietro	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	A menina que falava internetês	Rosana Hermann	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	As cocadas	Cora Coralina	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Galinha ao molho pardo	Fernando Sabino	Não	Conto	Não	Não		Sim	Não	
5	O primeiro beijo	Sylvia Orthof	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	A meu amigo, o Piracicaba	Lourenço Diaféria	Não	Crônica	Não	Não		Sim	Não	Não
7	Os	Edgar Allan	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte-	Não

	assassinos da rua Morgue	Poe							americano	
8	Sofia	Luiz Vilela	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Lisetta	Antonio de Alcântara Machado	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Migna terra	Juó Bananére	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Versignos	Juó Bananére	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	ONVI	Ulisses Tavares	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	O ábaco do vô Felipe	Arthur Nestrovski	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Amor	Álvaro de Campos	Não	Poema	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
15	As sem-razões do amor	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Não	Não
16	Rancho das namoradas	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Introdução a pratica amorosa	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Amor	Raquel de Queiroz	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Dedicatória	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Quadras	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

21	Janela sobre herança	Eduardo Galeano	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Idolatria	Sergio Faraco	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	A incrível batalha contra os moinhos de vento	Miguel Cervantes	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Espanhol	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
9º.										
1	O vento assobia	Ricardo Silvestrini	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Vidas secas I	Graciliano Ramos	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Das duas uma	José Roberto Torero	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	O açúcar	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Amor é fogo que arde sem se ver	Luís de Camões	Não	Poema	Não	Português	Não		Não	Não
6	O arquivo	Victor Giudice	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Meninos carvoeiros	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

8	Casamento	Adélia Prado	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Apelo	Dalton Trevisan	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Soneto da separação	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Anímico	Adélia Prado	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	O padre Henrique e o dragão da maldade	Patativa do Assaré	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Vidas secas II	Graciliano Ramos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

7.13 PORTUGUÊS– A ARTE DA PALAVRA

João Carlos Rocha Campos

Flávio Nigro Rodrigues

Gabriela Rodella de Oliveira

Editora AJS

7.14 TRAJETÓRIAS DA PALAVRA – LÍNGUA PORTUGUESA

Celina Diaféria

Mayra Pinto

Editora Scipione, São Paulo 2010.

Ano/Série	Frequência de textos literários	Frequência de textos não literários	Nº de Autores Luso-Africanos	Nº. de Autores Afro-Brasileiros	Nº. de outros autores
6º.	18	63	0	0	5
7º.	27	38	0	1	9
8º.	36	28	0	1	5
9º.	27	44	0	1	2

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
6º.										
1	O chuveiro	Esmeralda do Carmo Ortiz	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Josefina	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Escrever um livro	Esmeralda do Carmo Ortiz	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	O diário de Zlata	Zlata Filipovic	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Saravejo	Não
5	Bicharia	Luiz Enriquez	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Argentino	Não
6	Direitos da criança	Telma Guimarães	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

7	A mãe d'Água	Ruth Guimarães	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	A Moura torta	Silvio Romero	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	As fadas	Charles Perrault	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Francês	Não
10	A dama e o leão	Irmãos Grimm	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Alemão	Não
11	Vossa insolência	Olavo Bilac	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	João Gostoso	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Mensagem	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Quadras	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
15	Nunca deixe seu filho mais confuso que você	Lourenço Diaféria	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Negócio de menino	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	No restaurante	Carlos Drummond de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Chatear e encher	Paulo Mendes Campos	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/ Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
7º.										
1	O bicho alfabeto	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Não	Não
2	Palavras aladas	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Não	Não
3	Violões que choram	Cruz e Souza	Não	Poema	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não
4	Colar de Carolina	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Enchente	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Rômulo Rema	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	O rouxinol e a Rosa	Oscar Wilde	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Irlandês	Não
8	Chapeuzinho Vermelho	Charles Perrault	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
9	Cauda Furta-cor	Lourenço Diaféria	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Fita verde no cabelo	Guimarães Rosa	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Chapeuzinho Vermelho	Rubem Alves	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Mboitatá	J. Simões Lopes Neto	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	A namorada	Manoel de	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Barros								
14	Registros de lagartixa nas ruínas	Manoel de Barros	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	A bomba suja	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	A dama e o cachorrinho	Anton Tchekhov	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Russo	Não
17	Pesquisa I	Luis Fernando Veríssimo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	A mulher que matou os peixes	Clarice Lispector	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	As comandantes	Eduardo Galeano	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Uruguaio	Não
20	O auto da compadecida	Ariano Suassuna	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	O médico e o monstro	Conan Doyle	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Escocês	Não
22	O travesseiro de plumas	Horacio Quiroga	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Uruguaio	Não
22	As mil e uma noites	Antoine Galland	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Árabe	Não
23	O retrato oval	Edgar Alan Poe	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Americano	Não
24	O passado e o futuro	Viale Moutinho	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Angola	Não
25	O caboclo e o Sol	Henriqueta Lisboa	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Minha sodade	Pativa do Assaré	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	A volta do guerreiro	Carlos D.	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		de Andrade								
--	--	---------------	--	--	--	--	--	--	--	--

Ano/ Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
8º										
1	Annabel Lee	Edgar Allan Poe	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Norte- americano	Não
2	Meu anjo	Álvares de Azevedo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Aos poetas clássicos	Patativa do Assaré	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Trem de ferro	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	A pesca	Affonso Romano de Sant'Anna	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Adormecida	Castro Alves	Não	Poema	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não
7	Luar	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Quadras ao gosto popular	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Sim	Não	Não	Não	Não
9	Cantiga	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	A estrela	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Balada do rei das	Manuel	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	sereias	Bandeira								
12	Razão de ser	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Matéria de poesia	Manoel de Barros	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Balada do amor através das idades	Carlos Drummond de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Ana Terra	Erico Veríssimo	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Rápido	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Um certo capitão Rodrigo	Erico Veríssimo	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Peru de Natal	Mário de Andrade	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Familiar	Jacques Prévert	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
20	Os sexos	Dorothy Parker	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
21	As namoradas mineiras	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Carta de Caminha	Pero Vaz de Caminha	Não	Carta	Não	Sim	Não	Não	Não	Não
23	O caso do menino do dedo roxo	Lourenço Diaféria	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	O andar	Joaquim	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Ferreira dos Santos								
25	Uma surpresa para Daphine	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	A carroça dos cachorros	Lima Barreto	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	São Paulo, abril chuento, chuento.	Fanny Abramovich	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	O esgotamento das gotas	Julio Cortazar	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Argentino	Não
29	Namorados	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Os astrônomos	Graciliano Ramos	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Alma minha gentil	Luis de Camões	Não	Poema	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
32	Conto de escola	Machado de Assis	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	Vou-me embora pra Pasárgada	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Venha pôr o sol	Lygia Fagundes Telles	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	Tempo de catástrofe pede que esmeremos nossa arte de viver	Lygia Fagundes Telles	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
36	O guarani	José de Alencar	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
9º										
1	O homem de cabeça de papelão	João do Rio	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	O homem do furo na mão e outras histórias	Ignácio de Loyola Brandão	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	A cartomante	Machado de Assis	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Anjo, bengala, retrato	Luiz Villela	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	O agente	Rubem Fonseca	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	A rã quis torna-se tão grande quanto o boi	La Fontaine	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
7	Fábula	Marçal Aquino	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Uma galinha	Clarice Lispector	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	O dia que matamos James Cagney	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	De onde vem o dinheiro	Leo Huberman	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não Não
11	Batismo de sangue	Frei Betto	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Adoniran: se o	Flávio	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	senhor não tá lembrado	Moura								
13	O guardador de rebanhos	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
14	Fabiano	Graciliano Ramos	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	O bem-amado	Dias Gomes	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Amor por Annexins	Artur de Azevedo	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	O amigo da onça	Anônimo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Liberdade - essa palavras	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Romance LX ou do caminho da fora	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Não sei, Marília, que tenho	Tomas Antonio Gonzaga	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Romance LXIII ou da Inconformada Marília	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Lira VIII	Tomas Antonio Gonzaga	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Romance LIX ou da reflexão dos justos	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Juízo anatômico da Bahia	Gregório de Matos Guerra	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

26	Era um sonho dantesco	Castro Alves	Sim	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	I Juca- Pirama	Gonçalves Dias	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

7.15 TUDO É LINGUAGEM Ana Maria Trinconi Borgatto Terezinha Costa Hashimoto Bertin Vera Lúcia de Carvalho Marchezi São Paulo: Ática, 2009.

Ano/Série	Frequência de textos literários	Frequência de textos não literários	Nº. de Autores Luso-Africanos	Nº. de Autores Afro-Brasileiros	Nº. de outros autores
6º.	19	61	0	0	19
7º.	22	70	0	0	00
8º.	23	49	1	1	21
9º.	19	86	0	0	00

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
6º.										
1	Vento	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	O caso do espelho	Ricardo Azevedo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

3	Os porcos do compadre	Pedro Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Toada	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Fiapo de trapo	Ana Maria Machado	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Seminário dos ratos	Lygia Fagundes Telles	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Quem sabe está ouvindo	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	História meio ao contrário	Ana Maria Machado	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	As luas de Luisa	Diléia Frate	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Um desejo e dois irmãos	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Mar azul	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	A menina e as balas	Georgina Martins	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Bem- te -vi	José de Nicola	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	A casa	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Sem casa	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Hora de dormir	Fernando Sabino	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Inutilidades	José Paulo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Paes								
18	O espelho dos nomes	Marcos Bagno	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	As sílabas	Luiz Tatit	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
7º.										
1	A aranha	Orígenes Lessa	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	A raposa e o corvo	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
3	Aconteceu alguma coisa	Carlos Drummond de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Os jornais	Rubem Braga	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Cotidiano	Flora Figueiredo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Alfabeto, autobiografia	Frei Betto	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Manuscrito encontrado numa garrafa	Edgar Allan Poe	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Norte-americano	Não
9	Mistério de amor	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

10	Tarde de verão	Estrela Bonini	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Melodia	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Olha	Millôr Fernandes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Na poça da rua	Millôr Fernandes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Pássaro em vertical	Libério Neves	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Traduzir-se	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	O bicho	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Aqui jaz o morcego	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	A rua das rimas	Guilherme Almeida	Não	Poemas	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Vaso de flores	Hayim Nachman Bialik	Não	Poemas	Não	Não	Não	Não	Viena	Não
20	Tecelagem	Sergio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	A realidade da vida	Patativa do Assaré	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Proibido ou permitido	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não ?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
8º										
1	O rei Gilgamesch	Ludimila Zeman	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	República Tcheca	Não
2	Os Lusíadas, canto V	Camões	Não	Poema	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
3	Odisseia	Homero	Não	Poema	Não	Não	não	Não	Grego	Não
4	Aos vinte anos	Aluisio de Azevedo	Sim	Conto	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não
5	Ngunga e Uassamba	Pepetela	Sim	Romance	Sim	Não	Não	Não	Angola	Não
6	Cidadezinha qualquer	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Altos e baixos	José Paulo Paes	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Brasileiros cem-milhões	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	A bola	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Ao shopping Center	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

11	Erro de português	Oswald de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	O homem e os quatro elementos	Roseana Murray	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	O tempo é um fio	Henriqueta Lisboa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	O tempo roda gira	Carlos Nejar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Rotação	Flora Figueiredo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Mudam-se os tempos	Camões	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Português	Não
16	Pedra	Arthur Nestrovski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	No meio do caminho	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	No caminho	Fernando Paixão	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	O lutador	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Paraíso	José Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Meus oito anos	Casemiro de Abreu	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Os meus otto anno	Juó Bananére	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Diálogo difícil	Ivan	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Ângelo								
--	--	--------	--	--	--	--	--	--	--	--

Ano/ Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não ?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
9º.										
1	A vida pelo telefone	Walcyr Carrasco	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	A letra e a cidade	Massin	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
3	Circuito fechado	Ricardo Ramos	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá	Marcelino Freire	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Bala perdida	Vilson Freire	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Pluvial	Augusto Campos	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Poesia concreta	Ronaldo Azeredo	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Janela sobre a palavra	Eduardo Galeano	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Uruguai	Não
9	Metonímia ou a vingança do enganado	Raquel de Queiroz	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	O livro dos	Ricardo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	sentidos	Azevedo								
11	Memórias póstumas de Brás cubas	Machado de Assis	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Dúvidas	Carlos Telles Queiroz	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Atitude suspeita	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	A marcha das utopias	Jose Paulo Paes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	O amor esse sufoco	Paulo Leminski	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	O pensamento	Guilherme Almeida	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Inscrição para uma lareira	Mario Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	Pronominais	Oswald de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Tropeços	Ivan Ângelo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

7.16 VIVA PORTUGUÊS

Elizabeth Marques Campos

Paula Cristina Cardoso

Silvia Letícia de Andrade

Editora Ática, São Paulo 2010.

Ano/ Série	Frequência de textos literários	Frequência de textos não- literários	Nº. de Autores Luso- Africanos	Nº. de Autores Afro-Brasileiros	Nº de outros autores
6º.	39	37	0	0	4
7º.	43	54	0	0	0
8º.	27	62	0	0	3
9º.	17	44	0	1	0

Ano/ Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Nao?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
6º.										
1	A vontade do falecido	Stanislaw Ponte Preta	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Cantiga de viúvo	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Dialogo de festas	Stanislaw Ponte Preta	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	O rato do campo e o rato da cidade	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
5	O menino no espelho	Fernando Sabino	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Dúvida	Mirta Aguirre	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Expição	Mirta Aguirre	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	A banda	Chico Buarque	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Festa de aniversário	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
10	Festa de criança	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	Os dois ratinhos	Ana Maria Machado	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Burro sentado	Dilea Frate	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	A bola	Luis Fernando	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

		Veríssimo								
14	Controle remoto	Mario Prata	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Pai não entende não	Luis Fernando Veríssimo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	O diálogo dos tempos	José Roberto Torero	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	A última crônica	Fernando Sabino	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	O homem que enxergar a morte	Ricardo Azevedo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Disque fantasma	Eva Ibbotson	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
20	A menina enterrada viva	Câmara Cascudo	Não	Contos	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	Fatura, Amor e Sucesso	Alexandre Rangel	Não	Parábola	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Sem medo do medo	Tatiana Belinki	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	Companhia à noite	Orígenes Lessa	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Cinco cipestre, vezes dois	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Carvões para lareira do diabo	Regina Machado	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Irlandês	Não
26	Eu vi	Elias José	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

27	História do bebum	Tatiana Belinki	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
28	Canção entre parênteses	Guilherme de Almeida	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
29	Mãe	Sérgio Caparelli	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
30	Mãe	Gilberto de Mendonça Teles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
31	Pequena canção	Heinrich Heine	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Alemão	Não
32	Amigos do peito	Cláudio Thebas	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	Dona Ana vai à feira	Lidia Izcson de Carvalho	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
34	Rema e variações	Manuel Bandeira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
35	Liberdade	Fernando Pessoa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
36	Família desencontrada	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
37	Canção de primavera	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	Canção de inverno	Mário Quintana	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
39	Fio de fala	Alcides Buss	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro.	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade	Não identificado
-----------	----------------	-------	------------	--------	-----	-----------	-----	------------	---------------------	------------------

			Sim ou Não?						(Qual?)	
7º										
1	Um amigo para sempre	Marina Colasanti	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	O poeta	Oscar Wilde	Não	Crônica	Não	Não	Não	Não	Irlandês	Não
3	O olho torto de Alexandre	Graciliano Ramos	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	A preguiça	Câmara Cascudo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	O torcedor	Carlos D. de Andrade	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	O caso da bicicleta	Geraldinho de Goiás	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	O sapo e o boi	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
8	A rã e o boi	Esopo	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
9	A perdiz e a raposa	Fedro	Não	Fábula	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
10	Fábula da raposa e do mocho	Teófilo Braga	Não	Fábula	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
11	A raposa e o canção	Gustavo Barroso	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
12	Cunhataí	Maria Filomena Lepecki	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	O linguajar cearense	Josemir A. de Lacerda	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	De cima para baixo	Artur Azevedo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

15	Hierarquia	Millôr Fernandes	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Exílio	Lau Siqueira	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Infância	Graciliano Ramos	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
18	O egoísmo da onça	Monteiro Lobato	Não	Fábula	Não	Não	Não			
19	A águia e a coruja	Portuguesa	Não	Fábula	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
20	A coruja e águia	Monteiro Lobato	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	A rã e o boi	Millôr Fernandes	Não	Fábula	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	Seu doto me conhece?	Patativa do Assaré	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	O poeta da roça	Patativa do Assaré	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	A lua	Catherine e Claude Ragache	Não	Conto	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
25	O colar de pérolas e a lenda dos vaga-lumes	Rouxinol do Rinaré	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
26	Uma cidade de carne e osso	Maria José Silveira	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	ABC do nordeste flagelado	Patativa do Assaré	Não	Poema	Não	Não		Sim	Não	
28	O nordestino	Patativa do	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	em são Paulo	Assaré								
29	O mito de Amaterasu	Conto Japonês	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Japonês	Não
30	O mito de Teseu	Mito grego	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
31	O mito de Hetu	Mito grego	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
32	O caminho das pedras	Eliana Martins e Rosana Rios	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
33	A arca de Noé	Claude e Catherine Ragache	Não	Conto	Não	Sim		Não	Português	Não
34	Drácula	Bram Stoker	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Irlandês	Não
35	A aranha cartomante	Walmir Ayala	Não	Teatro	Não	Não		Sim		
36	Jasão e Pélias	Mito grego	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
37	O dia de Alan	Vladimir Capela	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
38	Píramo e Tisbe	Mito grego	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Grego	Não
39	Sonho de uma noite de verão	William Shakespeare	Não	Teatro	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
40	O curupira	Roger Mello	Não	Teatro	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
41	Espelho maldito	Giselda Laporta	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
42	Estranhas gentilezas	Ivan Ângelo	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
43	Os terroristas	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/ Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
8º.										
1	O primeiro amor	Ana Miranda	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
2	Por amor a arte - Aleijadinho	Manuel Bandeira	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Brincadeira	Anton Tchekhov	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Ucrânia	Não
4	Na rua feia	Abgar Renault	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	Stela me abriu a porta	Marques Rebelo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	Rosa regada	Amílcar Bettega Barbosa	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	O amor bate na aorta	Carlos D. de Andrade	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	Soneto de amor total	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
9	Ódio?	Florbela Espanca	Não	Poema	Não	Sim	Não	Não	Português	Não
10	Devo igualar-te a um dia de verão?	William Shakespeare	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
11	O começo do século não é	Ulisses Tavares	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

	o fim da poesia									
12	Pirilampos	Henriqueta Lisboa	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	O relógio	Vinicius de Moraes	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Caseiro	Paulo Seben	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	Serenata	Cecília Meireles	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	A estrela	Ferreira Gullar	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	Meu Portugal	Florbela Espanca	Não	Poema	Não	Não	Não	Não	Português	Não
18	Futebol trinta por trinta	Thiago de Mello	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
19	Suspeitos de papel	Ivan Jaf	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
20	Meus segundos quinze anos	Silvia Orthof	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
21	O preço- parte I- Senhora	José de Alencar	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
22	A muralha	Dinah Silveira de Queiroz	Não	Romance	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
23	O sonho dos adolescentes	Contardo Calligaris	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
24	Uma vida em segredo	Autran Dourado	Não	Novela	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
25	Cyrano de	Edmond	Não	Teatro	Não	Não	Não	Não	Francês	Não

	Bergerac	Rostand								
26	O gato	Marina Colasanti	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
27	O que é a gaivota	Jairo Aníbal Niño	Não	Poema	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

Ano/Série	Título da obra	Autor	Tema Afro. Sim ou Não?	Gênero	L-A	Português	A-B	Brasileiro	Outra nacionalidade (Qual?)	Não identificado
9º.										
1	O coração comido	Gilles Massardier	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Francês	Não
2	Conspiração	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
3	Não é por inveja	Ivanir Calado	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
4	O tio pródigo	Moacyr Scliar	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
5	História de pai e filho	Dalton Trevisan	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
6	O que resolveu contar apenas mentiras	Ignácio de Loyola Brandão	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
7	Talismã	Ivan Ângelo	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
8	O assassinato do mandarim	Arnold Bennett	Não	Conto	Não	Não	Não	Não	Inglês	Não
9	Corinthians (2) x Palestra(1)	Antonio de Alcântara Machado	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

10	O homem de cabeça de papelão	João do Rio	Sim	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
11	A metamorfose	Franz kafka	Não	Romance	Não	Não	Não	Não	Alemão	Não
12	O peso do estereótipo	Moacyr Scliar	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
13	Recuperando a forma	Walcyr Carrasco	Não	Conto	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
14	Vista cansada	Otto Lara Resende	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
15	O amor por entre o verde	Vinicius de Moraes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
16	Mulher do coco de cachorro	Pedro Doria	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
17	O amor acaba	Paulo Mendes	Não	Crônica	Não	Não	Não	Sim	Não	Não

ANEXO 3

LIVROS INFANTIS E JUVENIS DE TEMÁTICA AFRICANA RECOMENDÁVEIS

GOMES, Lenice et al. *Nina África: contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades*. São Paulo, Elementar, 2009.

LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia* (32ª ed.). São Paulo, Brasiliense, 1996.

LODY, Raul. *As gueledés: a festa das máscaras*. Rio de Janeiro, Pallas, 2010.

MATÉ. *A primeira máscara*. São Paulo, Noovha América, 2009.

THEODORO, Helena. *Os ibejis e o carnaval*. Rio de Janeiro, Pallas, 2009.

ALENCAR, Nezite. *Afro-Brasil em cordel*. São Paulo, Paulus, 2007.

ALMEIDA, Gercilga de. *Bruna e a galinha d'Angola*. Rio de Janeiro, EDC e Pallas, 2006.

ASARE, Meshack. *O chamado de Sosu*. Trad. Maria Dolores Prades. São Paulo, Edições SM, 2005.

_____. *A cabra mágica*. Trad. Cláudia Ribeiro Mesquita. São Paulo, Edições Sm, 2007.

BARBOSA, Rogério Andrade. *Madiba, o menino africano*. São Paulo, Cortez, 2011.

BRANDÃO, Toni. *Nzuá e a cabeça*. São Paulo, Melhoramentos, 2009.

RANDÃO, Toni. *A preferida do rei*. São Paulo, Melhoramentos, 2009.

BRANDÃO, Toni. *Como as cabras foram domesticadas*. São Paulo, Melhoramentos, 2009.

BARBOSA, Rogério Andrade. *ABC do continente africano*. São Paulo, SM, 2007.

BARBOSA, Rogério Andrade. *Contos ao redor da fogueira*. Rio de Janeiro, Agir, 1990.

BARBOSA, Rogério Andrade. *Jambo!: uma manhã com os bichos da África*. São Paulo, Melhoramentos, 2009.

BARBOSA, Rogério Andrade. *Pigmeus, os defensores da floresta*. São Paulo, DCL, 2009.

BARBOSA, Rogério Andrade. *O senhor dos pássaros*. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

_____. *Irmãos Zulus*. São Paulo, Larousse do Brasil, 2006.

- _____. *Os três presentes mágicos*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. *Uma ideia luminosa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- _____. *Os gêmeos do tambor*. São Paulo: DCL, 2007.
- _____. *Não chore ainda não*. São Paulo, Larousse do Brasil, 2007.
- _____. *O segredo das tranças e outras histórias africanas*. São Paulo: Scipione, 2007.
- _____. *Três contos africanos de adivinhação*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- _____. *Nyangara Chena, a cobra curandeira*. São Paulo: Scipione, 2006.
- _____. *Outros contos africanos para crianças brasileiras*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. *Três contos da sabedoria popular*. São Paulo: Scipione, 2005.
- _____. *Contos africanos para crianças brasileiras*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Como as histórias se espalharam pelo mundo*. São Paulo: DCL, 2002.
- _____. *Histórias africanas para contar e recontar*. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.
- _____. *O filho do vento*. São Paulo: DCL, 2001.
- _____. *Duula, a mulher canibal*. São Paulo: DCL, 1999.
- _____. *A tatuagem*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- _____. *Contos ao redor da fogueira*. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
- _____. *Bichos da África: lendas e fábulas*. (4ª ed.). São Paulo: Melhoramentos, 1997.
- BRAZ, Júlio Emílio. *Lendas da África*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. *Sikulume e outros contos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- BORGES, Rogério. *O negrinho Ganga Zumba*. São Paulo: Editora do Brasil, 1988.
- BREITMAN, André Koogan. *Por que o sol e a lua vivem no céu: um conto popular africano*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.
- CANTON, Katia. *Entre o rio e as nuvens: algumas histórias africanas*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 1997.

- CARREIRA, Denise. *Lendas africanas: e a força dos tambores cruzou o mar*. São Paulo: Salesiana, 2008.
- CASTANHA, Marilda. *Agbalá, um lugar-continente*. São Paulo: Cosac Naif,y, 2007.
- CHAVES, Rita (Sel. e Org.). *Contos africanos dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009 (Col. Para gostar de ler; 44)
- CENDRARS, Blaise. *Pequenos contos negros também para crianças brancas*. Trad. Ana Maria Lisboa de Mello. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- COUTO, Mia. *O beijo da palavrinha*. Rio de Janeiro:Língua Geral, 2006.
- CUNHA, Carolina. *Caminhos de Exu*. São Paulo: Edições SM, 2005.
- _____. *Eleguá*. São Paulo: Edições SM, 2007.
- _____. *Yemanjá*. São Paulo: Edições SM, 2007.
- _____. *Aguamenon*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *ABC afro-brasileiro*. São Paulo: SM, 2009.
- DALY, Niki. *Cadê você, Jamela?* Trad. Luciano Machado. São Paulo: SM, 2006.
- _____. *O que tem na panela, Jamela?* Trad. Luciano Machado. São Paulo: SM, 2006.
- _____. *Feliz aniversário, Jamela!* Trad. Luciano Machado. São Paulo: SM, 2009.
- DIALLO, Mamadou. *Os chifres da hiena e outras histórias da África Ocidental*. Trad. Annita Costa Malufe. São Paulo: Edições SM, 2007.
- D'ZAMBÊ, Júlio e Débora. *Como o criador fez surgir o homem na Terra e outras histórias da tradição zulu*. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.
- EISNER, Will. *Sundiata, o leão do Mali: uma lenda africana*. Trad. Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FERNANDES, Maria Celestina. *A árvore dos gingongos*. São Paulo: DCL, 2009.
- FERRAUD, Marie (Sel. e Adap.). *Contos africanos*. Trad. António Manuel Couto Viana et al. Lisboa; São Paulo:Verbo, 1977.
- GALDINO, Luiz. *Mwindo e o dragão*. 3 ed. São Paulo: FTD, 1995.
- GAY-PARA, Praline. *O príncipe corajoso e outras histórias da Etiópia*. Trad. Luciano Loprete. São Paulo: SM, 2007.
- GLASGOW, Roy Arthur. *Nzinga*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- GIOIELLI, Décio. *A mbira da beira do rio Zambeze*. São Paulo: Moderna, 2007.
- JOSÉ, Ganymédes. *Na terra dos orixás*. São Paulo: Editora do Brasil, 1988.

- KALEKI. *Anansi, o velho sábio*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.
- KILAKA, John. *A árvore maravilhosa: um livro ilustrado da Tanzânia*. Tradução Christine Röhrig. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- KREBS, Laurie. *Um safári na Tanzânia*. Trad. Cláudia Ribeiro Mesquita e Heitor Ferraz Mello. São Paulo, SM, 2007.
- LANE, Sandra. *Histórias da nossa gente*. 2 ed. Belo Horizonte: Aletria, 2007.
- LIMA, Heloisa Pires. *Histórias da Preta*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.
- LIMA, Heloísa Pires, ANDRADE, Rosa Maria Tavares. *Lendas da África moderna*. São Paulo: Elementar, 2010.
- LIMA, Heloísa Pires. *A semente que veio da África*. São Paulo: Salamandra, 2005.
- MACHADO, Ana Maria. *Do outro lado tem segredos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- MANDELA, Nelson (Sel.). *Meus contos africanos*. Trad. Luciana Garcia. São Paulo, Martins Fontes, 2009.
- MARTINS, Adilson. *O papagaio que não gostava de mentiras e outras fábulas africanas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- _____. *Erinlé, o caçador e outros contos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- _____. *Lendas de Exu*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- MARTINS, Georgina. *Meu tataravô era africano*. São Paulo: DCL, 2008.
- MEDEARIS, Angela Shelf. *Os sete contos: um conto de kwanaa*. Trad. André Jenkino do Carmo. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MHLOPHE, Gcina. *Histórias da África*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.
- ONDJAKI. *O leão e o coelho saltitão*. Rio de Janeiro: Língua geral, 2009.
- ORTHOFF, Sylvia. *O rei preto de Ouro Preto*. São Paulo: Moderna, 1997.
- PINGUILLY, Yves. *Contos e lendas da África*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Rua Luanda*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Histórias trazidas por um cavalo-marinho*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. *Os reizinhas do Congo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

PRANDI, Reginaldo. *Os príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

_____. *Ifá, o adivinho: histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos*. São Paulo: Companhia. das Letrinhas, 2002.

_____. *Xangô, o trovão: outras histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos*. São Paulo: Companhia. das Letrinhas, 2003.

_____. *Oxumarê, o arco-íris: mais histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos*. São Paulo: Companhia. das Letrinhas, 2004.

PRANDI, Reginaldo. *A criação do mundo: contos e lendas afro-brasileiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

QUENTIN, Laurence. *Ao sul da África: na África do Sul, os ndebeles. No Zimbábue, os xonas. Em Botsuana, os bosquímanos*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

ROSÁRIO, Lourenço do. GODINHO, Maria Luísa (orgs). *O conto moçambicano: da oralidade à escrita*. Rio de Janeiro: Te Corá Editora, 1994.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: história e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Gosto de África: histórias de lá e daqui*. São Paulo: Global, 1999.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Dudu Calunga*. São Paulo: Ática, 1998.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O saci e o curupira*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Sabor de África: histórias daqui e de lá*. São Paulo: Global, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Rainha Quiximbi*. São Paulo: Ática, 1986.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Uma festa no céu*. 3ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1987.

SAÚTE, Nelson. *O homem que não podia olhar para trás*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

SAVAGET, Luciana. *Sua majestade, o elefante: contos africanos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SELLIER, Marie. *A África, meu pequeno Chaka*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

SILVA, Fernando Correia da. *Maravilhas do conto africano*. Trad. de Maria Adelaide Baptista Nunes. São Paulo: Cultrix, 1962.

- SILVA, Fernando Correia da. Contos africanos.. Trad. de Maria Adelaide Baptista Nunes Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- SISTO, Celso. *Mãe África*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SISTO, Celso. *Lebre que é lebre não mia*. São Paulo: Larousse, 2007.
- SISTO, Celso. *O casamento da princesa*. São Paulo: Prumo, 2009.
- SISTO, Celso. *Raio de sol, raio de lua*. Ilustrações de Maurício Negro. São Paulo: Prumo, 2011.
- SISTO, Celso. *A dona do fogo e da água*. Ilustrações de Rubem Filho. São Paulo: Mundo Mirim, 2012. 32p.
- SISTO, Celso. *O acaçá de cada um*. Ilustrações de Andrea Ebert. Rio de Janeiro: Galera Record, 2012. 46p.
- SOLER-PONT, Anna. *O príncipe medroso e outros contos africanos*. Trad. Luis Reyes Gil. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- SUNNY. *Uloma: a casa da beleza e outros contos*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. *Contos da lua e da beleza perdida*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- TANAKA, Beatrice. *No país do saci: contos afro-brasileiros*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.
- VALE, Fernando. *Contos tradicionais dos países lusófonos*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- VALE, Fernando. *Histórias portuguesas e angolanas para as crianças*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- VALE, Fernando. *Histórias portuguesas e cabo-verdianas para as crianças*. Lisboa, Instituto Piaget, 2004.
- VALE, Fernando. *Histórias portuguesas e moçambicanas para as crianças*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- VALE, Fernando. *Histórias portuguesas e guineenses para as crianças*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- VALE, Fernando. *Histórias portuguesas e são-tomenses para as crianças*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

JUVENIS

- AYOH'OMIDIRE, Félix. *Pèrègùn e outras fabulações da minha terra: contos cantados ioruba-africanos*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2006.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Kalahari, uma aventura no deserto africano*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- BEATA DE YEMONJÁ, Mãe. *Caroço de dendê, a sabedoria dos terreiros: como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos* 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- COUTO, Mia. *O fio das miçangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- COUTO, Mia. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- FORD, Clyde W. *O herói com rosto africano: mitos da África*. Trad. Carlos Mendes Rosa. São Paulo, Summus, 1999.
- FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmem. *As melhores histórias da mitologia africana*. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 2008.
- FROBENIUS, Leo; FOX, Douglas C. *A gênese africana: contos, mitos e lendas da África*. São Paulo: Landy, 2005.
- KOROUMA, Ahmadou. *Homens da África*. Trad. Roberta Barni. São Paulo:SM, 2009.
- MOUTINHO, Viale (org.). *Contos populares de Angola: folclore quibundo*. 4 ed. São Paulo: Landy, 2002.
- MWANGI, Meja. *Mzungu*. Trad. Marcelo Pen. São Paulo: Edições SM, 2006.
- OLINTO, Antonio. *A casa da água* (Trilogia Alma da África, volume 1). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. *O rei de Keto* (trilogia Alma da África, volume 2). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. *Trono de vidro* (Trilogia Alma da África, volume 3). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- PETROVICH, Carlos & MACHADO, Vanda. *Irê Ayó: mitos afro-brasileiros*. Salvador: EDUFBA, 2004.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SANTOS, Deoscoredes M. dos. *Contos negros da Bahia e contos de nagô*. Salvador: Corrupio, 2003.